



TEATRO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Privateite. A história do Brasil. Possesiros e Fazendeiros. Trapulha. De quando Benedito foi acampar. Bem na foto. Contraponto. Paga Zé. Como o fazendeiro sofre. Campo de guerra; a sala de aula. A apulha. A Farsa da Justiça Burguesa. Mulher da roça. Por estes Santos Latifúndios. A luta do campo. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Exploração do trabalho. A Bundade do Patrião. Trapulha. De quando benedito foi acampar. A Farsa da Justiça Burguesa. Paga Zé. A luta do camponês contra o capeta. A história do Brasil. Contraponto. Possesiros e Fazendeiros. Bem na foto. Campo de guerra. Como o fazendeiro sofre. Privateite. Por estes Santos Latifúndios. Exploração do trabalho. A Farsa da Justiça Burguesa. Mulher da roça. A Bundade do Patrião. A história do Brasil. Alcapeta. Possesiros e Fazendeiros. Como o fazendeiro sofre. Paga Zé. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Contraponto. De quando Benedito foi acampar. Bem na foto. Possesiros e Fazendeiros. Exploração do trabalho. Por estes Santos Latifúndios. A história do Brasil. Campo de guerra; a sala de aula. Privateite. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Contraponto. A luta do camponês contra o agronegócio. Paga Zé. Bem na foto. Privateite. A história do Brasil. Possesiros e Fazendeiros. Trapulha. De quando Benedito foi acampar. Bem na foto. Contraponto. Paga Zé. Como o fazendeiro sofre. Campo de guerra; a sala de aula. A apulha. A Farsa da Justiça Burguesa. Mulher da roça. Por estes Santos Latifúndios. A luta do campo. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Exploração do trabalho. A Bundade do Patrião. Trapulha. De quando benedito foi acampar. Paga Zé. **VOLUME 2 - TEATRO ÉPICO** A luta do camponês contra o capeta. A história do Brasil. Contraponto. Possesiros e Fazendeiros. Bem na foto. Campo de guerra. Como o fazendeiro sofre. Privateite. **Caderno das Artes - Rede Cultural da Terra** A Farsa da Justiça Burguesa. Mulher da roça. A Bundade do Patrião. A história do Brasil. Alcapeta. Possesiros e Fazendeiros. Como o fazendeiro sofre. Paga Zé. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Contraponto. De quando Benedito foi acampar. Bem na foto. Possesiros e Fazendeiros. Exploração do trabalho. Por estes Santos Latifúndios. A história do Brasil. Campo de guerra; a sala de aula. Privateite. A peleja do boi bumbá contra a águia imperiã. Contraponto. A luta do camponês contra o agronegócio. Paga Zé. Bem na foto.

Novembro, 2007

Teatro e transformação social

Vol. 2

Teatro Épico

Expediente:

Centro de Formação e Pesquisa Contestado
Rua Dr. Rubens Meireles, 136 - Barra Funda
CEP: 01141-000 - São Paulo - SP
CNPJ: 78.497.211/0001-79
cultura@cepatec.org.br

Organização:

Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré

Revisão de texto:

Iná Camargo Costa

Capa:

Felipe Canova

Foto da capa:

Valter Campanato/ABr

Foto das orelhas:

Arquivo da Brigada Nacional Patativa do Assaré

Diagramação:

Fábio Carvalho

Legenda das fotos:

Capa: 4º etapa do teatro procissão sobre a história da luta pela terra contada pelo ponto de vista dos trabalhadores rurais, apresentada na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, no dia 17 de maio de 2005 no Congresso Nacional, em Brasília.

Fotos das peças, na sequência da orelha esquerda para a direita, de cima para baixo: A luta do camponês contra o agronegócio, elaboração de adereços em oficina com CTO, Possesiros e Fazendeiros, Morte aos brancos, Contradição do capitalismo, Intervenção Eldorado dos Carajás, A peleja de boi bumbá contra a águia imperiá, A farsa da justiça burguesa, laboratório de encenação com CTO, A história do Brasil, Paga Zé e Pinóquio.

Tiragem:

3.000 exemplares

O livro “Teatro e Transformação Social” é uma publicação do Centro de Formação e Pesquisa Contestado, por meio do convênio: CEPATEC/FNC/MINC/00463/2006.

SUMÁRIO

Prefácio

Ações contra-hegemônicas exemplares	5
---	---

Apresentação	9
---------------------------	---

Teatro e Reforma Agrária: A experiência

da Brigada Patativa do Assaré	12
-------------------------------------	----

Teatro Fórum

Exploração do trabalho	26
------------------------------	----

Como o fazendeiro sofre	34
-------------------------------	----

Contraponto	46
-------------------	----

Paga Zé	67
---------------	----

Trapulha	78
----------------	----

Posseiros e fazendeiros	106
-------------------------------	-----

Por estes santos latifúndios	139
------------------------------------	-----

A farsa da justiça burguesa	165
-----------------------------------	-----

Alcapeta	175
----------------	-----

Referências bibliográficas	202
---	-----

PREFÁCIO

Ações contra-hegemônicas exemplares

Iná Camargo Costa

A forma hegemônica de representação da realidade, tal como veiculada pela totalidade dos meios de comunicação e informação, ou indústria cultural, é pautada por alguns valores básicos. A propriedade privada dos meios de produção e a exploração do trabalho são seus fundamentos. E os valores são os seguintes: livre iniciativa (a que chamam liberdade), concorrência (de todos contra todos) e ação individual (cada um por si) na busca desenfreada de sucesso e celebridade. O sucesso se traduz na capacidade de consumo, igualmente desenfreado, e se confirma pela ostentação dos bens consumidos. Tal ostentação deve estimular a inveja e a vontade de emulação por parte dos demais que, acreditando na lenda, dão individualmente início a novo ciclo de iniciativa, competição, ação individual predatória, sucesso etc. Mas a propriedade privada dos meios de produção e a exploração do trabalho alheio nunca aparecem como o fundamento do espetáculo e assim, o “segredo do sucesso”, que depende delas, permanece guardado a sete chaves. Na falta desta informação básica, a grande massa dos consumidores da informação produzida pela indústria cultural compra a mentira de que bastam a autoconfiança, o esforço individual e os próprios méritos para se qualificar à corrida pelo sucesso.

Denunciar e desqualificar todo tipo de ação coletiva, tanto na vida quanto na produção cultural, é a tarefa política

essencial da indústria cultural. A mesma violência com que vidas são suprimidas em assassinatos de militantes dos movimentos sociais é exercida pela indústria cultural quando esta suprime o ponto de vista de todas as vítimas da prepotência dos proprietários dos meios de produção. Uma coisa não vai sem a outra: o cultivo dos valores hegemônicos depende do combate permanente aos valores do adversário de classe.

O combate à ideologia dominante, por isso mesmo, faz parte dos nossos processos de luta contra a dominação. Para além dos desenvolvidos nas lutas mais imediatas de enfrentamento do latifúndio e do agronegócio que se traduzem na força da organização, o MST já desenvolve há alguns anos a luta mais sistematizada na frente cultural. Este livro dá conta da experiência de luta na frente teatral, da organização das brigadas de teatro e das suas pautas específicas, escrevendo mais um capítulo da luta do MST na trincheira ideológica.

É uma seleção das peças encenadas pelas brigadas precedida de um breve relato analítico sobre suas pautas de luta e as condições em que elas foram produzidas. Por isso mesmo, boa parte delas mostra os meios de comunicação produzindo mentiras sobre o MST, apenas a versão do latifúndio sobre os enfrentamentos e a justiça como arma adicional da dominação de classe. Outras mostram a escola pública como lugar de transmissão de mentiras de todos os tipos e, pior, como um lugar onde se praticam vários tipos de discriminação, a começar por aquele de que são vítimas as crianças do MST, as sem-terrinha. Tratam ainda da persistência da incompreensão do papel da mulher e do exame crítico das relações de poder no próprio interior do movimento, do papel do imperialismo nos países latinoamericanos e das variadas táticas, todas violentas, do latifúndio e do agronegócio na luta encarniçada por seus próprios interesses. Isto para dar apenas uma visão

panorâmica. E como todas são intervenções artísticas de caráter político em momentos e em formas específicas das lutas travadas nos últimos anos, suas formas são muito variadas, tendo sido agrupadas sob três conceitos (teatro fórum, teatro épico e agitprop) apenas para dar notícia da evolução dos processos.

Compreendendo o papel devastador da cultura hegemônica, os militantes do MST entenderam que o seu combate exigia a construção de suas próprias formas de representação estético-política da experiência social e a invenção de suas próprias formas de ação cultural contra-hegemônica. Mas já sabia que não seria necessário inventar a roda: para a sua ação, levou a efeito uma bela colheita de exemplos na história das lutas sociais locais e mundiais iniciadas oficialmente em 1848 (quando pela primeira vez, em Paris, os trabalhadores enfrentaram a burguesia de armas na mão e construíram barricadas para se defender dos canhões). É por isso que estes textos reaproveitam a experiência brasileira do Teatro de Arena, do CPC, e do MCP e a internacional, começando pela latinoamericana e culminando com a reelaboração de peças de Brecht, considerado o maior dramaturgo do século XX justamente por sua atuação radical no teatro, na política e na teoria.

Para além de servir ao objetivo de dar continuidade à formação de brigadas teatrais, este livro tem um outro alcance. Como o movimento já começou a estabelecer conexões com diferentes coletivos de luta social e cultural em centros urbanos, além de apresentar materiais com que discutir suas diversas pautas, ele é um desmentido concreto a todos os vetos da cultura dominante, entre os quais o de que não se pode tratar diretamente de questões políticas, ou o de que não é possível escrever e encenar uma peça interessante sem ação dramática e indivíduos bem caracterizados.

Finalmente, vale a pena destacar pelo menos um dentre os inúmeros feitos artísticos documentados pelo livro, que se encontra na peça *Alcapeta*. Ela realiza uma das mais difíceis propostas de Brecht (refuncionalização de clichês) pela simples operação de colocar o olhar do MST sobre um dos mais antigos preconceitos da dramaturgia brasileira (e mundial, pois já existia no teatro grego). Trata-se da figura do caipira, ou do rústico (na catalogação dos gregos), vítima das pretensões de superioridade dos cidadãos, desde sempre apresentado como mentalmente inferior e por isso incapaz de falar corretamente ou de entender as convenções da vida supostamente sofisticada nas cidades. Pois bem, a peça referida apresenta um tipo que, por falar a língua caipira e ter uma inteligência e um senso de humor raros, cria uma série prodigiosa de piadas em diálogo com um jovem que participa do combate à ALCA. Ao final da conversa, em meio a risos que vão do sorriso à gargalhada, ficamos sabendo do preço que pagaremos se essa malfadada iniciativa do imperialismo americano prosperar. Mas este é o objetivo da peça (plano do conteúdo). Seu feito formal foi, ao refuncionalizar o clichê do caipira, mostrar objetivamente a diferença entre rir *de* alguém e rir *com* alguém. No primeiro caso, o riso é violência e demonstração da pretensão de superioridade de quem ri; no segundo, caso desta peça, é a rara experiência da igualdade social no reconhecimento da inteligência do piadista, capaz de rir até de si mesmo. E isto sem falar na ampliação dos recursos da língua, disponibilizada pelo reconhecimento dos direitos estéticos do falar caipira. Não é todo dia que isso acontece!

Este é apenas um exemplo de tudo o que se pode aprender e conquistar em termos de experiência que sempre é ao mesmo tempo estética e política. Cada peça do livro tem pelo menos mais um.

APRESENTAÇÃO

Quando escutamos que o projeto de Reforma Agrária defendido pelo MST é radical, há duas possibilidades de interpretação distintas para a afirmação. A interpretação corrente na grande imprensa adota a linha depreciativa, associando a palavra “radical” a extremismo político, de caráter inconseqüente e desordeiro. A outra perspectiva é a que se faz fiel ao sentido semântico da palavra “radical”, como um projeto de Reforma Agrária que se propõe ir à raiz do problema, questionando os pilares de estruturação do sistema agrário do país, de caráter monopolista e monocultor destinado à exportação, de forte traço autoritário e superexplorador no que concerne às relações de trabalho.

O MST compreende que a luta pela Reforma Agrária não se resume à conquista da terra para que nela os camponeses possam plantar. Atualmente a Reforma Agrária se tornou mais complexa com a forte presença dos capitais estrangeiros, das transnacionais e grandes grupos econômicos que controlam a agricultura brasileira. A concepção clássica da Reforma Agrária como um meio de desenvolvimento do mercado interno através da democratização do acesso à terra não corresponde às formas atuais de acumulação capitalista. O centro da acumulação se transferiu para o mercado financeiro e o capital internacional. É a aliança entre o capital financeiro e a monocultura monopolista para exportação a lógica econômica e política da agricultura brasileira.

Entendemos que não há perspectiva emancipatória com a manutenção do sistema regido pelas leis do capital.

Ao assumirmos a radicalidade do projeto de Reforma Agrária, assumimos a perspectiva anti-sistêmica. Estamos falando de um projeto que priorize a descentralização da propriedade privada e viabilize um novo modelo de produção e sociedade. Um projeto de Reforma Agrária que reestruture a totalidade da produção da vida social, o que implica novos valores, novos significados e o enfrentamento à hegemonia do capital. Hegemonia esta que configura-se pela propriedade dos meios de produção, pelo controle do Estado e pelo monopólio dos meios de comunicação.

Com o controle das elites econômicas sobre os meios de produção da televisão, do cinema, do rádio, de jornais e revistas, há a produção da legitimação de um imaginário e de uma idéia de realidade que suprime o ponto de vista das classes populares. Com o discurso único das elites ocorre um complexo processo de naturalização da barbárie, das desigualdades sociais estabelecidas e das relações políticas (ou de poder).

Contra o monopólio dos meios de representação da “realidade”, um projeto de transformação precisa se contrapor com técnicas e linguagens capazes de colocar em xeque as formas de dominação, gerar alternativas coletivas, apontar caminhos para outras formas de organização social. Para a efetivação de um projeto de Reforma Agrária de cunho socialista seria preciso assumir a batalha também no front da cultura, qualificando militantes técnica e politicamente para iniciar um processo de construção coletiva de um imaginário descolonizado e livre dos valores mercantis.

Conscientes de que a efetivação de um projeto de Reforma Agrária radical implica a socialização da terra e a construção de uma nova forma de sociedade, e que isso não

se realizará sem a eliminação dos latifúndios da comunicação, da educação e da cultura, é que se constituiu o Coletivo de Cultura do MST e a *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré*.

Neste livro, apresentamos a história da formação da *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré*. São reelaborações e sínteses da produção teórica e uma seleção das peças produzidas até o momento. Apresentaremos os processos de formação coletiva pelo qual passou a Brigada, tendo como pressuposto a socialização dos meios de produção teatral. Uma vez constituídos os primeiros grupos, a percepção efetiva de que a produção cultural pode assumir formas de intervenção política nos levou a orientar nossas produções neste sentido: de confronto na luta de classes. Complementa os pressupostos das experiências da Brigada a compreensão de que o potencial político de nossa intervenção artístico-cultural depende da apropriação das formas críticas de representação da realidade.

Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré

Teatro e Reforma Agrária:

A experiência da Brigada Patativa do Assaré

Penso que todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo os utilize, à sua maneira e para os seus fins.

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

1 - Histórico da Brigada Patativa do Assaré

A *Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré* nasceu em junho de 2001, no Rio de Janeiro, durante a realização da segunda etapa nacional de formação de curingas com Augusto Boal e o Centro do Teatro do Oprimido - CTO. A parceria estabelecida entre o MST e o CTO previa o treinamento de uma turma de militantes de vários setores e estados nas técnicas do Teatro do Oprimido para que estes pudessem ministrar oficinas e formar grupos nos acampamentos, assentamentos e encontros do Movimento em todo o país. As três primeiras etapas de formação com o CTO aconteceram durante o ano de 2001, nos meses de fevereiro, junho e novembro e a quarta etapa ocorreu em novembro de 2002.

Estas primeiras etapas da *Brigada* foram acompanhadas de oficinas regionais, estaduais e de grandes regiões, em cursos, encontros e seminários. Vários grupos se formaram

neste período: Ocuparte (ES), Mário Lago (SP), Velho Chico (SE), Utopia (MS), Águias da Fronteira (MS), Raízes Camponesas (MS), Mensageiros da Cultura (MS), Frutos da Terra (MS), Lamarca da Cultura (MS), Filhos da Cultura (MS), Zumbuzeiro (SE), Mandacaru (SE), Quixabeira (SE), Grupo do Pré-assentamento Gabriela Monteiro (DF), Grupo do assentamento Florestan Fernandes (DF), Filhos da Mãe... Terra (SP), Arte Camponesa (RO), Força da Terra (RJ) e Peça pro povo (RS).

Na experiência dos trabalhos realizados com estes grupos nesta primeira fase da *Brigada*, caracterizada principalmente pelas técnicas do Teatro Fórum, nos defrontamos com dificuldades de abordagem de determinados temas e assuntos. Com o desenvolvimento do nosso processo de formação, e constatadas estas dificuldades iniciais, passamos a estudar outras formas teatrais. Em fevereiro de 2004, em pleno carnaval carioca, iniciamos nossos estudos de teatro épico, sobre formas e teoria dos gêneros com Iná Camargo Costa. Em junho de 2004, com o objetivo de conhecer e se apropriar dos procedimentos do teatro épico, foi realizada em Brasília uma oficina coordenada pelo grupo paulista Teatro de Narradores e organizada pelo grupo candango O avesso da Máscara, com participantes do MST do DF/Entorno e do Mato Grosso do Sul. Em outubro de 2004 foi realizada oficina complementar com os 7 grupos do MS.

Em fevereiro de 2005, após a quinta etapa de formação da *Brigada Nacional do MST* com o CTO, em que foram aprofundados os estudos de técnicas que já vinham sendo trabalhadas, como Teatro Jornal, Teatro Invisível e o Teatro Épico, a *Brigada Patativa do Assaré* organizou as oficinas de grande região para a preparação do Teatro Procissão. Na oficina da região sul foi formado o Coletivo

SaciSul de Teatro, que contou com a colaboração do grupo Ói Nóiz Aqui Traveiz (RS). Logo depois, no Paraná, seria formado o coletivo estadual Galha Azul. Na oficina da região sudeste a contribuição foi da Companhia do Latão (SP) e do Teatro de Narradores (SP). A região centro-oeste contou com a contribuição de Tâmara, do grupo estadunidense *Art and Revolucion*.

2- A construção de um sistema de produção teatral

O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la.

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

Norteados pela reflexão de Antonio Candido, que se refere à lógica da produção artística como um sistema ancorado nos vetores autor, obra e público, notamos que no decorrer desses sete anos de atuação da *Brigada Patativa do Assaré* começou-se a esboçar uma espécie de sistema interno no MST, em que grupos produzem peças que circulam no Movimento e também fora dele. Em encontros nacionais e regionais esses grupos apresentam-se e trocam experiências, e depois, nos acampamentos e assentamentos, outros grupos passam a montar as peças que viram e leram. Na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, ocorrida em maio de 2005, com mais de doze mil marchantes, a peça *A Bundade do patrão* foi apresentada pelo coletivo Peça pro Povo (RS), pela Brigada Estadual de Cultura Filhos da Terra (MS) e pela Brigada de Agitprop do Gabriela Monteiro (DF). Também na marcha, a peça *Exploração do Trabalho* foi apresentada por cinco elencos, e outros dois elencos

apresentaram uma adaptação da mesma peça intitulada *Como fazendeiro sofre*.

A apropriação da tradição teatral também faz parte dos trabalhos realizados. O grupo Filhos da Mãe... Terra montou uma adaptação da peça *Horácios e Curiácios*, intitulada *Posseiros e Fazendeiros*, e o grupo do Gabriela Monteiro, trabalhando com a estrutura da fábula de *O círculo de giz caucasiano*, ambas de Brecht, elaborou a peça *Trapulha*. A peça *Paga Zé*, é uma adaptação de *Não tem imperialismo no Brasil*, de Augusto Boal e *Por estes santos latifúndios* é uma adaptação de Guillermo Maldonado Perez, dramaturgo colombiano premiado com esta peça pela Casa das Américas, de Cuba.

Os locais de apresentação das peças são principalmente encontros, reuniões, seminários, marchas, plebiscitos, campanhas, além dos acampamentos e assentamentos. Durante a Marcha Nacional de 2005, fazíamos apresentações diárias e realizamos a apresentação do Teatro Procissão, com 270 militantes, contando a História da Luta pela Terra no Brasil. No V Congresso Nacional, realizado em 2007, com 17 mil pessoas, também ocorreram apresentações diárias. As escolas e centros de formação são outros locais de freqüente apresentação dos grupos. As brigadas de agitação e propaganda fazem intervenções freqüentes em escolas, praças, ruas, pontos de ônibus, etc.

Em espaços externos ao Movimento, elencos da *Brigada Nacional Patativa do Assaré*, ou grupos estaduais do MST a ela ligados, se apresentaram no II, III e V Fórum Social Mundial, no TEIA – Encontro Nacional dos Pontos de Cultura, realizado na Bienal de São Paulo, em 2006, e na II Mostra Latino-americana de Teatro de Grupo de 2007.

3 - Hegemonia e luta política: a disputa por um novo projeto de sociedade

Todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas.

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

Ao analisar o conceito gramsciano de hegemonia, Raymond Williams sugere que este incorpora os conceitos de cultura, entendida como todo um processo social, e de ideologia, como um sistema de significado de valores que expressa ou projeta um determinado interesse de classe. Há um processo de construção de hegemonia, de construção de visão de mundo, de um projeto de civilização que ocorre no cotidiano antagônico da luta de classes. A luta pela transformação da sociedade exige também mecanismos de transformação ideológica.

A organização da *Brigada Patativa do Assaré*, sua metodologia de produção coletiva, os processos de circulação e distribuição da produção com alcance nacional, acompanhados de sistemáticos e contínuos processos de formação, proporcionaram à Brigada um efetivo poder de enfrentamento no campo ideológico, dos projetos de sociedade em disputa na luta de classes. Essa prática tem seu potencial político ampliado ainda mais quando estabelece ações com o conjunto da organização e de outros movimentos sociais.

Nesta coletânea de peças encontramos produções deste caráter. São peças como *Alcapeta*, que foram

apresentadas em dezenas de escolas nas campanhas contra os tratados da ALCA e de Livre Comércio. Estas apresentações e outras intervenções culturais dos mais de 300 militantes do setor de cultura do MS provocaram o desconforto dos poderosos, e algumas câmaras legislativas municipais tentaram formular leis impedindo a apresentação dos grupos do MST em escolas. Na preparação da Marcha Nacional, em 2005, uma Brigada de agitprop tinha em seu repertório a apresentação da peça *A luta do camponês contra o agronegócio*, realizada em escolas, igrejas e reuniões de bairros. O grupo Tampa de Panela (SC), fez uma adaptação de *Mulher da Roça* abordando as conseqüências da produção de fumo que algumas famílias assentadas vinham implantando na região. A peça *Trapulha* serviu de ponto de partida para discussão e resolução de problemas de concentração de poder no acampamento. Na campanha presidencial de 2006, brigadas de agitprop do MST e outros movimentos sociais fizeram constantes intervenções explicitando as diferenças entre os projetos da esquerda e da direita para o país.

Além destas apresentações em campanhas e jornadas de lutas específicas, há um constante desenvolvimento de atividades teatrais em conjunto com os demais setores e cursos do Movimento. São realizadas avaliações em cursos com metodologias do Teatro do Oprimido, como o Teatro Imagem, além de apresentações de temas específicos e do programa estratégico das organizações sociais. Peças como *Campo de guerra: a sala de aula*, abordando discriminação e preconceito sofridos por estudantes sem terra, foram apresentadas na ciranda infantil da Marcha Nacional. Experiências com o conjunto das peças didáticas do dramaturgo alemão Bertolt Brecht vêm sendo realizadas em cursos de formação de militantes e nas escolas de formação.

4 - As formas da luta de classes: sedimentação social da forma

*O teatro pode ser uma arma de libertação.
Para isso é necessário criar as formas
teatrais correspondentes.*

Augusto Boal
Teatro do Oprimido

As tradições críticas da produção cultural e artística, principalmente as de orientação materialista e dialética que configuram o marxismo, estabelecem as relações entre a forma e o conteúdo como históricas. Contraditoriamente, em cada período histórico, os projetos de classe em disputa constituíram um modo específico de representação artística e da forma de ver o mundo. Os jeitos de contar uma história, de imaginar o novo, de representar e selecionar os valores, os assuntos, todos os aspectos da produção estética, influenciam na forma final da intervenção que será socializada. A concepção mais radical destas interpretações formula que o conteúdo mesmo, o conteúdo social de uma obra, encontra-se na sua forma.

No decorrer da formação da *Brigada Patativa do Assaré* percebemos isto na prática. Nos defrontamos com a dificuldade de tratar temas históricos e de dimensões sociais amplas com formas inadequadas. A tradição formal que se estabeleceu nos meios de comunicação de massa, que configurou um padrão hegemônico de representação, é a chamada forma dramática, que se estrutura pelo conflito de vontades individuais, que se realiza no presente absoluto pelo chamado diálogo dramático. Esta forma, de larga

influência nas maneiras de representar, coloca sérios problemas para o tratamento de temas como Reforma Agrária, imperialismo, luta de classes, temas que não têm na figura individual de uma personalidade, no conflito dramático de um único sujeito sua mais objetiva forma de representação. Isto porque estes processos se referem a interesses de classe, a estruturas sócio-econômicas em constante e contraditória inter-relação.

Se é a forma a real portadora do conteúdo de uma intervenção estética, uma vez socializados os meios de produção cultural, o potencial de enfrentamento político pode ser anulado se utilizarmos formas equivocadas, as formas hegemônicas, e corremos o risco de solidificarmos ainda mais os valores e significados que queremos combater.

Os programas de formação da Brigada Patativa do Assaré abordaram este assunto de forma sistemática e continuada, tanto nos cursos da Brigada quanto nos outros cursos realizados pelo Coletivo de Cultura e pelo Setor de Comunicação do MST. Tendo estes pressupostos teóricos, produzidos em inseparável relação com a nossa prática, nesta coletânea organizamos nossas peças por formas específicas. Dividimos em 3 grupos: Teatro Fórum, Teatro Épico e Agitação e Propaganda. Cada uma destas três formas possui características específicas, embora estas mesmas características não estejam totalmente ausentes das outras formas. Mesmo havendo traços semelhantes em cada uma das formas, há especificidades que orientaram a produção de cada forma, tendo em vista principalmente o objetivo – político – que se propõem. Apresentamos abaixo, de forma muito resumida, os principais traços de cada uma das três formas.

4.1 - Teatro Fórum

A principal característica desta forma é a quebra dos limites entre palco e platéia, entre atores e o público, por meio da possibilidade dos espectadores entrarem em cena no lugar dos personagens que eles julgam oprimidos. A estrutura de uma peça de Teatro Fórum constitui-se na configuração clara de uma situação de opressão. A apresentação serve para iniciar o debate com a platéia sobre a situação de opressão apresentada. Os próprios espectadores, dando sua opinião sobre a situação, entram em cena para interpretar o personagem oprimido e agem sugerindo estratégias para a solução dos problemas de opressão enfrentados. Boal os chama de espect-atores. Esta técnica, desenvolvida por Augusto Boal durante os anos 1970, após participação intensa nas lutas sociais durante a década de 1960, é a mais radical na socialização dos meios de produção teatral, pois rompe completamente a barreira entre palco e platéia. Foi esta metodologia centrada na socialização que proporcionou a formação de grande número de grupos no MST.

4.2 - Teatro Épico

Com a socialização dos meios de produção teatral, as dificuldades técnicas começaram a se impor. A solução estética de problemas políticos demandou o conhecimento de outros procedimentos da técnica teatral. Estas dificuldades apareceram ao tentar dar forma a processos amplos, como a análise comparativa entre os padrões dos modos de produção agrícola da elite em diferentes contextos

históricos, das *plantations* ao agronegócio, passando pela Revolução Verde, entre outros ciclos de modernização conservadora do país. Ou seja, para além das determinações do indivíduo, os temas épicos exigem a compreensão e correspondente formalização estética da engrenagem que articula a infra-estrutura com a superestrutura, e o entendimento da dinâmica de tensão permanente de confronto da luta de classes.

A crítica aos projetos de livre comércio, como a Alca, proposta pelos EUA para os demais países do continente americano, não tem como ser realizada nos termos das convenções dramáticas da linguagem teatral, já que o problema não se configura como um problema da ordem dos indivíduos, por meio do diálogo, numa sucessão de acontecimentos no tempo presente.

Foi para suprir estas demandas que iniciamos nossos estudos nas teorias do teatro épico, orientados principalmente pela professora Iná Camargo Costa. A principal característica do teatro épico é que os intérpretes assumem a postura de narradores dos processos apresentados. Várias são as técnicas utilizadas para isso, como os coros, as canções, as narrativas, formas específicas de interpretação, etc. Estas técnicas têm como objetivo fazer com que o espectador não se deixe absolver pela história representada, como se ela fosse natural, mas, pelos procedimentos do chamado distanciamento, o espectador teria que estranhar os processos representados em cena, ou desnaturalizá-los. As relações entre diversos setores sociais, entre interesses econômicos, disputas políticas, devem ser organizadas e representadas de forma dialética, devem ser apresentadas em suas variadas inter-relações e contradições, visando uma compreensão mais abrangente dos processos sociais do desenvolvimento da luta de classes.

4.3 - Agitação e propaganda – Agitprop

A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos sociais. A expressão foi criada pelos revolucionários russos para designar as diversas formas de fazer agitação de massas e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos da revolução.

A agitação e propaganda tem uma larga tradição nas lutas sociais desenvolvidas desde a revolução soviética. As experiências desenvolvidas na Alemanha, na França, nos Estados Unidos e no Brasil na década de 1960, aqui realizadas principalmente pelos Centros de Populares de Cultura (CPC) e Movimento de Cultura Popular (MCP), constituem grande repertório de formas, como o teatro jornal, o teatro invisível, intervenções de música, artes plásticas, cinema, pixações, etc. Cada movimento e organização produziu seus métodos e formas, servindo-se de toda referência que tivessem, de acordo com as demandas apresentadas em cada contexto histórico. As intervenções de agitprop têm um grande poder de intervenção direta, de agitação dos trabalhadores para o confronto dos projetos de classe apresentados como hegemônicos e a propaganda de um projeto popular.

As experiências de teatro político organizadas pelo CPC e pelo MCP foram abruptamente interrompidas pela força das armas, com o golpe militar de 1964. Não duraram mais que cinco anos e, nesse curto período de vida, marcaram definitivamente a vida cultural e política do país, pois apontaram o caminho da possibilidade das classes

populares construïrem suas pr3prias formas de representa33o pol3tica e est3tica.

O trauma da interrup33o da experi3ncia acumulada naqueles anos define os contornos da precariedade com que a retomada da produ33o teatral do MST se estabelece: a priva33o do legado dramat3rgico daqueles que lutaram antes de n3s retarda o processo de recome3o, pois em alguns pontos n3o temos a trilha do aprendizado com os impasses anteriores, por isso temos que amadurecer aprendendo com nossos pr3prios erros, talvez menos correntes se o percurso da acumula33o e continuidade hist3rica n3o tivesse sofrido o entrave de mais de duas d3cadas de ditadura militar.

Contudo, podemos afirmar de modo sint3tico que o seguinte conjunto de fatores d3 sustenta33o e pode propulsionar as experi3ncias das brigadas no momento contempor3neo:

- a inser33o org3nica da iniciativa como parte da estrat3gia de forma33o pol3tica e massifica33o de um movimento social de abrang3ncia nacional;

- a complexa estrutura organizativa do MST e do processo de forma33o, por meio da l3gica setorial, permite que a linguagem teatral se desenvolva de forma plural, de acordo com as diversas fun33es que ela desempenha;

- o crescente processo colaborativo com grupos de teatro pol3tico do meio urbano, como aqueles ligados 3 Redemoinho.

O MST existe h3 vinte e tr3s anos e a experi3ncia sistem3tica com teatro pol3tico existe h3 sete anos. Se n3o formos surpreendidos pela violenta a33o repressora da elite, tudo indica que o aumento qualitativo e quantitativo dos

trabalhos é um passo sem volta, pois em pouco tempo as brigadas de teatro têm incorporado em seus coletivos o trabalho integrado com outras linguagens artísticas e com isso tem passado a funcionar como brigadas de cultura, e em paralelo, outras frentes de atuação da Cultura e Comunicação têm avançado muito em pouco tempo, como é o caso da recente e promissora formação da Brigada de Audiovisual da Via Campesina, e do processo de formação de brigadas de agitação e propaganda em capitais estaduais, com militantes de organizações do campo e da cidade.

Desejamos a todos e todas um bom estudo. Que as peças aqui reunidas possam incentivar a produção teatral da classe trabalhadora e que o projeto radical de Reforma Agrária pelo qual lutamos possa ser defendido e implementado também com o teatro como arma a serviço dos explorados e oprimidos na luta de classes.

TEATRO ÉPICO

Exploração do trabalho

Peça construída coletivamente pela Brigada Estadual de Cultura Filhos da Terra do MST/MS, durante oficina com Teatro de Narradores (SP) em Sidrolândia (MS), que aborda a dinâmica de exploração do trabalho por meio da explicitação do cinismo do discurso de classe dos empresários.

Personagens:

Patrão

Funcionári@ 1

Funcionári@ 2

Funcionári@ 3

Funcionári@ 4

Funcionári@ 5

Funcionári@ 6

Data da oficina: 19 a 28/10/2004

Local: CEPEGE – Sidrolândia.

Não há necessidade de cenário, apenas seis ou mais objetos iguais para simular uma fábrica, como por exemplo, tijolos, e seis ou mais aventais iguais. Os materiais já devem estar no local da apresentação, dispostos em meia lua .

CENA 1 - “TUDO NORMAL”

Entram em fila seis funcionários (as), param em frente ao público e se posicionam em fileira, ombro a ombro, congelam. Entra o patrão (com terno muito “distinto”) e também congela frente ao público, mas um pouco afastado dos empregados (as). Quando toca um sino, os funcionários vestem rapidamente os coletes para ir ao trabalho.

FUNCIONÁRIOS *(cantando em ritmo do refrão da música Floriô, do MST)*

Você deu sangue e o patrão foi quem sugou,
todo trabalho foi ele quem lucrou. (3X).

Começam a trabalhar. O patrão acorda, se espreguiçando coloca sua gravata.

PATRÃO

A essa hora meus empregados estão trabalhando há mais ou menos 5 horas, agora são exatamente 10h, vou lá dar uma supervisionada, não podemos tirar o olho, pois é como dizem: o olho do patrão é que engorda os porcos. Preciso garantir que meus dólares tripliquem. *Toca o telefone.* Alô minha rainha, por que você está nervosa? Ah! O carro tombou, você se machucou? Não! Está tudo bem? Então compra outro carro zero, pode ser aquele importado que você tanto queria, nossa empresa está muito bem, mas agora tenho que desligar, pois sou um homem de negócios, tenho que trabalhar, supervisionar...

Chega na empresa, todos os empregados estão trabalhando, o patrão observa.

PATRÃO

Todos trabalhando, que beleza. Um serviço calmo, leve. Fico emocionado ao ver os empregados dando o suor e sangue pelo seu patrão, quer dizer, pelo trabalho. Isso é porque é um serviço digno, eu sou um patrão justo e amigo dos meus empregados, pois também são todos excelentes funcionários, todos pontuais, dedicados. Veja o Carlos, ótimo empregado, Marcos, outro excelente empregado, Romeu e Julieta nunca me deram problema. Olhem, tenho até crianças na minha empresa, isto é prova de que dou oportunidades a todos e no final do mês dou-lhes umas balinhas. Olhem só, tenho também mulheres trabalhando em minha empresa, valorizo a igualdade de gênero, o serviço vale menos é claro, pois não trabalham como homens, mas eu gosto de ajudar as pessoas. Sou tão justo que dou almoço dentro de minha própria empresa, isto para que eles não tenham o trabalho de fazer o almoço em suas casas. *Dirigindo-se aos funcionários.* Pessoal! Temos cinco minutos para almoçar!

Os (as) funcionários (as) se abaixam, em círculo aberto, com espaço entre os mesmos (as). Comem muito rápido, enquanto isso...

PATRÃO

Que empresa espetacular: cinco minutos para almoçar, todos alegres, olhem como todos estão contentes. Bom, acabaram os cinco minutos, vamos trabalhar, se não o serviço não rende, vamos, vamos. Ah! Como vida de empresário é sofrida, minha mulher bateu o carro, vou ter que comprar outro. Agora só posso fazer duas horas de almoço, pois tenho que comprar o carro.

Patrão sai. Os funcionários continuam trabalhando. O patrão fica por uns segundos fora de cena e volta olhando para o relógio.

PATRÃO

Oh! Estou cansado! Trabalhei muito, tenho que descansar. Afinal, amanhã tenho que começar cedo. Olha só gente, hoje, como sou um patrão muito bom, vou libertar, quer dizer, soltar todos mais cedo hoje, às 18h. Todos dispensados. Olha como eles saem felizes, entendem a necessidade da empresa, hum! Estão com dor nas costas, já sei! Amanhã vou fazer vocês comerem de pé, pois ficam muito tempo sentados quando comem e por isso estão com dor nas costas. *Ao público, depois que os empregados saem.* Com a tal da ALCA poderei expandir meus negócios, estou até pensando em abrir outras fábricas, uma em (...). Pegarei alguns favelados, estou pensando em levar quem precisa para ter um trabalho justo. Quero você, você e você na minha nova empresa. Chega de pensar no futuro, vamos nos apegar no presente! É melhor ir dormir, estou muito cansado, meu trabalho é muito puxado.

Patrão sai e se posiciona em frente ao público, abaixa a cabeça e os ombros com gesto de descanso. Os funcionários saem em fila, todos com a cabeça e ombros pendidos para baixo, cansados. De frente para o público, ainda em fileira, tiram o avental e permanecem de pé, com a cabeça e ombros em gesto de descanso.

CENA 2 - “PEÇA QUEBRADA”

No outro dia de madrugada... Toca o sino, os funcionários acordam

e colocam o avental depressa. Carlos, um dos funcionários, coloca uma faixa no braço, como um braço quebrado e vão trabalhar cantando a música.

FUNCIONÁRIOS *(cantando)*

Você deu sangue e o patrão foi quem sugou, todo trabalho foi ele quem lucrou. *(3X)*.

Começam a trabalhar num ritmo mais lento, pois Carlos está com o braço quebrado. O patrão acorda, se espreguiçando calmamente, coloca sua gravata e vai trabalhar.

PATRÃO

Um novo dia. São 10h, meus empregados devem estar a todo o vapor. E eu, como homem de negócio que sou, tenho que cuidar para que todos trabalhem bem. A máquina não pode parar e o meu capital tem que triplicar... *Chega na empresa.* Todos trabalhando, muito bem... Espere um pouco, parece que tem problema, minha máquina está devagar. *Aos funcionários* O que está acontecendo?

FUNCIONÁRIOS

Nada patrão, não está acontecendo nada.

PATRÃO

Está acontecendo algo sim. Eu estou percebendo, está muito devagar. *Andando em volta dos funcionários, pergunta novamente.* Carlos, o que está acontecendo?

CARLOS

Nada não, patrão.

PATRÃO (*puxando Carlos para fora do círculo*)

Agora, você vai me dizer o que está acontecendo, porque os materiais estão acumulando em você? *Puxa o braço quebrado de Carlos, que está escondido atrás das costas.* O que é isto Carlos? Uma peça quebrada, quer dizer, um braço quebrado?

CARLOS

Sim patrão, eu quebrei quando eu vinha para o serviço de bicicleta, pois o senhor não me deu passe este mês.

PATRÃO

O quê?!!! Mentindo para mim! Você deve ter quebrado jogando bola por aí. Bom, você já sabe quais são as regras da empresa, peça quebrada, fora, não aceito peça quebrada em minha empresa. Pois posso ter prejuízo e ficar pobre. Meu Deus, isso não vai acontecer!

CARLOS

Mas patrão, tenho família pra sustentar, não posso perder esse emprego!

PATRÃO

Também tenho família pra sustentar, não posso ter prejuízo em minha empresa. Fui eu quem fez seus filhos?

CARLOS

Patrão, pelo amor de Deus, não me mande embora!

PATRÃO

Não, Carlos, não adianta, peça quebrada, fora, fora! Aqui não há reciclagem! *Carlos sai.* Hoje só temos três minutos de almoço para compensar a saída de Carlos. Agora... Já acabou, vamos voltar a trabalhar. *Andando em volta dos*

funcionários. O tempo passa Tem que trabalhar mais depressa, se quiserem sair mais cedo, vamos, mais depressa. *Ao público* Meus empregados entendem a necessidade da empresa, veja que satisfação. Por que esta cara de tristeza? Poderão até pensar que eu não lhes trato bem, que eu exploro vocês. Olha, vocês tem trabalho e isso dá dignidade a uma pessoa ...

Enquanto o patrão fala para o público os empregados param de trabalhar e caminham em direção ao patrão.

CORO

Nós demos o sangue! Nós demos o sangue!

PATRÃO

Oi, vocês estão aqui! Agora não é hora de descanso, voltem para seus postos...

CORO

Foi você quem sugou! Foi você quem sugou!

PATRÃO

Calma, calma! Querem um cafezinho? Vocês estão enganados, quem suga é o morcego, além do mais eu lhes trato muito bem...

CORO

Com o nosso trabalho... Com o nosso trabalho...

PATRÃO

Trabalho, isso dá valor a uma pessoa, todos a ele têm direito...

CORO

Só você lucrou. Só você lucrou.

PATRÃO

Lucrar, vocês também lucram. Espera aí, segurança, segurança! Isto é baderna não podem se revoltar. Segurançaaaaaaaaaa!

O coro congela em posição de enfrentamento, juntamente com o patrão, que está recuando.

TODOS

O Brasil é um país solidário
Exporta soja para os porcos do Japão
O Brasil é um país solidário
Vende a sua melhor carne e importa podridão
O Brasil é um país solidárioooo!
Dá a vida dos seus, para engordar patrão!
Dá a vida dos seus, para engordar patrão!

Como fazendeiro sofre!!!

Peça de teatro épico elaborada a partir de adaptação da peça Exploração do Trabalho, da Brigada Estadual de Cultura Filhos da Terra, do MST/MS. A proposta é explicitar o cinismo dos argumentos de legitimidade social dos latifundiários brasileiros, por meio de uma estrutura que permite a indagação à contrapelo de determinadas premissas da narrativa conservadora sobre a história oficial brasileira e, em específico, da questão agrária.

Personagens:

Fazendeiro

Capataz

Zumbi

Negros escravizados

Mensageiro

Construção coletiva da Brigada de agitprop Semeadores, do MST/DFE, de dezembro de 2004.

PRÓLOGO

CORO

Senhor, tome cuidado, senhor
Com esses negros de calça rasgada
Camisa furada que o senhor maltratou.

Senhor, tome cuidado, senhor
Esse povo que era sofrido
Que a você temia, se organizou.

NARRADOR

Fazendeiro, dono de engenho, coronel e traficante.
Um povo dominado, colonizado, escravizado.
Uma senzala, sonhos de libertação.
Onde vive esse povo, que mesmo tendo os sentimentos libertados, sofre preso na corrente da submissão, da necessidade de sobrevivência e defesa, forçado a deixar suas origens.
De uma chaga à necessária rebeldia e à vontade de mudar o destino de seus descendentes.

1º MOMENTO - A “VIDA SOFRIDA” DO FAZENDEIRO

Trabalhadores numa área de serviço, representada como uma senzala, com vestes de escravos, deitados no chão com correntes nos pés, uns amarrados nos outros.

FAZENDEIRO (*sentado, fazendo um cigarro de palha*)
Ao público. Trabalhador na minha fazenda trabalha com dignidade. Dou casa, comida e uma “dormida confortável”.

NEGROS ESCRAVIZADOS (*levantando e se espreguiçando, com dores no corpo*)

Pai nosso, obrigada por me deixar ver este novo dia. Obrigada por não ter permitido que a cama na qual me deitei na noite passada fosse meu caixão, nem meu cobertor minha mortalha. Guie meus pés por um caminho reto ao longo deste dia e ajude-me a pôr um freio em minha língua. Abençoe essa casa e todos nela. *Levantam-se e seguem para o serviço.*

CORO

Vida de negro é difícil, é difícil de viver
Trabalha de sol a sol
Trabalha também ao chover.

Vida de negro é difícil, é difícil de viver
Quando a fome aperta a barriga,
Não tem nada pra comer.

FAZENDEIRO

Olha como eles acordam dispostos, faz gosto ver! Também, com essa tal lei contra o trabalho escravo, temos mais é que tratar bem nossos empregados.

CAPATAZ

O que o senhor vai fazer com esse bando de nó cego no final de semana do senhor?

FAZENDEIRO

Sei lá, serviço é o que não falta, acha qualquer coisa para que eles façam.

CAPATAZ

Mas patrão, eles já vêm trabalhando há um mês todos os domingos. Como fica? O combinado quando os trouxe das bandas do nordeste foi outro. Eles não vão querer trabalhar...

FAZENDEIRO

Peãozinho de meia tigela! Daqui pras bandas do nordeste tem um pedacinho até bão, se não quiserem trabalhar pode muito bem pôr os pés na estrada.

CAPATAZ

Mas o patrão não deu nenhum dinheiro para eles, como podem pôr os pés na estrada?

FAZENDEIRO

Então já estamos resolvidos! Além disso, com o que comem aqui, complica ainda mais. *Armando o chicote pra bater no capataz.* Não complica?!

CAPATAZ

Nan, nan, não senhor. É por isso que já trabalho há dez anos pro senhor. *Sai de cena, com medo.*

FAZENDEIRO *(se dirigindo aos trabalhadores)*

Não é querendo ser ruim não, mas dar uma olhadinha nos trabalhadores de vez em quando é ótimo. É, hoje o serviço está rendendo. Vale até a pena almoçar. *Coloca na mesa uma tigelinha com comida.* Dois minutos para o almoço! *Os trabalhadores comem apressados.* Chega! Chega! Vamos trabalhar! Desse jeito vocês não pagam a janta! *Trabalhadores voltam ao serviço. Fazendeiro ao público.* Ai... Como fazendeiro sofre, ainda mais quando é bom! Mas fazer o quê?! É de natureza, afinal precisamos dos nossos empregados para sobreviver, não é verdade?

O fazendeiro se ajeita na cadeira, voltando a acender o cigarro de palha. Entra o mensageiro que colhe as notícias no varal da feira e em gestos engraçados, em forma de poema, dá o noticiário.

MENSAGEIRO

Fazendeiro, que dinheiro se acumula através dos empregados que o senhor surra. Trago essa mensagem mas não se esqueça do imposto da viagem... que dinheiro o senhor tem!

FAZENDEIRO (*tomando a carta da mão do mensageiro*)

Meu imposto já pago sendo fazendeiro, e suma daqui porque já me cansei de te dar esmolos! *Mensageiro sai.* Vamos ver...

Capataz entra, interrompendo a abertura da carta.

CAPATAZ

Senhor, senhor, um negrinho safado acabou de fugir!

No momento em que o capataz chega, o negro foge em direção ao público. O ator fica propositalmente visível para o público e para o ator que faz o capataz.

FAZENDEIRO

Atrevido! Como ousa me interromper?! Trate de trazê-lo para mim, ou melhor, para o tronco!

Capataz sai de cena.

2º MOMENTO - “LIBERDADE” AO INVÁLIDO_v

FAZENDEIRO (*com a carta na mão, caminhando em direção aos escravos na senzala. Grita*)

Parece que o serviço hoje não está rendendo... vamos ver... ei!! *Percebe que um dos escravos está com um braço quebrado*

escondido. O que aconteceu? Quebrou o braço? Quem te mandou quebrar o braço seu infeliz?!

ESCRAVO

O senhor não vai me mandar embora, não tenho para onde ir, meu senhor.

FAZENDEIRO *(para o público)*

Trabalhador na minha fazenda não trabalha de braço quebrado! *Desamarra a corda presa aos pés do escravo.* Fora daqui! Você está livre! Trate de tomar a vacina e sumir da minha frente! Vá viver com os que fugiram!

ESCRAVO

Senhor, e minha sobrevivência? A segurança prometida?!

FAZENDEIRO

Se quiser sobreviver faça o que te falei! *Ameaça o escravo com o chicote.*

**3º MOMENTO - OS PONTOS DE VISTA DA HISTÓRIA
DE ZUMBI E O CONFLITO DO CAPATAZ**

CAPATAZ

Senhor, aqui está o fujão!

FAZENDEIRO

Amarre este traidor. Chicoteie-o até ele ficar morto-vivo. E não esqueça da vacina!

O ator que representa Zumbi não deve atuar dramaticamente, sem sair do personagem, pelo contrário, ele deve expor propositalmente o caráter da representação.

CAPATAZ (*pergunta ao senhor enquanto chicoteia o escravo*)
Senhor, pra que serve a vacina que o senhor obriga os negros a tomar quando partem?

FAZENDEIRO

Companheiro capataz, eu sei que a vida lá fora é árdua, quero poder ao menos amenizar esse sofrimento. *Sai.*

CAPATAZ (*de chicote na mão, cansado de bater no negro*)
Para o público, de forma arredia. Questão de esclarecimento.

Ora, não me atormente!
Achas que é fácil ser homem livre?!
Tu não farias diferente!
Ando sempre no limite!

Para o meu salário garantir
A força é preciso usar
Pois aos senhores tenho de servir
Não há como recuar.

Vivo de cumprir favor
Tenho uma família pra sustentar
Não me agrada provocar a dor
Mas não vou ficar a me lamentar!

Não me chamem de otário
Não sou um homem insensível
Luto apenas por meu salário!
Ora, como, isso é terrível?!

Sai de cena. O negro está jogado no chão. Seus colegas se aproximam, com pena dele. Ainda de joelhos, para o público, se posiciona como narrador.

NARRADOR

Atenção senhoras e senhores, agora com vocês a história de Zumbi, tal como nos foi contada, quando foi contada na escola e noutros espaços, tais quais.

ZUMBI *(se levantando e assumindo uma postura ilustrada e paternal)*

Companheiros e companheiras de escravidão, eu não posso mais suportar essa condição humilhante a qual estamos submetidos. Não podemos ficar aqui resignados, aceitando as ordens e as surras desse fazendeiro! Enquanto estive trabalhando para aquele padre, desde moleque, ele me ensinou português e latim pra eu ajudá-lo na celebração da missa!

CORO DOS NEGROS *(com expressão de desdém, que contradiz a surpresa)*

Oooohhhh!

ZUMBI

Eu fiquei sabido e aprendi que devemos lutar pela liberdade, que devemos nos indignar contra todo tipo de injustiça. *Mudando o tom de voz.* Assim como nos dizia o companheiro Che Guevara. *Voltando ao tom de voz de Zumbi.* Temos que nos unir com os companheiros do mundo todo. Uni-vos! *(Aplausos)* *Mudando novamente o tom de voz.* Conforme nos ensinou o camarada Karl Marx. *Voltando a representar Zumbi.* Vocês entendem o que estou dizendo? Temos que lutar pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade! *(Aplausos)* Eu, Zumbi, vou conduzi-los para o rumo da libertação! Eu, Zumbi, vou conduzi-los para Palmares!

Os negros levantam Zumbi como se ele fosse um técnico de futebol, e vão saindo cantarolando a melodia da Internacional, depois dão gargalhadas e desmancham a cena, deixando claro que estavam encenando uma farsa.

CORO DOS NEGROS

Quem conta um conto,
aumenta um ponto.

NARRADOR

Interessante: uma pessoa libertar várias pessoas? Não seria melhor várias pessoas libertarem uma pessoa? Além do mais, não foi Zumbi quem inventou Palmares. Quando ele lá chegou, Palmares já existia há muito tempo. E agora com vocês a cena dentro da peça, a história da abolição em três versões:

1º VERSÃO - PATERNAL

PRINCESA ISABEL

Oh meu Deus, o que podemos fazer para ajudar esses negros, há tanto tempo escravizados? Temos que libertá-los, isso é um direito deles, são seres humanos igual a qualquer um de nós. Quer dizer... *Pega em seus cabelos lisos, olha-os, desiste de falar.* E são até inteligentes. Quer dizer, nem todos. Sozinhos eles não vão conseguir sobreviver, nós temos que ajudá-los. Vou assinar hoje mesmo a lei que libertará todos os escravos de nosso país. Assim, serei imortalizada como a libertadora dos escravos! *Olha para o coro buscando aprovação de sua performance. O coro a desaprova.*

2º VERSÃO - A MODA

PRINCESA ISABEL

A Inglaterra libertou os seus escravos. Eu soube que na Europa alguns países também estão fazendo isso. E os

Estados Unidos também! Nós vamos ficar pra trás! Temos que copiar, quer dizer, modernizar! Vamos libertar todos os nossos escravos. Bom, depois daremos um jeitinho, eles vão precisar comer, pra isso terão que trabalhar. Serão homens livres! Trabalharão pelo seu sustento! Vão competir como iguais a nós, e se forem bons terão os mesmos direitos. Isso ficará para a história! *Olha para o coro buscando aprovação de sua performance. O coro a desaprova.*

3º VERSÃO - O MEDO DO LEVANTE

PRINCESA ISABEL

Meu Deus! Meu Deus! Surgiram vários quilombos em Pernambuco, na Bahia, em Goiás, nas Alagoas, no DF... Os negros estão se organizando! *Toque de Angola, os negros fazem um gesto de capoeira.* Invadindo fazendas! Não agüento mais viver sob essa tensão. Tenho medo deles tomarem o país! Temos que tomar medidas drásticas! Libertaremos todos os negros, se não perderemos o controle e, oh meu Deus, talvez até a coroa! Como já fizemos a Lei de Terras em 1850 eles não vão poder comprar a terra, herdar também não vão, então acho que é a melhor estratégia! *Olha para o coro buscando aprovação de sua performance e o coro a aprova.*

A atriz que fez a princesa Isabel fica posicionada no centro do palco e um a um todos os atores do coro passam por ela cumprimentando-a, ironicamente, pelo seu desempenho na interpretação da personagem. A atriz retribui o cumprimento como atriz e faz gestos de agradecimentos para o público como personagem.

1º MEMBRO DO CORO

Belíssima!

2º MEMBRO DO CORO

Inteligente!

3º MEMBRO DO CORO

Generosa!

4º MEMBRO DO CORO

Obrigada por tudo que a senhora fez pela gente!

Entram o fazendeiro e o capataz.

FAZENDEIRO

Onde estão os negros?

CAPATAZ *(olhando para as correntes)*

Todos fugiram...

FAZENDEIRO *(lendo a carta)*

A carta diz que negros se rebelam e atacam fazenda libertando outros negros... Besteira, comigo isso não adianta! Trate de procurar essa negriada e traga um por um!

CAPATAZ *(ao voltar, se depara com os negros e grita)*

Senhor, os negros do quilombo se organizaram!

O Fazendeiro, sem saber se corre ou se fica, une-se ao capataz para se defender. Os negros caminham em direção aos dois, cantando.

CORO

Senhor, tome cuidado, senhor.
Com esses negros de calça rasgada
Camisa furada que o senhor maltratou.
Senhor, tome cuidado senhor.

Esse povo que era sofrido
Que a você temia, se organizou.

Os negros cercam o fazendeiro e o capataz, sem deixar que o público veja os dois. Ao abrir o círculo o fazendeiro está no chão e o capataz de pé. Nesse momento, o cenário torna-se um local colorido, com negras e negros dançando. Festejam a liberdade. Inesperadamente eles começam a morrer. Ao caírem, levantam plaquetas, como se fossem suas lápides, com dados estatísticos que mostram como a população negra é discriminada no Brasil. Com a cena congelada, o capataz, que também comemorava, diz em forma de verso.

CAPATAZ

Quando acham que os oprimidos podem se organizar e deixar de fortificar a opressão, os opressores contaminam e os libertam. Maldita vacina que atrapalha a festa, se transforma em peste exterminando nossa raça, nossas origens, nossas raízes.

CORO

O povo grita,
A voz se cansa,
Mas nem que insista
Isso adianta.
Maldita dominação,
Pobres oprimidos,
Pobre nação.

FAZENDEIRO (*apontando para os negros mortos no chão, com as lápides levantadas*)

Reforma Agrária aqui na minha fazenda foi pra valer, cada negrinho teve seu pedacinho de chão!

Contraponto

Peça de teatro épico que visa estabelecer uma crítica à construção ao padrão hegemônico de representação estética da realidade, mostrando as condicionantes históricas do conflito agrário brasileiro, a ação de resistência e enfrentamento das pessoas que optaram pela condição de engajamento ao se inserirem no MST e o preconceito disseminado contra os movimentos sociais de massa pela grande imprensa brasileira. A peça integrou o processo de construção do documentário *Semeadores da Imagem* (43 minutos).

Personagens:

Repórter

Professor

Antônio

Maria

D. Joaquina - Mãe de Antônio e Maria

Aninha

Patrícia

S. João, o chacareiro

Patrão de João

S. Antônio

Juiz

Sem Terras

Latifundiários

Construção coletiva da Brigada de agitprop Semeadores do MST/DFE, de novembro de 2005.

1ª BRINCADEIRA (S. Antônio)

CORO

Uma TV – nas mãos da elite – aliena muita gente

2 TVs, 3 TVs, 4 TVs, alienam muito mais!

E além disso, são deles também:

Rádios, cinemas, jornais, gravadoras, revistas – e tudo mais!

S. ANTÔNIO

Eu não consigo trabalhar. Eu não consigo tocar minhas músicas. Esses dedos travam todo dia. Eu toco uma, duas, três num dá não. Eu não sei que diacho é isso, aqueles bicos que eles sempre me chamavam, pra assentar meio-fio, já não me chamam mais. Eu assento mais meio-fio do que muito moleque por aí!

PERGUNTA

Hoje, com essa idade, o senhor consegue assentar quantos metros de meio fio por dia?

S. ANTÔNIO

Eu, antigamente, assentava trezentos metros. Depois passei pra duzentos e cinqüenta, e hoje acho que assento uns cento e cinqüenta, quer dizer, uns duzentos. Isso é porque estou desacostumado, não me chamam mais pra trabalhar...

PERGUNTA

Se o senhor não consegue mais assentar meio-fio, vai querer terra pra quê? O senhor vai dar conta?

S. ANTÔNIO

Vou, claro que eu vou. Assim que eu tiver a terra, eu vou chamar meus filhos pra trabalhar comigo.

PERGUNTA

O senhor gosta mais de tocar ou de assentar meio-fio?

S. ANTÔNIO

Eu gosto mesmo é de assentar meio-fio. Em cada meio fio desse, tem um pedacinho de mim. Ó, aqui tudo foi eu, na W3 Norte, Sul, no Lago Norte, Lago Sul, em Taguatinga, Ceilândia, Brazilândia, inclusive, aquela calçada do hospital.

CENA 1 - A ESCOLA PELA TV

REPÓRTER

No terceiro dia da série “Qualidade do ensino” nós estamos na escola rural Sucesso Bom. Chegamos aqui por meio da denúncia de mães e pais de alunos que ligaram aos nossos estúdios revoltados com o abandono da escola. Segundo eles, a estrutura está tão precária que há risco de desabamento. Vamos agora conversar com uma estudante da escola. Como é seu nome?

PATRÍCIA

Patrícia, mas pode me chamar de Patricinha.

REPÓRTER

O que você acha da escola?

PATRÍCIA

Essa escola é uma merda. Os banheiros são uma imundície, as janelas só faltam cair na nossa cabeça, a quadra de esporte está muito perigosa, e as pessoas são tudo misturadas, as de classe alta e as de classe baixa.

REPÓRTER

Como assim? As séries são misturadas, da 1ª à 8ª série?

PATRÍCIA

Eu falei de classe alta se referindo a mim, e de classe baixa se referindo aos sem terra, esses vagabundos, que roubaram meus vales.

REPÓRTER

Você tem provas?

PATRÍCIA

Não, mas só podem ter sido eles. Aqueles porcos, sujos.

REPÓRTER

Você é filha de algum fazendeiro da região?

PATRÍCIA *(sem graça)*

Não, sou filha de um caseiro. Mas ele cuida da chácara do patrão como se fosse dele.

REPÓRTER

Vamos agora entrevistar a mãe de um aluno. *Aproxima-se da mãe de Antônio e Maria.* Qual a opinião da senhora sobre a qualidade da escola?

MÃE

Olha, como você pode ver ao redor, a estrutura não é das melhores. Há muito tempo não é feita uma reforma aqui. Mas, no meu ponto de vista...

CORO

Mas, no nosso ponto de vista!

MÃE

... há um problema mais grave, que é a discriminação que minhas crianças sofrem na sala de aula.

REPÓRTER

Por qual motivo suas crianças são discriminadas?

MÃE

Elas são discriminadas por serem sem terra. Todas as crianças que moram no acampamento do MST são maltratadas por seus colegas, os filhos dos empregados das chácaras. Elas são chamadas de vagabundas, de bandidas, de sujas. Não tem quem se anime pra estudar com esse tipo de tratamento. E onde elas aprendem esse tipo de coisa? É na televisão, onde a gente só aparece como se fosse ladrão, e desocupado. Na realidade não é desse jeito não, nós somos trabalhadores.

CORO

Se nada somos neste mundo,
Sejamos tudo, ó produtores! (2X)

REPÓRTER

Ok, obrigado por sua opinião. Vamos resolver esse problema na edição.

2ª BRINCADEIRA (Patrícia)

CORO

Uma TV – nas mãos da elite – aliena muita gente
2 TVs, 3 TVs, 4 TVs, alienam muito mais!
E além disso, são deles também:
Rádios, cinemas, jornais, gravadoras, revistas – e tudo mais!

PATRÍCIA

Eu não acho certo eles invadirem as terras dos outros.

PERGUNTA

Você tem terra?

PATRÍCIA

Não, mas o patrão do meu pai trabalhou pra ter a terra. Olha, eu não discrimino os sem terra. Tem até algumas pessoas que são legais, mas tem muita gente que é agressiva.

PERGUNTA

Você já visitou um acampamento do MST?

PATRÍCIA

Eu não, não perdi nada lá.

CENA 2 - A HORA DO BOMBARDEIO

Som da trilha sonora do Jornal Nacional.

ÂNCORA

Boa noite. No terceiro episódio da série “Qualidade de ensino” nosso repórter visitou a escola rural Sucesso Bom. Nossa equipe chegou até a escola por meio de denúncias anônimas, que afirmam que a situação da escola é tão precária que corre risco real de desabamento. Mas, além disso, nosso repórter descobriu outras coisas... É com você Carlos Rosemberg!

REPÓRTER

Em nosso terceiro episódio da série “Qualidade de ensino”

viemos conhecer a situação da escola rural Sucesso Bom. Como vocês podem ver, a infra-estrutura da escola não é nada boa. Há anos não é feita uma reforma na escola. Vamos entrevistar agora uma das estudantes da escola, Patrícia.

PATRÍCIA

Essa escola é uma merda. Os banheiros são uma imundície, as janelas só faltam cair na nossa cabeça, a quadra de esporte está muito perigosa, e as pessoas são tudo misturadas, as de classe alta e as de classe baixa. Eu falei de classe alta se referindo a mim, e de classe baixa se referindo aos sem terra, esses vagabundos, que roubaram meus vales.

REPÓRTER

E agora....

D. JOAQUINA

Olha, vizinhos, liguem a TV! Venham ver! Vai passar a entrevista que eu dei pra TV, lá na escola dos meninos. Eu falei tudo, denunciei a discriminação que nossas crianças tão sofrendo lá. Agora eu quero ver!

REPÓRTER

... vejam a opinião que D. Joaquina, a mãe de dois alunos da escola, tem a respeito.

D. JOAQUINA

Olha, como você pode ver ao redor, a estrutura não é das melhores. Há muito tempo não é feita uma reforma aqui. Mas... *O repórter tapa a boca da mãe e tira ela da televisão.*

REPÓRTER *(tapando a boca da Mãe e puxando ela pra trás)*

Opa! Isso a gente já resolveu na edição. É com você *(nome do âncora)*.

Os vizinhos desconfiam de D. Joaquina, acusam-na de ter mentido para eles, de ter se exibido para a TV, etc.

D. JOAQUINA

É um absurdo! Eu fui lá, falei da discriminação! Só publicam o que eles querem, a verdade eles escondem!

ÂNCORA

E por falar em roubo, na fazenda Progresso, próxima a um acampamento do MST, foram roubadas 50 cabeças de gado. A polícia já está a procura de suspeitos. Segundo ela, seriam moradores das proximidades. *Mudando o tom.* Pela primeira vez, depois de dez anos, Xuxa vai ao parque com seu cachorrinho, o Xuxucão. O mesmo só é visto na TV em forma de boneco. O cachorro estava com problema de rabuja, e foi se tratar numa clínica para cães em Londres. Só o tratamento do cachorro custou para a apresentadora em torno de 4 milhões de dólares. Nós estamos felizes com a volta de Xuxucão.

3ª BRINCADEIRA (Pega a terra!)

JUIZ

Venham todos! Podem se aproximar e fazer suas apostas! Desse lado nós temos os sem terra! E daquele lado os latifundiários! O jogo é simples. No meio do campo eu colocarei essa bola, que representará a terra. Cada grupo será numerado. Quando eu chamar um número, as pessoas correspondentes devem vir ao meio, o objetivo é pegar a terra e voltar para o seu campo sem ser tocado pelo adversário. Se o inimigo tocar a pessoa do outro time enquanto ela estiver com a terra, é ponto para o time inimigo. Vamos começar a partida!

CORO DOS SEM TERRA

Sem Terra quando nasce se esparrama pelo chão!

CORO DOS LATIFUNDIÁRIOS

Latifúndio quando ataca bota todos no caixão!

LATIFUNDIÁRIO

Invade! Você não quer a terra?

SEM TERRA

Invade não, ocupa! Veja bem.

LATIFUNDIÁRIO

Ocupar por quê? Vocês não fazem é invadir mesmo?

SEM TERRA

A gente ocupa terra improdutiva. Isso tá previsto na lei.

CORO

Art. 184. Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social.

LATIFUNDIÁRIO

Vai! Invade aí! Ou vocês só fazem isso na calada da noite? Quando tão fazendo teatro parece até que são bonzinhos, mas quando vão invadir terra viram umas feras!

SEM TERRA

Já saquei a malandragem desse cara! Ele quer que a gente ocupe essa terra porque ele já deve ter negociado a venda dela pelo triplo do preço.

LATIFUNDIÁRIO

Pega a terra! Não é isso que vocês querem?! Tão vendo? Quando tem a terra, eles não pegam, isso só prova que são vagabundos, baderneiros.

SEM TERRA

Vou ocupar!

LATIFUNDIÁRIO

Olha lá o caminhão do Incra cheio de cesta básica!

SEM TERRA

Onde?

O latifundiário pega a terra.

CORO

Quem guarda com fome
O gato vem e come!

JUIZ

Um a zero para os latifundiários! Façam suas apostas, que a partida é justa! Atenção, número 2!

CORO DOS SEM TERRA

Sem Terra quando nasce esparrama pelo chão!

CORO DOS LATIFUNDIÁRIOS

Latifúndio quando chega bota todos no caixão!

LATIFUNDIÁRIO

Vou pegar a terra porque eu tenho direito a ela. O agronegócio é responsável por 30% das exportações brasileiras. Nós é que geramos renda para esse país.

SEM TERRA

Mentira! A agricultura familiar é responsável por 70% da produção que vai pra mesa dos brasileiros.

LATIFUNDIÁRIO

Agricultura familiar é coisa do passado. Nós somos os maiores exportadores de carne do mundo!

SEM TERRA

É por isso que eu não como carne! Vai tudo lá pra fora. Você come carne? O quê? Ah, muxiba tem. Mas filé, só para o patrão!

LATIFUNDIÁRIO

Fazer o quê? O mundo é dos mais espertos!

SEM TERRA

Ah, é?! Quem planta mais mandioca? Feijão? Arroz? Leite? Milho? Tomate?

LATIFUNDIÁRIO

Pára! Pára! Pára! Tapa os ouvidos e fecha os olhos

O Sem Terra pega a terra e vai pro seu lado.

CORO

Quem tudo quer,
tudo perde!

CENA 3 - QUANTO CUSTA IR PRA ESCOLA

CORO

Fui na escola
Tentar ficar sabido
De lá eu voltei
Cego, surdo e perdido (3X – em ritmo de rap)

D. JOAQUINA

Meninos, levantem! Tão atrasados pra ir pra escola! *Os filhos demoram pra se levantar e reclamam.* Por que vocês não querem ir pra escola?

ANTÔNIO

Os alunos ficam discriminando a gente. Chama a gente de porco, sujo, vagabundo. Aquela entrevista que a senhora deu, nem apareceu na TV a parte que falava disso.

D. JOAQUINA

E o sonho de eu mais seu pai de ver vocês doutores?

MARIA

Se for depender da escola, tá difícil. Viu, mãe?

ANTÔNIO

Oh mãe, tô querendo ir pra São Paulo. O Lula foi pra lá e se deu bem. Eu não vou estudar pra ser técnico agrícola. Sou sacaneado só porque sou sem terra. A senhora lembra dos meus cinco amigos que foram para São Paulo? Pois é, morreram dois. Então eu acho que tem vaga lá, né?

D. JOAQUINA

Morreu como?

ANTÔNIO

Acidente de trabalho.

MARIA (*fazendo gesto de arma apontada para a cabeça*)

Exportação de peixe, com droga dentro. Mãe, eu queria ir lá para os Estados Unidos. Lá eu vou ganhar muito dinheiro, vou ter uma vida muito boa. Só tenho que atravessar um

deserto, mas como nós já estamos acostumados a marchar, não vou ter problema. E lá eu vou conseguir estudar, fazer minha faculdade, porque aqui, mãe, só tem boa escola quem tem dinheiro pra pagar. E lá todo mundo é igual.

D JOAQUINA

Como é que você sabe que todo mundo é igual?

MARIA

Ué, eu vejo na novela. E eu conheço gente que se deu bem lá.

D JOAQUINA

Quem?

MARIA

A Sol.

D JOAQUINA

Ah! Vocês não têm que ir pra São Paulo e Estados Unidos pra estudar. Nós temos é que tornar a nossa escola boa pra vocês estudarem. Olha lá, o ônibus já tá passando. Corram! Corram!

ANTÔNIO e MARIA

Tchau, mãe!

Saem, cantando em coro.

Fui na escola
Tentar ficar sabido
De lá eu voltei
Cego, surdo e perdido.

MÃE *(para o público)*

Meus filhos são discriminados por seus colegas da escola. Mas se pararem de estudar vão acabar onde? Na cadeia? Debaixo da terra? Se estudando tá difícil, imagina sem escola. Dá dó ver meus meninos perderam a vontade de estudar. Eram tão animados com a escola. Também, quem gosta de estudar numa escola em que é chamado de sujo, de ladrão, de vagabundo? Eles tão sofrendo muito. Na cidade nós não temos chance, já tentamos todo tipo de emprego.

CORO

Você que está aí parado, também é explorado!

4ª BRINCADEIRA (S. João, o chacareiro)

CORO

Uma TV – nas mãos da elite – aliena muita gente

2 TVs, 3 TVs, 4 TVs, alienam muito mais!

E além disso, são deles também:

Rádios, cinemas, jornais, gravadoras, revistas – e tudo mais!

JOÃO

Graças a Deus eu tenho um patrão bom. Trabalho 15 horas por dia. Gosto muito do meu patrão. Tenho meu salário, apesar de que é pouco, R\$ 150.

PERGUNTA

Você acha certo ficar sempre trabalhando na terra dos outros?

JOÃO

Sim, porque eu gosto muito do meu patrão. Sem meu patrão eu não sobreviveria.

PERGUNTA

Você não pensa em ter sua própria terra?

JOÃO

Pensar eu penso, mas eu não posso abandonar o meu patrão.

PERGUNTA

Você pensa que só sobrevive se você tiver um patrão?

JOÃO

Sem patrão eu não receberia o meu pagamento. Então, como é que eu ia comer?

CENA 4 - O DESGOSTO DO PAI

PATRÍCIA

Oi, pai, hoje eu dei uma entrevista na escola. Me perguntaram onde eu morava, falei que morava na fazenda, e que o senhor era como se fosse o dono.

JOÃO

Como quem, minha filha?

PATRÍCIA

O dono.

JOÃO

Você não mentiu, minha filha, você falou certo. Se for analisar bem direito, acho que eu até seria o dono.

PATRÍCIA

Mas pai, eu falei tão bonito que até o repórter pensou que eu era filha do fazendeiro.

JOÃO

É, analisando bem, você até que parece...

PATRÍCIA

Ah! Pai, além do mais, nós somos de classe alta, não somos?

JOÃO

É, não tão alta... mas tem gente mais baixa que a gente.

PATRÍCIA

Os sem terra, né, pai? Pai, e aquela sandália do comercial que o senhor falou que vai comprar pra mim?

JOÃO

Bom, minha filha, nossa classe tá tão alta que eu tenho que refazer as contas pra ver se dá pra comprar a sandália. Ô filha, você não quer aquela sandália reforçada de borracha de pneu que eu faço?

PATRÍCIA

Pai! O senhor é doido, é?! Onde já se viu eu ir pagando vexe pra escola com uma chinela de pneu! Vão dizer que eu sou sem terra! Eu quero aquela do comercial!

PATRÃO

João! Vem aqui João! Você sabe que eu não falo três vezes, já falei duas.

JOÃO

É, minha filha, aquele moço que você falou que só vem no final de semana tá me chamando ali.

PATRÍCIA *(para o público)*

Esse é o patrão do meu pai.

5ª BRINCADEIRA (Jovem militante do MST)

CORO

Uma TV – nas mãos da elite – aliena muita gente

2 TVs, 3 TVs, 4 TVs, alienam muito mais!

E além disso, são deles também:

Rádios, cinemas, jornais, gravadoras, revistas – e tudo mais!

JOVEM

Depois que eu entrei no movimento a minha vida mudou.

Até então eu só conhecia a cidade onde eu morava. Depois

eu conheci vários lugares e coisas que eu nem imaginava que existiam.

PERGUNTA

Mas você sai da cidade pra ir pra debaixo da lona preta e diz que a sua vida melhorou?

JOVEM

Melhorou. Eu saí da violência da cidade, hoje faço o que eu

quero, já atuei em vários setores do movimento e tô lutando pela terra.

PERGUNTA

Mas é trabalhando que se ganha dinheiro, e daí se pode comprar uma terra.

JOVEM

Quem ganha dinheiro? Os pobres não estão ficando ricos.

É trabalhando para os outros que cavamos a nossa cova,

que morremos de tanto sermos explorados. Há outros jeitos

de conquistar a terra. Eu não vou pagar por um direito. O

MST é uma luta coletiva pela terra.

PERGUNTA

A gente vê na TV que as mulheres sem terra só servem pra ter filho.

JOVEM

Não é bem assim. Eu, por exemplo, tenho 21 anos, sou do Setor de Comunicação e faço parte do grupo de teatro, do Setor de Cultura. E ainda não tenho nenhum filho.

CENA 5 - CONFLITO NA ESCOLA

CORO

Fui na escola
Tentar ficar sabido
De lá eu voltei
Cego, surdo e perdido. (2X)

PROFESSOR

Hoje nós vamos falar sobre as diferenças sociais das cidades. As diferenças entre as grandes metrópoles, as cidades e as favelas. Aqui eu vou desenhar pra vocês o que seria uma metrópole: grandes fábricas, indústrias, edifícios, comércios, onde as pessoas trabalham. Aqui são as cidades, não tão movimentadas como as metrópoles. As metrópoles e as cidades geram o quê: emprego. E logo aqui, diferente das cidades, nós temos as favelas, invasões irregulares. E depois das favelas nós temos os acampamentos, dos movimentos sociais, que estão se multiplicando por todo o país.

ANINHA

Professor, mas como é que a gente faz pra acabar com essa praga?

PROFESSOR

Que praga?

PATRÍCIA

Esses sem terra, bando de vagabundos.

PROFESSOR

Temos que entender que isso é um problema social.

ANINHA

Exatamente, temos que acabar com as drogas, o roubo, a vagabundagem.

ANTÔNIO

Espera aí, nós somos todos trabalhadores rurais. Ninguém lá é vagabundo!

PROFESSOR

Calma, vamos voltar pra aula que vocês vão entender melhor.

ANINHA

Pois é professor, mas eu não agüento mais, tem sem terra em todo lugar. Tem que colocar o exército nas ruas.

PATRÍCIA

Ah! Mas eu gostei foi da peia que os policiais deram nos sem terra! Aquela que passou na TV.

ANTÔNIO

Estamos todos correndo atrás de um objetivo, que é a terra.

PATRÍCIA

Mas aprontaram, se não tivessem aprontado, não tinham apanhado.

PROFESSOR

Crianças, vamos retomar a aula. O que as favelas geram para a cidade?

ANINHA

Violência. Esses movimentos não gostam de trabalhar, só de badernar.

PROFESSOR

Calma.

PATRÍCIA

O governo fica dando as cestas básicas e eles lá, sem fazer nada.

PROFESSOR

Não é por aí. As favelas são a conseqüência do desemprego, é pra lá que vão os desempregados. Desempregados não são propriamente vagabundos. As favelas geram o que chamamos de exército de mão de obra barata. Quanto mais gente tiver competindo por um emprego, mais baixo é o salário daqueles que estiverem empregados.

ANINHA

Se sem terra não fosse perigoso, não precisava daquele tanto de polícia quando eles vão pra Brasília.

ANTÔNIO

Se o governo não assentar os sem terra, daqui a pouco vocês não terão mais comida na mesa, porque os grandes fazendeiros plantam mais é soja, algodão, tudo pra exportação. São os trabalhadores do campo que colocam comida na mesa da cidade.

PATRÍCIA

Nós não dependemos de vocês não. É pra isso que existe o agronegócio.

ANTÔNIO

Vão ficar comendo transgênico.

Os alunos continuam discutindo, quando o professor passa para a boca de cena eles passam a discutir somente por meio de gestos.

ATOR QUE FAZ O PROFESSOR

Se fossem vocês no lugar desse personagem, de que forma vocês resolveriam esse problema? É realmente um problema que só o governo pode resolver? Ou a comunidade pode intervir? De que forma vocês resolveriam?

6ª E ÚLTIMA BRINCADEIRA (a dança de nossa tragédia)

Solo de Piano – música Comptine d'Un Autre Été, de Yann Tiersen. Os atores refazem o jogo das quatro bases, em silêncio, em câmera lenta. As bases são as esperanças de cada personagem. Para o chacareiro, é a expectativa de que o novo emprego será melhor que o anterior. Para a Patricinha, é a idéia de que o adereço novo vai lhe trazer uma nova imagem. Para S. Antônio, é a crença de que ainda virão lhe chamar para trabalhar. Para a Mãe, D. Joaquina, é a esperança de uma mudança que lhes traga segurança. Mas, ao chegarem nas bases, depois de um suspiro de alívio, eles se percebem frustrados, pois suas expectativas são falsas. Os atores mostram isso triangulando com o público. O ator, ou atriz, que pára no centro, expõe mais fortemente sua desilusão. Todos gesticulam, fazendo gestos de trabalho, enquanto se movimentam. No último toque do piano, todos param, em silêncio, olham para o público.

Paga Zé

Comédia política construída em 2005 pelo Coletivo Peça pro Povo do MST/RS, como livre adaptação da peça de agitprop de Augusto Boal “Não tem imperialismo no Brasil”, escrita na década de 1960. A adaptação transpõe o problema da dominação imperialista do foco urbano para o foco rural.

Personagens:

Zé

Célia, mulher do Zé

Filho do casal

Rádio

Narrador (a)

Tio Sam

Cenário e adereços de cena: chaleira, cuia, duas cadeiras, o rádio feito de papelão e vassoura, papel higiênico identificado com o nome Bobby, latas de veneno com identificação grande da Bayer, Monsanto e Sadia.

Os intérpretes entram em fileira com uma batucada cantando Paga Zé e convidando as pessoas a virem assistir. Quem faz o papel de Célia, é um homem, do Zé, uma mulher. Todo o grupo se posiciona em meia lua e começa cantar em coro e com movimentos sincronizados.

Música Paga Zé

TODOS

Paga, paga, paga Zé (2 X)

Oh YES!

O quê?

Tudo o que você tiver!!!

CÉLIA

Água!

TODOS

Água! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

RÁDIO

Adubo!

TODOS

Adubo! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

ZÉ

Arroz!

TODOS

Arroz! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

TIO SAM

Escola!

TODOS

Escola! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

NARRADOR (A)

Muié!

TODOS

Mulher? Será?!

NARRADOR (A)

A história que vamos contar é a história do Zé, de sua família e de muitos brasileiros que não percebem o quanto pagam para sobreviver.

CENA 1 - O PRIMEIRO ASSALTO

Os personagens entram em cena. O rádio canta como se fosse o galo. Zé liga o rádio, que toca a música “Novo Amanhecer”. Célia traz a chaleira e a cuia, enquanto Zé acende o seu cigarro de palha. Os dois tomam chimarrão. Ela implica com o rádio e sai para desligá-lo.

RÁDIO

Mais um dia vai amanhecer, logo o sol já vai nascer, se prepara pra poder trabalhar, somos pobres, temos que lutar... No sinal, 6h58. Crédito público para grandes multinacionais do agronegócio, valores financiados somente no Banco do Brasil:

Souza Cruz: 189 milhões

Basf: 120 milhões de reais

Monsanto: 68 milhões de reais

Bayer: 58 milhões de reais

CÉLIA

Como sai dinheiro pra esses grandões! *Sai resmungando pra cozinha. Enquanto isso Zé vai encher o chimarrão.*

ZÉ

Ô muié, cadê a chaleira daqui? O mate tava bão, não precisava esquentar a água. *Fica olhando*

CÉLIA

Tá aí seu tonto, eu não peguei nada.

Zé passa a procurar a chaleira. Entra o Tio Sam. Somente o público o vê. De repente, Zé se depara com o Tio Sam e toma um susto.

ZÉ

Que diabos é isso agora?! Eu tô vendo assombração?!

TIO SAM *(com a chaleira na mão)*

Quer tomar chimarrão? Paga a água!

ZÉ

E porque que eu vou pagar água procê, heim? Quem é ocê?

TIO SAM

Eu sou aquele que cobra tudo o que não é seu.

Zé não entende nada. Nervoso, guarda a cuia e sai resmungando, com o veneno e as sementes nas mãos. Quando está saindo, toma outro susto.

TIO SAM

Onde pensas que vai?

ZÉ

Eu vou prantar e matar as formigas que estão atrapaiano a minha lavoura.

TIO SAM

Não vai não. Por acaso você já pagou a sementes?

ZÉ

Claro que vou. Se eu não prantar, o que vamos comer? Além do mais, essa semente aqui ó, é minha, esse veneno aqui ó, é meu.

TIO SAM

Não, não. Mas não é mesmo. A semente é da Monsanto e o veneno é da Bayer, e se você quer mesmo plantar, então paga Zé. Porque tu não é o dono delas. A empresa é que é a proprietária. E a minha função aqui é defender os interesses do meu país. Oh yes, passa pra cá as sementes e o veneno.

Zé fica desanimado e apavorado. Sai para tratar dos bichos. Chama as galinhas e os porcos, mas quando vai pegar a ração...

TIO SAM

Ô Zéééé!

Zé cai e começa a fazer uma cena de briga e encrenca com Tio Sam.

ZÉ

Mais ocê num vai parar de me incomodar?

TIO SAM

Mas é claro que vou, depois que eu levar esses lindos animais.

ZÉ

Mais por quê?

TIO SAM

Para pagar as rações que eles já comeram.

ZÉ

Mais a ração é minha.

TIO SAM

Não é não, essa ração pertence à fábrica Sadia. Pague e pode ficar com ela.

Zé sai desesperado, passando a mão nos cabelos, tirando o chapéu...

CENA 2 - O ASSALTO ATINGE TODA A FAMÍLIA

Entra o filho todo feliz, pulando e gritando que vai pra escola.

ZÉ

Pelo menos uma que num preciso pagar, que coisa mais linda o meu fiinho!...

TIO SAM

Que criança linda!

ZÉ

Pelo amor de Deus! Meu fio não!!!!

TIO SAM *(batendo o pé)*

Onde pensas que vai?

ZÉ

Ele vai pra aula.

TIO SAM

E esses livros?

FILHO

Eu ganhei!

TIO SAM

Ah, mas então tu não pagou, então passe pra cá. E tu pagas a escola?

ZÉ

Claro que não, a escola é pública. *Acena para o público para ter confirmação.*

TIO SAM *(com gargalhadas cínicas)*

Ah é, mas só por enquanto. Então, vão, vão...

Célia entra em cena varrendo o chão e organizando as duas cadeiras. Zé entra se contorcendo de dor de barriga.

CÉLIA

Sabe, véio, acho que nósis tamo indo pro mesmo rumo do compadre Pedro.

ZÉ

Arre, muié! Decerto tá ficando é loca. Me dê o paper de lá que eu tô mesmo é me vendo da minha barriga.

CÉLIA

E num vai dizê que eu num avisei.

Zé sai correndo pro banheiro, mostrando bem a marca do papel para o público. Chega, abaixa as calças, sons de pum. Uma batida na porta do banheiro.

TIO SAM

Zéééé, o que tu tá fazendo aí?

ZÉ

Era só o que fartava, nem cagar eu posso mais...

TIO SAM

Tu pagou o papel higiênico?

ZÉ *(agarrando o papel, sentado no vaso sanitário)*

Mas esse papel é meu.

TIO SAM

Não, não, é da empresa Bobby e tu não é dono. Então passa pra cá.

ZÉ

Tá, então me faz um favor e me arcança aí de fora uns dois sabuguinho.

TIO SAM

Mas é claro. *Sai dando gargalhadas e ignora o Zé.*

Tudo que o Tio Sam pega, coloca dentro de um saco grande que carrega junto consigo. Está vestido de palhaço e usando gravata. Zé, no banheiro, puxa as calças desesperado, mesmo sem se limpar, e vai pra cozinha onde Célia e seu filho o esperam para o almoço.

CÉLIA

Vamos almoçar, que já tá passando da hora.

TIO SAM

Zé, tu pagou a comida?

ZÉ

Mas é claro que não, o feijão foi coído aqui na minha terra, o arroz, a mandioca, a batata, tudo, tudo daqui...

TIO SAM

Não é não. O arroz e o feijão pertence a empresa que é proprietária das sementes. Então paga.

Tio Sam toma o prato de comida da família. Zé olha pra família, já sem saber mais o que fazer. Sai em direção ao banheiro e tira a roupa pra se lavar.

CENA 3 - NENHUM MINUTO DE SOSSEGO

ZÉ (*cantando*)

Nesses versos tão singelos, minha bela, meu amor, pra você quero cantar o meu sofrer, a minha dor, eu sou como sabiá, quando canto é só tristeza. É, um banho ajuda a refrescar, parece inté que sou um homem novo, me lavr bem aqui na gamela, por que essa água é daqui da sanga, decerto ninguém me cobra, essa é da natureza. *Leva a mão para pegar as roupas, não encontrando, passa a gritar. Cadê as minhas roupas???*

TIO SAM

Tu pagas?!

ZÉ

Eu não tenho mais dinheiro!!!!

Tio Sam sai dando gargalhadas e “oh yes”. Coloca as roupas do Zé no saco. Zé sai do banho, todo molhado, só de ceroula, triste. Senta em frente ao público.

ZÉ

Perdi tudo, a água, as sementes, o veneno...

CÉLIA

Os livros da piaçada, a comida...

ZÉ

Nem o paper me restô. Inté minha roupa, mas bem que me avisaro e eu nunca que acreditei que ia sobra pra nós pequeno. Achei que fosse conversa fiada, mas agora me lembrando, até o meu compadre Pedro, também perdeu tudo, ele disse que eram as dívidas...

CÉLIA

O nosso vizinho inté foi imbora, o que vai ser de nossa família?

Forma-se uma meia lua, como no inicio.

TODOS

Paga, paga, paga Zé (2 X)

Oh yes!

O quê?

Tudo o que você tiver!!!

CÉLIA

Papel!

TODOS

Papel! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

RÁDIO

Roupa!

TODOS

Roupa! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

ZÉ

Sementes!

TODOS

Sementes! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

TIO SAM (*gritando*)

Paga Zé!!!

TIO SAM

Escola!

TODOS

Escola! Oh yes! Paga, paga, paga, paga Zé!

NARRADOR (A)

Muié!

TODOS

Mulher? Será!

Todos saem, maldizendo e batendo no Tio Sam.

Trapulha

Peça que aborda criticamente as relações de poder, estabelecendo conexões entre a perspectiva local e mundial, com procedimentos do teatro épico, construída coletivamente após oficina com Teatro de Narradores (SP) em que cenas da peça *O círculo de giz caucasiano*, de Bertolt Brecht, foram trabalhadas em experimentos.

Personagens:

Rei Traquinos Trapos

Rainha Fala Trapos

Bêbado

Alfaiate poeta

Soldado

Padre padeiro, que também é o 2º Conselheiro

1º Conselheiro

3º Conselheiro

Melhor amiga da Rainha

Mari Dojou

1ª peça construída coletivamente pela Brigada de agitprop Semeadores, do MST/DFE, em junho de 2004.

Observação: na época a Brigada era chamada apenas como grupo de teatro do pré-assentamento Gabriela Monteiro.

O coro entra cantando. Cada personagem faz um gesto expressando seu ponto de vista dentro das relações de poder no momento em que a música fala das cabeças cortadas.

CORO

Marcha Trapulha,
Trapulha trapulhada
Quem não marchar direito
As cabeças são cortadas!

BÊBADO

Uma comunidade, um reino, uma estória. Trapulha era o nome dessa pequena e tranqüila comunidade. Traquinos Trapos era o seu Rei e Fala Trapos era sua rainha. Uma comunidade perfeita. Havia um conselho que orientava o reino, um alfaiate que gostava de fazer poesias e cantar, um bêbado que gostava de beber e de falar, a melhor amiga da rainha, uma mulher beata que era casada com um conselheiro, o padeiro, que também era o padre da cidade e também o 2º conselheiro, um soldado suspeito que sempre vagava noite adentro em direção ao palácio. Tudo perfeito, até que um dia apareceu na comunidade uma linda mulher solteira, vinda de muito longe. Ela pediu para se instalar na comunidade, pois havia comprado uma pequena casa no centro. Logo todos ficaram sabendo da nova moradora, que também havia comprado algumas ações do moinho. Desse moinho também eram sócios a rainha, o padre e todo o conselho. Sendo ela a única forasteira da cidade, logo vieram os boatos. Linda e de vestes muito provocantes, ela provocava olhares de todos os homens e a inveja de todas as mulheres. Daí começa a nossa divertida história.

1º MOMENTO - O AMANHECER DA COMUNIDADE TRAPULHA.

ALFAIATE

Que lindo dia de sol e de alegria!
Vou trabalhar para o meu dinheiro ganhar,
e com uma linda mulher gastar!

BÊBADO

Tá gastando...

ALFAIATE

Tá me chamando de pão duro?! Pois fique sabendo que guardo minhas economias para quando eu encontrar a mulher dos meus sonhos e com ela poder gastar, seu bêbado insolente!

BÊBADO

Tá gastando...

ALFAIATE

Ah! Vai catar coquinho!

O alfaiate entra em sua alfaiataria. O bêbado sai resmungando e senta no chão, com estafa de cachaça. Toca o sino. A Rainha Fala Trapos pede para o soldado convocar uma reunião do Conselho.

2º MOMENTO - A REUNIÃO DO CONSELHO.

BÊBADO

Meu Deus! Quem vai embora dessa vez? Tomara que não seja eu!

Todo o conselho se dirige para o local da reunião.

REI TRAQUINOS TRAPOS

Senhores do Conselho, estamos reunidos para discutir um assunto de vital importância, algo de muito grave.

1º CONSELHEIRO

O que de tão grave o incomoda, meu Rei?

REI

Não a mim, mas a nossa Rainha Fala Trapos.

RAINHA FALA TRAPOS

Bem, meus queridos membros do Conselho, algo de muito grave acontece na corte. Um rato muito grande e viscoso apareceu no meu quarto ontem à noite. Eu estou preocupada. Não quero que a minha opinião interfira para a expulsão desse rato nojento, mas sabemos que ele não serve para estar em nosso meio.

PADRE

Majestade, nós precisamos discutir algo de grande importância para a comunidade, que é o nosso moinho, que está quase desabando. A majestade sabe que, se isso acontecer, nossa comunidade vai sofrer muito e não temos nenhum dinheiro disponível.

Todos olham para o lado, demonstrando pouco assunto.

REI

Eu acho que esse Conselho é legítimo. Tudo que vocês decidirem, nós não podemos fazer nada, vocês é que mandam. Mas não podemos deixar de lado uma questão tão grave que é o rato que nos incomoda.

3º CONSELHEIRO

Apoiado, Majestade!

BÊBADO

Coitado do rato! Não pode nem se defender!

REI

O que faremos com o rato?

2º CONSELHEIRO

Majestade, e o moinho?

3º CONSELHEIRO

O rato é mais grave!

BÊBADO

Coitado do rato!

RAINHA

A minha opinião é para que expulsem esse rato da nossa comunidade. Ele não serve para estar em nosso meio.

BÊBADO

Coitado do rato!

REI

Votemos agora! Quem quer que o rato saia, levante a mão.

Todos, menos o padre, levantam a mão.

REI

Bom, foi a opinião do Conselho. Hoje mesmo chamamos a segurança do palácio para retirar aquele maldito rato e jogá-lo para fora de nossa comunidade Trapulha.

TODOS

Deus salve o Rei! Deus salve o Rei!

BÊBADO

Deus proteja o rato!

Todos se retiram do local.

3º MOMENTO - A CONVERSA DESCONFIADA.

O soldado está montando guarda no meio da praça. Do lado oposto, o padre sai da padaria, preocupado e olhando para todos os lados. Vai se aproximando, de costas para o soldado, sem vê-lo. De repente se trombam. Os dois se assustam, e começam a conversar, um de costas para o outro.

PADRE

Meu caro soldado, percebe o que está acontecendo em nossa comunidade? Estamos à beira do caos. Todos estão loucos! A minha lavoura de trigo está sendo prejudicada por causa do moinho e ninguém toma providência. Como vão ficar as nossas lavouras, me responda?

SOLDADO

A minha plantação de feijão também está prejudicada, mas não podemos fazer nada. Tudo está na mão do Conselho.

PADRE

Não, do Rei e da Rainha.

SOLDADO

Cuidado com o que fala, padre! Se alguém ouvir isso, o senhor pode ser expulso de Trapulha.

PADRE

Jesus, Maria e José, é verdade!!!

Os dois olham para lados opostos e retiram-se.

**4º MOMENTO - SEGUNDO AMANHECER DA
COMUNIDADE CHAMADA TRAPULHA.**

ALFAIATE

Que dia lindo, hoje estou feliz!
Escovei os dentes e limpei o nariz!

BÊBADO

Tá limpando.

ALFAIATE

Tem certas pessoas que não se enxergam. Nunca tomou
banho e fica aí falando dos outros!

PADRE

Jesus, Maria e José!

BÊBADO

Meu galinho garnizé!

MELHOR AMIGA DA RAINHA (*espiando tudo de seu barraco*)

Esse bêbado tem que sair de nossa cidade. Todo dia ele
incomoda as pessoas. Vou levar o fato para a nossa Rainha
Fala Trapos!

5º MOMENTO - O JULGAMENTO DO BÊBADO.

*A Rainha Fala Trapos e o Rei Traquinos Trapos pedem uma reunião
do Conselho. Toca o sino.*

SOLDADO

Reunião do Conselho! Reunião do Conselho!

Todo o Conselho se dirige ao local da reunião.

REI

Senhores do Conselho, estamos aqui para discutir um assunto de vital importância. Algo muito grave.

1º CONSELHEIRO

O que de tão grave o incomoda, meu Rei?

BÊBADO

Meu Deus, quem vai embora dessa vez?!

REI

Novamente temos que nos reunir para discutir um problema antigo, o bêbado.

BÊBADO

Meu galinho garnizé, agora lascou!

PADRE

Mas Majestade, há muito estamos adiando o problema do moinho.

3º CONSELHEIRO

O bêbado incomoda, mas temos que resolver logo. Depois, o moinho.

RAINHA

Bem, devemos ter um pouco de coerência com esse caso. O bêbado é uma figura muito querida aqui em Trapulha. Não podemos relevar?

1° CONSELHEIRO

Ele incomoda a todos na comunidade, ninguém gosta dele.

PADRE

Acho que todos têm medo dele porque ele sabe demais.

Todos olham para os lados e tossem, disfarçando, com olhar de preocupação.

REI

Bem, votemos agora!

BÊBADO

Ai meu Deus!

REI

Quem vota pela expulsão do bêbado, levante a mão. *Ninguém levanta a mão, todos se entreolham.* Bem, mais uma vez, o bêbado fica.

BÊBADO

Obrigado meu Deus! Não foi desta vez, agora eu vou comemorar!

TODOS

Deus salve o rei! Deus salve o rei! *Retiram-se.*

6° MOMENTO - A NOVIDADE DA CHEGADA DA FORASTEIRA MARI DOJOU.

As duas falas seguintes acontecem atrás do cenário da casa do rei e da rainha.

MELHOR AMIGA

Minha Rainha, vou lhe contar uma novidade.

RAINHA

Sim, por favor, me conte.

MELHOR AMIGA *(puxando a rainha para a boca de cena)*

Uma forasteira comprou uma casa na comunidade, e está vindo para cá. Contam que ela é muito linda.

RAINHA

Já não gosto dela...

MELHOR AMIGA

Contam também que ela comprou algumas ações do nosso moinho.

RAINHA

O quê? Jamais aceitarei uma forasteira como sócia do nosso moinho. Vou tomar as devidas providências!

A Rainha vai ao encontro do Rei Traquinos.

RAINHA

Rei Traquinos, estou sabendo que uma forasteira está vindo para Trapulha, e mais, que ela é sócia do moinho. É verdade?

REI

É verdade.

RAINHA

Você tem que tomar alguma providência. Não queremos essa forasteira em nosso meio.

REI

Temos que entender que o moinho é um grande problema e temos que passar esse problema para alguém, você não acha?

RAINHA

Além disso, ela é solteira. Não queremos forasteiras solteiras em nossa comunidade. Ela pode causar problemas para as mulheres de bem, de Trapulha.

REI

Temos que resolver o problema do moinho.

RAINHA

Temos que resolver o problema da forasteira. Vou falar com o Conselho para expulsá-la antes que ela chegue na comunidade.

REI

Soldado, convoque o Conselho para uma reunião para nós apresentarmos a forasteira.

Os dois retiram-se. Logo depois, o sino toca.

7º MOMENTO - MAIS UMA REUNIÃO DO CONSELHO.**SOLDADO**

O Rei Traquinos e a Rainha Fala Trapos chamam uma reunião do Conselho.

O rei, a rainha e todo o Conselho dirigem-se para o local da reunião. O povo se aproxima, com olhares de curiosidade. Todos ficam admirados com a beleza da forasteira Mari.

MARI

Bem, Majestade, Rainha Fala Trapos, senhores do Conselho, deixe-me apresentar, meu nome é Mari Dojou, sou a nova moradora de Trapulha. O meu objetivo é recuperar o nosso moinho para devolver a dignidade deste povo tão sofrido.

BÊBADO

Apoiada! Apoiada!

MARI

As nossas lavouras estão sendo prejudicadas pelo mau funcionamento do moinho.

TODOS

Apoiada! Apoiada!

MARI

Queremos que nossas terras tornem-se mais ricas e mais férteis. Toda a comunidade irá ganhar com isso.

RAINHA

É um problema que é somente dessa comunidade.

PADRE

Não, Majestade, é dela também, é de todos nós. Lembremos que ela é moradora da comunidade e sócia do moinho.

3º CONSELHEIRO

Acho que devemos analisar as condições do moinho para depois tomarmos providências.

REI

Devemos nos reunir daqui a dois dias para ver a conclusão da análise e discutir o problema.

RAINHA

Mas meu rei, nós nunca fizemos isso de marcar reunião para discutir problemas da comunidade.

REI

A partir de hoje, traçaremos um cronograma para discutir todos os problemas de Trapulha.

RAINHA

Mas meu Rei... Eu é que fazia isso, trazia os problemas e o Conselho discutia, e sempre deu certo.

TODOS

Deus salve o Rei! Deus salve o Rei!

BÊBADO

Deus proteja a forasteira Mari.

Retiram-se todos, menos o Rei e o 3º Conselheiro.

ALFAIATE *(exclamando, ao deixar o local)*

Que linda mulher!

Será que é ela a mulher dos meus sonhos?

Inteligente, justa, bonita e sorridente!

Será que ela notará este homem carente?

BÊBADO

Será que ela notará este demente? Tá notando...

ALFAIATE

Não vou ligar mais para as suas críticas! Estou muito feliz pra isso!

BÊBADO

As coisas estão mudando aqui em Trapulha. *Retiram-se.*

8º MOMENTO - A INVENÇÃO DA GUERRA.

3º CONSELHEIRO

Majestade, me perdoe, mas eu acho que Vossa Excelência não está com essa bola toda.

REI

Como assim?! Do que você está falando?!

3º CONSELHEIRO

O povo está insatisfeito com o governo de nossa Majestade. A crise do moinho está provocando tal insatisfação.

REI

O problema já está resolvido com a chegada da forasteira.

A rainha Fala Trapos, que escutara a conversa, aparece de repente.

RAINHA

Rei Traquinos Trapos!!! Você está dizendo que a forasteira vai resolver os nossos problemas? Como assim?!

3º CONSELHEIRO

Majestade, temos que tomar medidas mais firmes!

REI

Que medidas?

3º CONSELHEIRO

Por que não inventamos uma guerra?

REI

Uma guerra?! Contra quem?

3º CONSELHEIRO

Majestade, contra ninguém, é só pra que o povo esqueça os problemas de Trapulha.

REI

Ótima idéia! Vamos convocar toda a população!

O sino toca.

SOLDADO

O Rei Traquinos chama para uma reunião de emergência!

Todos se aproximam, perguntando uns para os outros o que será dessa vez. O rei aparece com trajes militares.

REI

Meus caros membros do Conselho, povo de Trapulha, nossos mensageiros nos informam que Trapulha pode ser atacada a qualquer momento. *Espanto da população.* Temos que nos preparar, faremos uma convocação.

BÊBADO

Ah, meu Deus! Era só o que me faltava, uma guerra! Já não basta o moinho?!

REI

O primeiro conselheiro vai ler a lista de convocação.

1º CONSELHEIRO

Vamos à lista: o alfaiate vai para a linhaa de frente, o padre vai para as trincheiras, o soldado protegerá o rei, o 3º Conselheiro cuidará do depósito de alimento, a melhor amiga da rainha cuidará da saúde, Mari Dojou concluirá a

análise do moinho e ficará responsável pelas finanças. Enquanto o 1º Conselheiro lê a lista o bêbado vai se retirando sorrateiramente. O bêbado também irá para a guerra, vai para a linha de frente.

BÊBADO

Ah, meu Deus! Me ferrei!

1º CONSELHEIRO

E eu serei o comandante!

9º MOMENTO - TERCEIRO ANOITECER DA COMUNIDADE DE TRAPULHA.

Um homem cruza sorrateiramente a cidade saindo da casa da forasteira Mari. Ele carrega um pacote nas mãos. Em seguida aproximam-se o padre e o soldado. A melhor amiga da rainha vê toda a cena e escuta a conversa, escondida.

PADRE

Meu caro soldado, estou preocupado! Estamos à beira de uma guerra, e o que faremos? Me diga? Nossas lavouras estão arruinadas, esse moinho só nos traz problemas...

SOLDADO

Sim, mas agora temos que nos preocupar é com a guerra, porque quanto ao moinho, as ações estão quase todas vendidas para Mari Dojou.

PADRE

É verdade! Eu mesmo já vendi as minhas ações para ela.

SOLDADO (*cutucando o padre com sua lança*)

Cuidado padre, fale baixo! Pode ser perigoso!

Saem, um para cada lado.

10º MOMENTO - AMANHECE UM NOVO E DEFINITIVO DIA NA COMUNIDADE DE TRAPULHA.

ALFAIATE

Que lindo dia
hoje posso sorrir!
Encontrei a minha amada,
chamada Mari!

BÊBADO

Tá encontrando...

ALFAIATE

Até quando tu vais me encher o saco, seu estúpido?!

O alfaiate entra na alfaiataria. A melhor amiga vai ao encontro da Rainha Fala Trapos.

MELHOR AMIGA

Minha rainha, tenho algo para lhe contar.

RAINHA

Sim, me conte.

MELHOR AMIGA

Tenho uma informação que vai acabar com aquela forasteira!

RAINHA

Me conte logo! Estou ansiosa!

MELHOR AMIGA

A forasteira recebeu uma visita masculina na calada da noite, que só saiu ao amanhecer.

RAINHA

Prostituição é crime! De Trapulha ela será expulsa hoje mesmo! Chamarei o Conselho para discutir esse fato!

O sino toca.

SOLDADO

Reunião do Conselho! Reunião do Conselho!

O rei, a rainha e todo o Conselho se dirigem para o local da reunião.

REI

Bem senhores do Conselho, temos um assunto muito grave para discutirmos hoje. Um caso de prostituição na nossa comunidade.

Todos se entreolham, espantados com a notícia.

1° CONSELHEIRO

Majestade, prostituição é um crime gravíssimo aqui em Trapulha!

3° CONSELHEIRO

Quem cometeu tal crime Majestade? Nos conte!

REI

Não sei, a nossa rainha é que tem todas as informações.

RAINHA

Bem meus queridos membros do Conselho, como eu havia alertado antes, uma pessoa que acabou de chegar em Trapulha cometeu tal crime.

TODOS (*perguntando em tom de curiosidade*)

Quem? Quem, Majestade?

RAINHA

A forasteira Mari Dojou.

REI (*se levanta espantado*)

Quem?!

RAINHA

É isso mesmo, a forasteira Mari. Ela foi vista ontem com um homem em sua casa durante toda a noite, e o mesmo só foi embora ao amanhecer.

TODOS (*gritando eufóricos*)

Vamos expulsá-la de Trapulha!

REI

Traga a forasteira para se explicar.

RAINHA

Meu rei, não precisamos que ela venha se explicar! Já foi decidido, ela vai embora de Trapulha!

REI

Ela tem que se explicar!

3º CONSELHEIRO

Majestade, estou com a análise do moinho...

RAINHA

Não vamos discutir o moinho, vamos expulsar a forasteira...

O soldado traz a forasteira para a reunião. Toda comunidade se aproxima para ouvi-la.

REI

Mari Dojou, você está sendo acusada de prostituição.

MARI

O quê?!

BÊBADO

Tá tudo errado!

ALFAIATE

Não acredito!

RAINHA

É isso mesmo, prostituição! Ontem à noite um homem saiu de seu quarto! Vejam que o Padre está desaparecido! Ela também pode ser a culpada disso!

Todos comentam a possibilidade ao mesmo tempo.

REI

Calem-se todos! Forasteira Mari, lamento, mas a senhora está expulsa de Trapulha.

1º CONSELHEIRO

Majestade, não está havendo um engano?

REI

O senhor não tem voz nessa reunião!

1º CONSELHEIRO

Como não?! Eu sou o 1º Conselheiro, Majestade!

REI

Ah! É verdade, mas não vou lhe responder!

ALFAIATE

Majestade, ela é sócia do moinho, como vai ficar?

REI

Você não tem voz nessa reunião! E prostituta não tem direito nenhum em Trapulha.

BÊBADO

Eu vi tudo!

REI

Cale-se, seu bêbado estúpido! Você também não tem voz nessa reunião!

MARI

Majestade, todos devem ter voz nessa reunião e em todas, pois a voz do povo é a voz de Deus. Não devemos excluir o povo dos assuntos dessa comunidade.

REI

Cale-se você, Mari Dojou, pois está expulsa de Trapulha e não deve falar nessa reunião!

BÊBADO

Eu vi tudo!

RAINHA

Cale a boca, seu bêbado insolente!

MELHOR AMIGA

Essa história não está bem contada.

RAINHA

Mas foi você quem me contou, sua traidora!

MELHOR AMIGA

Não Majestade, eu vi alguém saindo do quarto de Mari, só lhe contei isso.

Todos ficam em silêncio. Uma pessoa se aproxima.

TODOS

Óóóó! É o padre!

REI

Onde estava, seu estúpido?!

PADRE

Eu estava trabalhando Majestade, em prol do nosso moinho.

3º CONSELHEIRO

O senhor estava na casa da senhorita Mari Dojou esta noite?

PADRE

Não, senhor.

BÊBADO

Ele não, mas eu sei quem estava.

PADRE

Eu também.

REI

Cale-se!

TODOS

Fale bêbado, fale!

BÊBADO

Foi o soldado!

PADRE

É verdade, foi o soldado, ao meu comando.

REI

O quê? Ao seu comando?

PADRE

Sim, Majestade, pois precisávamos de algumas informações de Mari para resolver o problema do moinho e o soldado foi para nos trazer essas informações.

TODOS

Óóóó!!!

RAINHA

É tudo uma farsa, meu rei! Eu soube por minhas fontes que essa forasteira prostituta está comprando as ações do moinho das pessoas da cidade!

Todos aqueles que venderam suas ações para Mari Dojou ficam assustados, e os que não venderam ficam surpresos.

REI *(confuso)*

Como assim?!

3º CONSELHEIRO *(falando ao ouvido do rei)*

Meu rei, essa é uma ótima oportunidade para acusarmos a forasteira de ser espiã do exército inimigo que inventamos! Mataremos dois coelhos com uma cajadada só!

REI *(com os olhos brilhando, falando para todos)*

Diante das novas informações trazidas ao Conselho podemos notar que a situação é muito mais grave do que pensávamos. Essa forasteira é uma espiã do exército

inimigo! *Espanto geral. Mas aqueles que venderam suas ações para Mari percebem que podem sair lucrando com a jogada do rei, e por isso passam a concordar efusivamente com o que é falado.* Ela foi enviada antes para nossa cidade para espionar nossas forças e desestabilizar nosso governo. Ela quer dominar o nosso moinho, confundir o nosso povo e trazer o caos para nossa cidade! Essa conversa de que todos devem ter voz é uma tática de guerra, é um veneno para nossa sociedade!

TODOS

É isso mesmo! Vamos acabar com essa cobra! Espiã! Traidora! Prostituta!

BÊBADO

Vixe Maria! Agora lascou-se tudo!

MARI

Majestade, está havendo um engano!

SOLDADO

Eu também acho.

REI

Cale-se soldado! Você não tem voz nessa reunião, já disse e não vou repetir!

PADRE

Majestade, não estou querendo discordar de sua posição, mas considero responsabilidade minha informar ao Conselho os resultados da análise de Mari Dojou sobre o moinho. Independente de suas posturas morais, me parece que ela aponta algumas questões importantes em seu relatório. Ela escreveu que a única forma de resolver o problema seria tornar toda a comunidade sócia do moinho.

REI

O quê?

RAINHA

Ela está louca!

PADRE

Me perdoem, mas creio que nesse ponto seu argumento tem sentido.

TODOS

É verdade! É verdade!

PADRE

Pois se todos puderem se envolver e discutir os problemas da comunidade, poderemos chegar mais facilmente à solução dos mesmos.

TODOS

É verdade! É verdade! É verdade!

O rei fica assustado com a manifestação do povo. Teme um levante popular.

REI

Meu povo, isso é mais uma prova de que a forasteira prostituta é uma espiã infiltrada do exército inimigo. Vejam o que ela está causando entre nós, a desarmonia, a agressividade...

O povo está agitado e confuso. Num primeiro momento todos gritam ao mesmo tempo. Em seguida cada personagem vai à boca de cena, olha para o público e grita a sua frase, enquanto os demais gesticulam em silêncio, como se continuassem a gritar lá atrás.

BÊBADO

O povo tem que participar das discussões!

RAINHA

Ela é uma prostituta, não podemos confiar no que ela diz!

3° CONSELHEIRO

Expulsemos a forasteira!

1° CONSELHEIRO

Queremos participar!

SOLDADO

Salve o rei e a rainha, eles é que sabem o que é bom pra nós!

MELHOR AMIGA

Fora com essa ordinária prostituta!

PADRE (*erguendo a cruz*)

Só a religião pode salvar essa cidade!

*Diante disso, o rei, a rainha, o padre e o 1° Conselheiro ficam acuados.
O rei tenta outra estratégia.*

REI

Vamos se acalmar! Vamos se acalmar, meu povo! A partir de hoje todos os problemas de Trapulha serão resolvidos pela comunidade, e por todos nós! E quanto a Mari Dojou, sua sentença já foi proferida: está expulsa de Trapulha. Se você, sua espia prostituta, não sair de nossa Trapulha com todas as suas coisas em meia hora, nós tomaremos medidas mais drásticas. Faz tempo que nossa guilhotina não decepa uma cabeça!

Todos gritam, num misto de felicidade e devoção ao rei e ódio à Mari Dojou. Alguns urram como animais, diante do prazer trágico de ver a guilhotina voltar a funcionar.

1º CONSELHEIRO

Deus salve o rei! Deus salve o rei!

TODOS *(gritando em resposta)*

Salve! Salve! Salve!

REI *(levantando sua espada)*

Deus salve Trapulha!

ALFAIATE

Antes, uma comunidade,

Um reino,

Uma história.

Hoje, uma comunidade,

Uma democracia,

Uma realidade.

O povo, antes oprimido, agora tem liberdade para falar, se expressar, pensar. Pois não seremos expulsos dessa comunidade chamada...

TODOS

Trapulha!

Congelam.

Mari Dojou atravessa lentamente o palco, de ponta a ponta, com sua trouxa de roupas. Ela olha com desdém o alfaiate, ele a olha com um ar de dor no coração, mas não está disposto a correr os riscos pelos sentimentos que nutriu por ela.

REI *(ao ver Mari Dojou)*

Suma daqui! E avise ao seu exército que aqui em Trapulha ninguém vai entrar! Somos um povo forte e unido e não permitiremos que ninguém ouse nos atacar! *Falando aos seus.* Devíamos ter enviado a cabeça dela de presente para nossos inimigos!

Todos saem de cena. Em seguida retornam o rei, o padre e o 3º Conselheiro.

REI

Bando de inocentes! Eles acham que essa tal democracia vai dar certo!

PADRE

Vamos esperar a poeira baixar e tudo será como antes.

3º CONSELHEIRO

É verdade, a Majestade soube conduzir bem a situação.

Saem conversando. O Bêbado cruza o palco entrando pelo lado oposto ao qual eles saíram. Para no meio, olha para o público, faz uma expressão mostrando que nada vai mudar em Trapulha. Sai de cena.

Entra o coro cantando. Cada personagem fazendo um gesto expressando seu ponto de vista dentro das relações de poder no momento em que a música fala das cabeças cortadas.

CORO

Marcha Trapulha,
Trapulha trapulhada
Quem não marchar direito
As cabeças são cortadas!

Posseiros e fazendeiros

Este texto é a terceira versão da adaptação feita pelo grupo Filhos da Mãe... Terra do roteiro da peça didática de Bertolt Brecht, Horácios e Curiácios. A adaptação refere-se ao prólogo e à primeira cena do texto original. O roteiro, que tem como subtítulo *peça escolar*, tinha como um dos objetivos o estudo do materialismo dialético. Na elaboração do texto atual, confrontamos o roteiro proposto com matérias de jornais e revistas, pesquisas em livros, entrevistas, filmes e demais materiais a que tivemos acesso, levantando possibilidades para a compreensão da questão agrária no Brasil e sua tradução cênica.

Personagens:

Um grupo de posseiros	Mulheres dos
4 Fazendeiros	participantes
Mulheres posseiras	Vaca
Mulheres fazendeiras	Jornalistas
Bóias-frias	Transeuntes
Apresentadora de Leilão	Locutor de rádio
Eduardo Borba	Kevin Cleaver
Participantes do leilão	TV 1 e 2

1ª versão: agosto de 2004

3ª versão: abril de 2007

Como cenário, três pequenas cercas, de fácil mobilidade, colocadas no espaço de representação e ao fundo adereços para utilização em outras cenas.

PRÓLOGO

Música de entrada
Tudo que vai se passar
é a pura realidade
Num país com tantas terras
não se encontra igualdade.

Muitos falam da reforma
que há anos esperamos
Isso tudo é só conversa
fica pra segundo plano.

Muita terra em poucas mãos
latifúndio causa guerra
Malditas sejam as cercas
que cercam toda essa terra.

Lutando por seus direitos
camponeses seguem em frente
Lutam pela igualdade
terra pra toda essa gente.

NARRADOR 1

Muitos falam da reforma
que há anos esperamos
Isso tudo é só conversa
fica pra segundo plano.

NARRADOR 2

Não entendo o porquê
dessa luta pelo chão

CORO DOS POSSEIROS

Mas é sempre a mesma história
vence o poder do patrão.

CENA 1 - A BATALHA DOS GRANDES

NARRADOR 3

Sempre ocorre uma disputa
entre os próprios poderosos.

FAZENDEIRO 2 (enquanto coloca um chapéu e uma arma
na cintura)

Mas por fim sempre se chega
a consensos generosos.

*O ator que representa o Fazendeiro 2 começa a redistribuir as cercas,
alterando a divisão inicial das terras. Colocando uma cerca em frente
ao coro dos posseiros:*

FAZENDEIRO 2

Ei, vocês! Não entrem! Não venham atrapalhar a nossa peça.

*Volta a ficar de costas, redistribuindo as cercas, quando chegam
outros dois fazendeiros e o chamam.*

FAZENDEIRO 2

Espera um pouco... *virando-se* São vocês?

FAZENDEIRO 3

He, he, he, é? Pegamos no flagra.

FAZENDEIRO 2

Olha aqui, minhas terras não estão sendo suficientes para realizar os trabalhos que eu quero. Então, o negócio é o seguinte: vocês vão ter que dar o fora. Estão me entendendo?

FAZENDEIRO 4

Mas que negócio é esse? Nós também temos os mesmos direitos nestas terras quanto você.

FAZENDEIRO 3

Se quer aumentar suas terras, azar o seu. Nesse caso, quem tem que dar o fora é você. Papai investiu muito nestas propriedades. Você sabe quanto ele gastou para falsificar títulos, subornar cartórios e comprar os advogados?

FAZENDEIRO 2

Ora, mas que abusado! Vovô correu risco de vida para liquidar com os ferozes e selvagens índios que aqui habitavam e o enfrentavam com flechas e pedras. Seu insolente, atrevido!

FAZENDEIRO 3

Atrevido é quem me chama!

Os três fazendeiros iniciam uma luta. Chega o Fazendeiro 1.

FAZENDEIRO 1

Grandes fazendeiros! Porque brigar uns contra os outros, se ali, logo ao nosso alcance, estão as terras invadidas por aqueles posseiros, que em breve poderão voltar a ser nossas? No entanto, mais um inverno é passado e dentro de nossas cercas continua rugindo furiosa a luta pela posse da terra e outras coisas mais. Sendo que hoje temos em nossas mãos uma arma muito poderosa: a tecnologia. Coisa que aqueles atrasados e ignorantes quase não conhecem.

Vamos tomar as terras dos posseiros e ficar com tudo que existe em cima e embaixo do solo. *Aos posseiros.* Ei, vocês aí! Rendam-se! Entreguem tudo o que têm, campos e ferramentas! Vocês não têm competência alguma para acompanhar o progresso e o avanço tecnológico, não podem competir conosco e não tem nem sequer uma lei que lhes assegure a posse destas terras. Eu vou lhes dar apenas um conselho: é melhor que todos vocês voltem novamente pra cidade, de onde nunca deveriam ter saído. Ou então... nós os atacaremos com forças tão potentes que nenhum de vocês escapará com vida.

POSSEIRO 1

Lá vem os folgados assaltantes com fortes exércitos para tomar nossas terras. Pouparão nossas vidas se entregarmos tudo que temos e voltarmos novamente pra cidade. Entretanto, por que fugir pra cidade se nosso lugar é aqui? Não nos renderemos!

POSSEIRO 1 E FAZENDEIRO 1

Tropas e armas vamos confiar aos chefes de nossas forças armadas.

TODOS

Tragam as armas!

FAZENDEIRO 1

Receba essa arma como instrumento da tecnologia, para transmitir a mais pura verdade dos fatos.

Uma atriz entrega a televisão para a atriz que representa o Fazendeiro 2.

FAZENDEIRO 2 *(Com a televisão na cabeça)*

Caros telespectadores, atenção! *Todos os atores passam a representar telespectadores.* Latifúndio é progresso. Nossas

terras são altamente produtivas: açúcar, café, fumo, soja, laranja, carne bovina. Sem o boi no pasto não haveria tantas churrascarias, nem os garçons com seus empregos garantidos.

TELESPECTADOR *(ao público)*
O seu emprego está garantido?

FAZENDEIRO 2

As vendedoras de jeans, com algodão do Mato Grosso, também não existiriam.

OUTRA TELESPECTADORA *(ao público)*
Minha roupa é de marca!

FAZENDEIRO 2

Esses posseiros estão fora da lei. Não têm documentos destas terras que são nossas e que eles invadiram e roubaram para si.

POSSEIRO 2
Tragam as armas!

POSSEIRO 1

Receba esta arma como instrumento de divulgação, para transmitir a mais pura verdade dos fatos.

POSSEIRO 2

Mas como combater com uma arma tão inferior à do inimigo?

POSSEIRO 1

Pode ser inferior à do inimigo, mas de fato transmite somente a verdade e nada mais do que a verdade.

POSSEIRO 2 *(lendo trecho do jornal)*

Essas terras garantem subsistência, emprego e vida digna aos posseiros. O boi, que outrora pastava nas mesmas, deu

lugar a casas e plantações, que beneficiam a população rural e a população urbana. Quando os posseiros ali chegaram, há aproximadamente 40 anos, nada havia, senão pasto. Agora querem lhes tomar tudo o que construíram durante todo esse período. Os posseiros é que são os verdadeiros donos destas terras, por direito.

FAZENDEIRO 3

Traga a próxima arma!

FAZENDEIRO 1

Estes são tempos de caos cruento, de desordem por decreto, de humanidade desfigurada. As agitações no campo e nas capitais não param de engrossar. E para impedir que essa gente simples destrua a ordem e o bem-estar social, receba esta singela arma de fogo. *Ouvem-se dois tiros da arma.* Ela certamente lhe será muito útil no combate à marginalidade, que assusta os nossos sócios da cidade.

POSSEIRO 3

Traga a próxima arma!

POSSEIRO 1

Receba agora estas duas armas: a primeira, é este revólver, que deverá por ti ser muito bem utilizado. Receba também, como segunda arma, este humilde estilingue, e isto, guerreiro, é tudo o que nos resta. Seja estratégico e saiba como usá-las.

POSSEIRO 3

Mas como irei derrotar o inimigo com apenas uma arma e algumas pedrinhas para o estilingue?

FAZENDEIRO 4

Tragam a arma derradeira!

FAZENDEIRO 1 (*entregando o dinheiro para o Fazendeiro 4*)
Receba este último instrumento, que certamente nos garantirá a vitória final, é o dinheiro, a nossa principal arma, certa e fatal.

FAZENDEIRO 4

Com esse dinheiro, se preciso for, compraremos as provas que nos garantirão a posse dessas terras. Venceremos o inimigo.

POSSEIRO 4

Tragam a arma derradeira!

POSSEIRO 1

Tudo o que possuíamos já lhes foi dado, restando agora como arma somente uma orientação: utilize estratégia, inteligência e trabalhe sempre em conjunto com seus companheiros, buscando sempre a verdade dos fatos. Desmascare o inimigo!

POSSEIRO 4

Mas como irei lutar, com as mãos limpas e com a mente? Sem uma arma, eu não irei lutar.

**CORO DOS ATORES QUE ESTÃO FORA DE CENA,
JUNTO À PLATÉIA**

Luta, luta, luta....

POSSEIRO 1

Vá, ouça o apelo do seu povo, precisamos de você. Sua parte nessa batalha, também será imprescindível.

Entram as mulheres

CORO DAS MULHERES – POSSEIRAS E FAZENDEIRAS

E agora vocês partirão,
Mas nem todos voltarão.
Cada guerreiro derrotado
Partirá o nosso coração.

MULHER DO FAZENDEIRO

Contaremos os dias até que voltem. Ficarão vazios seus lugares na cama e na mesa, mas sabemos que vencerão com certeza.

CORO FAZENDEIROS

Não chorem mulheres. Preparem a festa da vitória. Voltaremos, e sem dúvida, venceremos a batalha.

CORO POSSEIROS

Mulheres, mas como irão lavrar os campos? E de que modo irão trabalhar sem a nossa força masculina?

MULHER POSSEIRA

Companheiros, por muito tempo essa força masculina nos subjugou. Mas agora tudo isso acabou. Lutaremos lado a lado, homens e mulheres.

FAZENDEIRO 1

Para frustrar a ousadia impertinente dos posseiros que roubaram nossas terras...

CORO FAZENDEIROS

Nós, fazendeiros, decidimos lutar por nossos direitos, na busca incessante da verdade, que vai assegurar que a justiça seja feita.

POSSEIRO 1

Para frustrar a agressão, a rendição e o roubo de tudo o que temos...

CORO POSSEIROS

Nós, posseiros, decidimos lutar por nossos direitos, na busca incessante da verdade, mesmo que a justiça não seja feita.

FAZENDEIRO 1

Em frente homens! Lutaremos até a derrota total do inimigo.

POSSEIRO 1

Mulheres...

CORO POSSEIROS

...e homens...

POSSEIRO 1

...em frente! Lutaremos até a derrota total do inimigo.

CANÇÃO DA LUTA PELA TERRA *(cantada por todos os atores)*

Nesta luta pela terra
existem várias diferenças
mas quem sabe o vencedor
é aquele que mais pensa.

Com as armas tão potentes
os fazendeiros têm firmeza
e que vença o melhor
usando sempre a esperteza

CENA 2 - A BATALHA DAS COMUNICAÇÕES

NARRADOR

Na cidade próxima à Colônia de Novo Horizonte, um posseiro distribui o jornal popular Terra Livre para um grupo de bóias-frias.

CORO DOS BÓIAS-FRIAS

Vocês que acabaram de comer
Permitam que nós mostremos
O nosso incansável esforço
Para conseguir comer.

A comida mais modesta, já é o suficiente.

Vocês que acabaram de comer
Permitam que nós mostremos
O nosso incansável esforço
Para conseguir trabalho.

Vocês que acabaram de comer
Pedimos que vejam
Nosso esforço incansável
Para conseguir trabalho.

Infelizmente,
Comida e trabalho
Estão submetidas à leis eternas
Desconhecidas.

Mas não param de cair
Pelas grades do asfalto
Pessoas sem nenhuma marca
Ou indicação cair.

De repente,
Em rápida queda
Pessoas que caminham ao nosso lado
Felizes
Caem em meio à torrente humana.

Seguindo seleção imprecisa
Seis entre sete caem
Mas o sétimo
Vai ao refeitório.

Qual de nós era o próximo?
Quem terá salvação?

Onde está a grade?
A próxima?

Não se sabe.

Batida no tambor.

CORO DOS BÓIAS-FRIAS

Meu nome era...

BÓIA-FRIA 4

Valdecir de Paiva Lima, 38 anos, natural de Codó, Maranhão. Cortava 12 toneladas de cana por dia, em uma usina canavieira, em Ribeirão Preto-SP.

BÓIA-FRIA 5

Comecei a sentir fortes dores de cabeça, mas só pude procurar atendimento médico no dia 21 de junho, em razão do meu dia de folga.

BÓIA-FRIA 3

Fiz vários exames e o resultado foi: enxaqueca.

BÓIA-FRIA 2

Tomei todos os remédios indicados, mas sem nenhum resultado. Continuei trabalhando, pois a médica me disse:

CORO DOS BÓIAS-FRIAS

“Não posso te dar atestado médico, só por causa de uma simples dor de cabeça”

BÓIA-FRIA 1

No dia 07 de julho, logo após a refeição, cortei duas bandeiras de cana e me senti mal.

BÓIA-FRIA 6

Fui levado ao hospital com o ônibus da usina, por falta de ambulância.

CORO DOS BÓIAS-FRIAS

Quatro dias depois, por causa da exaustão, faleci. Vítima de hemorragia cerebral.

Batida no tambor.

FAZENDEIRO 4 *(para os bóias-frias)*

Ei vocês! Preciso de alguns braços para o corte de cana. O mercado está bom e o etanol está em alta. Mas ouçam: terão que dar o sangue e o suor para conseguir destaque na produção, por isso é preciso pessoas fortes, capazes e decididas.

CORO BÓIAS-FRIAS

Somos trabalhadores...

BÓIA FRIA 5

Porém desempregados!

CORO BÓIAS-FRIAS

Escolha alguém entre nós. Todos precisamos cortar cana.

BÓIA-FRIA 4

Venho da Paraíba e ainda tenho que pagar a viagem.

CORO BÓIAS-FRIAS *(avançando sobre o bóia-fria 4)*

Todos nós precisamos cortar cana!

FAZENDEIRO 4

Mas não posso ficar com todos vocês. Mas já que nós, usineiros, somos considerados heróis do Brasil, devido a produção de etanol, diminuindo assim o aquecimento global. Acredito que posso dar um jeito. Ei, você aí, tem experiência?

BÓIA-FRIA 1 *(dá de ombros e sacode negativamente a cabeça)*

BÓIA-FRIA 2

Mas eu tenho.

BÓIA-FRIA 3

Mas ela é uma pinguça.

BÓIA-FRIA 4

Eu consigo atingir até quinze toneladas.

BÓIA-FRIA 5

Mas ele é velho.

BÓIA-FRIA 6

E eu sou o mais jovem.

FAZENDEIRO 4

Você, você e você. Venham comigo.

Os bóias-frias escolhidos acompanham o fazendeiro. O restante, desanimado, vai sair quando o jornaleiro entra.

POSSEIRO 2

Extra, extra, extra! Notícia extraordinária!

BÓIAS-FRIAS

Você tem emprego pra gente?

POSSEIRO 2

Não!

BÓIAS-FRIAS

Ah!

POSSEIRO 2

Ouçam: Conflitos por terra geram massacre no campo.

BÓIAS-FRIAS

Massacre?

POSSEIRO 2 *(distribuindo o jornal para os bóias-frias)*

Conflito entre fazendeiros e grilagem de terras provoca violência no campo. Vejam no jornal popular Terra Livre.

BÓIA-FRIA 5 *(lendo o jornal)*

Covardia dos fazendeiros provoca vítimas no campo.

POSSEIRO 2

Com a omissão do Estado e beneficiados por incentivos fiscais, latifundiários investem novamente contra pequenos agricultores.

BÓIA-FRIA 3 *(lendo o jornal)*

Na noite de ontem, por volta das vinte horas, um grupo de jagunços fortemente armados, a mando dos fazendeiros, invadiu a colônia dos posseiros do Novo Horizonte.

BÓIA-FRIA 5

Atearam fogo nas plantações, celeiros e casas.

BÓIA-FRIA 1

Houve também um tiroteio que resultou em vinte feridos e cinco mortos.

POSSEIRO 2

Em manifestação contra a barbaridade e violência do capital. Lutando por terra, trabalho e justiça, convocamos os trabalhadores, e toda sociedade, para uma manifestação na Praça Central, no próximo sábado, às quatorze horas. E como prova de que são os fazendeiros os culpados pela chacina, segue-se subscrita a carta-ameaça enviada aos posseiros.

Bóias-frias lendo o jornal

BÓIA-FRIA 1

Massa podre de posseiros, ladrões, violentos, estupradores e assassinos. Vocês ratos, precisam ser exterminados. Vai doer, mas para grandes doenças, fortes são os remédios. É preciso correr sangue para mostrarmos nossa bravura, só assim daremos exemplo de que aqui não há lugar para desocupados.

BÓIA-FRIA 3

Aqui é lugar de gente ordeira, trabalhadora, produtiva, e não de bêbados, ralés, vagabundos e mendigos de aluguel como vocês. É muito fácil liquida-los. Basta com um avião agrícola pulverizar à noite cem litros de gasolina em vôo rasante sobre a colônia dos ratos. Sempre haverá uma vela acesa para terminar o serviço.

BÓIA-FRIA 5

Outra forma muito eficiente é com uma rama de caça calibre 22, atirar de dentro de um carro contra a colônia dos posseiros o mais longe possível, pois a bala atinge o alvo,

mesmo a 1200 metros de distância. O recado está dado. Que reine a paz e a justiça. Morte aos posseiros e vida longa aos fazendeiros.

BÓIA-FRIA 1

Massa podre de posseiros, ladrões, violentos, estupradores e assassinos.

BÓIA-FRIA 3

Bêbados, ralés, vagabundos e mendigos de aluguel. É muito fácil liquidá-los.

BÓIA-FRIA 5

Com uma arma de caça calibre 22, atirar de dentro de um carro.

BÓIAS-FRIAS (*alternando vozes*)

Morte, vagabundos, posseiros, vida, justiça, fazendeiros.

BÓIAS-FRIAS

Fazendeiros covardes
Já sabemos da verdade
Vocês ceifaram vidas
Com frieza e crueldade.
Sem medir as conseqüências
Causaram muito mal
Os posseiros têm agora
O apoio social.

CENA - LEILÃO

NARRADOR

Num desfile e leilão de bois, vacas e cavalos, o fazendeiro recebe o jornal Terra Livre com a notícia da marcha organizada pelos posseiros.

CASAL DE FAZENDEIROS (*cantando*)

Eu vou fazer um leilão, quem dá mais pelo meu coração?
Me ajude voltar a viver, eu prefiro que seja você.

NARRADOR

No país de Gisele Bündchen existe uma outra passarela que atrai espectadores milionários, vindos de todas as partes do mundo. *Entram alguns fazendeiros que irão participar do leilão.* E também cria estrelas cobiçadas. *Entra a vaca.* A grande diferença, neste caso, é que não há mulheres lindas, altas e esguias desfilando. As modelos em questão podem pesar até uma tonelada e formar um valioso rebanho.

APRESENTADORA

Senhoras e senhores, vamos começar o nosso leilão. Isabelle Drumond, a musa da noite. Ela tem postura, porte e elegância. Concebida com qualidade genética elevada, ela nos presenteia hoje com sua admirável beleza. Quem dá mais? Quem dá mais? Começamos com 500 mil reais.

FAZENDEIRO 2

Veja esse jornal dos posseiros da Colônia Novo Horizonte. Isso já está passando dos limites. Eles estão conseguindo seduzir a sociedade com esse mísero jornal. Creio que precisamos fazer alguma coisa imediatamente, caso contrário, a coisa pode ficar muito difícil de ser controlada no futuro.

FAZENDEIRO 1

Veja, veja, aquele é o Pai, o Filho e o Espírito Santo dos animais, a Santíssima Trindade.

APRESENTADORA

Eduardo Borba. *Palmas.* Economista e fazendeiro, influenciado pela cultura californiana, desenvolveu o Projeto Doma, a arte de domar eqüinos e bovinos.

EDUARDO BORBA

A idéia é integrar homem e animal. Meu trunfo é usar o carinho e o respeito com o bicho. Digamos que seja uma técnica psicológica que ajuda entender o que o animal pensa. Até mesmo um peão analfabeto pode aprender.

FAZENDEIRO 2

E ouço rumores de que após o acidente na colônia, os posseiros já preparam uma reação. Tenha muita cautela perante a ameaça inimiga.

FAZENDEIRO 1

Quando vemos essas vacas na passarela, a diferença é mínima. A sutileza está na condução, na apresentação e a arte do domador está em conquistar o público.

A vaca realiza o movimento de dar a pata para o domador.

NAMORADA DO FAZENDEIRO

Ela cedeu a pata. Meu potro de quatro anos nunca conseguiu ceder a patinha. 800 mil, 800 mil – *apontando para o fazendeiro* – e ele paga.

EDUARDO BORBA

Não atendo uma pessoa que tenha uma vaca com problemas, mas sim uma vaca que tenha um domador com problemas.

FAZENDEIRO 1 *(lendo o jornal)*

Diabos! Mas isso não é possível! Eles estão organizando uma manifestação em plena praça pública, à luz do dia, e a polícia deixa!?

FAZENDEIRO 2

Você já imaginou o que aconteceria se os miseráveis do

campo, se juntassem aos miseráveis da cidade? Uma massa enorme de famintos.

EDUARDO BORBA

Estou aqui apenas pelo animal. O animal em primeiro lugar. Depois eu, você ou qualquer outra pessoa aqui. O ser humano é um poço de fingimento comparado a um animal. O animal não tem o ego nem o orgulho que o ser humano tem.

FAZENDEIRO 2

Mas é realmente um grande artista. Que despreendimento das coisas materiais. Se parece muito com um músico amigo meu. Mas, incapazes de ajudar a si mesmos, mendigando por roupa, com o estômago vazio, ainda assim não querem silenciar.

PARTICIPANTE DO LEILÃO

Eu aqui. Comprei o sêmen do boi Bandido, estrela da novela América, e agora preciso de uma reprodutora. 900 mil, 900 mil reais.

FAZENDEIRO 2

Eles vão invadir a sua casa.

FAZENDEIRO 1

Tomar banho na sua piscina.

FAZENDEIRO 2

Armar barracos de lona preta no seu campo de golfe.

FAZENDEIRO 1

É a mais completa desordem social. Eu vou ligar para a polícia agora, perguntando pra que é que eu pago meus impostos.

FAZENDEIRO 2

Peça a cabeça de cada agitador. Seja muito claro com eles.

FAZENDEIRO 1

Nós precisamos fazer alguma coisa imediatamente. Caso contrário, as pessoas podem se comover com tanta miséria e achar que nós temos alguma coisa a ver com a pobreza deles.

PARTICIPANTE DO LEILÃO

Um milhão, um milhão...

MULHER DO PARTICIPANTE

...e ela é minha.

APRESENTADORA

Dou-lhe uma!

FAZENDEIRO 1

Cuidado, Isabelle! Você está sendo ameaçada.

APRESENTADORA

Dou-lhe duas!

VACA

Vamos informar a população
Para que não se deixe enganar
Por essa grande ilusão
De que a pobreza do pobre
Tem algo a ver
Com a riqueza do patrão.

APRESENTADORA

Dou-lhe três!

Domador faz o mugido da vaca.

APRESENTADORA

Vendida!

CENA - DA DISTRIBUIÇÃO DOS JORNAIS

NARRADOR

Nós, posseiros, organizamos os nossos jornais e fomos para as ruas. Por menores que sejam, quando comparados aos dos grandes proprietários, é a arma que temos e é com ela que nos resta lutar.

MÚSICA *(cantada por todos)*

Todos na marcha
Dá-me tua mão
Rompe a esplanada
Vem meu irmão.

Contra a injustiça da terra
O grande não
O grande não
O grande não!

Continua a música, ao fundo, mais duas vezes

POSSEIRO 1

Éramos muitos, ainda que poucos.

POSSEIRO 5

Pessoas valiosas que lutavam conosco, após o ataque dos capangas na colônia, sumiram na noite.

POSSEIRO 6

A ausência dos que morreram e ficaram feridos, nos leva a indignação e denúncia.

POSSEIRO 4

Mas há aqueles que morreram sem levar um único tiro.

MULHER POSSEIRA

São filhos, pais, irmãs, esposas, parentes e amigos que silenciaram.

POSSEIRO 3

E até que eles voltem ao combate, será o silêncio deles que se ouvirá em nossa voz.

MÚSICA *(segunda parte)*

Quem vai na frente
Empunha a bandeira
Ergue a vontade
Acima do chão

Atrás quem vem
São os teus companheiros
Trazendo a História da luta
Nas mãos

Sabor do fruto
O riso, descanso
A mesa farta
Um outro amanhã, amanhã, amanhã.

POSSEIRO 1

Na rua, encontrei uma pessoa que, por mais pobre que fosse, me disse que o presidente iria mudar o Brasil. Que o agronegócio seria a saída e que o combustível limpo iria salvar o mundo.

MULHER POSSEIRA

Em pleno regime democrático, em pouco mais de 20 anos, mais de 2000 trabalhadores e trabalhadoras foram

assassinados no campo por lutarem pelo cumprimento de seus direitos presentes na Constituição Federal.

POSSEIRO 2

Ao entregar o jornal a uma comerciante, ela me disse:

POSSEIRO 7

Vocês são uns covardes e violentos. Se querem terra, por que não vão trabalhar?

POSSEIRO 3

Outra reagiu dessa forma:

POSSEIRO 2

A luta de vocês é justa, é preciso de fato fazer a Reforma Agrária.

MULHER POSSEIRA

Uma professora me disse:

Duas atrizes começam cantar a música novamente, de fundo.

POSSEIRO 8

Sou a favor da Reforma Agrária também, mas dentro da ordem e da lei, sem violência. O governo já está fazendo isso.

POSSEIRO 2

Muitos desempregados recebiam o jornal com simpatia. Diziam que sem a união dos trabalhadores não haveria mudança. Foi quando encontrei uma companheira e lhe disse: os trabalhadores estão a nosso favor. Os patrões andam dizendo por todos os lados que estão batendo novos recordes de produção e exportação. Mas esse modelo

econômico está gerando cada vez mais desempregados e eles estão, sem dúvida, do nosso lado. Teremos uma boa manifestação. Ao que ela me respondeu:

POSSEIRO 1

Não se vanglorie, uma boa posição pode não ser boa sempre. Os patrões também virão para o ataque. Vão espalhar uma série de mentiras dizendo que não tem nenhuma relação com a violência no campo e que a situação já está resolvida. E dessa forma vão querer desarticular a nossa mobilização. É necessário conseguir novos apoios das igrejas, dos estudantes e dos sindicatos e até se possível parlamentares que estejam do nosso lado.

POSSEIRO 5

Encontramos aqueles que nos apontaram o dedo e nos diziam para resolvermos nossos problemas de outra maneira, e que os bens que têm hoje foram conseguidos com o suor de seu trabalho e com a graça de Deus.

POSSEIRO 7

E que ainda não tinham culpa se não fomos abençoados pelos céus.

POSSEIRO 4

Em uma casa, num bairro pobre, eu pedi um copo de água a uma senhora. Quando ela foi buscar, pude ouvir pelo som alto da televisão dentro de casa:

POSSEIRO 9

Os fazendeiros envolvidos no caso Novo Horizonte declaram que são falsas e infundadas as acusações feitas pelos posseiros. Há denúncia de que os posseiros estavam armados e começaram o ataque. É, telespectadores, essa gente desordeira e oportunista quer ganhar terra facilmente,

sem qualquer esforço ou trabalho. E o governo não toma nenhuma medida. Nós brasileiros nos perguntamos: até quando vai continuar essa bandalheira neste país?

POSSEIRO 4

Aquela senhora não voltou e da porta mesmo me respondeu que não tinha água e sumiu. Deixei um jornal no portão da casa dela e segui em frente.

MÚSICA *(Segunda parte)*

Quem dera malditos
A vida não fosse
Moeda de troca
Dos donos da terra

Quem dera a verdade
Não precisasse
Da prova das armas
Dos gritos de morte

Quem dera os dias
Não fossem comidos
Como erva de gado
Poeira de beira

Migalhas de pão
Migalhas de pão
O grande não!

POSSEIRO 8

Até que encontrei uma mulher que veio em minha direção, nos parabenizando pelo trabalho que estávamos fazendo. E disse também que achava errado a grande quantidade de terras concentrada nas mãos de poucos.

POSSEIRO 6

Não se justifica num país ter alguém com 2 milhões de hectares de terra. Isso não tem justificativa em nenhum lugar do mundo.

CORO DOS POSSEIROS

Ouvimos os passos trôpegos, cansados, e as vozes fracas e abafadas dos que decidem, aos poucos, romper o silêncio das correntes que os prendem e gritar por liberdade.

POSSEIRO 5

E os noticiários na televisão continuavam..

POSSEIRO 9

Muitos, contudo, que estão desolados, não conseguem de imediato nos entender, pois os olhos de quem chora ficam cegos.

CORO DOS POSSEIROS

Ao final dessa panfletagem ecoava em nossas cabeças a posição de várias pessoas, que diziam:

Coro dos posseiros, alternando vozes

POSSEIRO 3

Terra é para quem nela trabalha, seus vagabundos!

MULHER POSSEIRA

Resolvam vocês mesmos esta situação.

POSSEIRO 6

Estamos juntos na luta. Contem comigo, companheiros.

POSSEIRO 9

Fazer o quê, se há pobres e ricos? É porque Deus quis assim.

CORO DOS POSSEIROS

Uma dúvida cruel corroía o pensamento das pessoas que encontrávamos. Nossa posição não era boa.

Batida do tambor

CENA - AGRONEGÓCIO

FAZENDEIRO 2

O povo está indeciso. O inimigo sem apoio. Talvez agora eu consiga atingi-lo fatalmente.

FAZENDEIRO 1

Inexoravelmente o sol no céu avança. O tempo urge, a batalha se acirra, momento onde perder é inconcebível. A polícia já se dirige à colônia dos posseiros de Novo Horizonte para reestabelecer a ordem e impedir que a baderna se alastre por toda cidade. Os nossos representantes na grande imprensa, no rádio...

FAZENDEIRO 2

...na TV...

FAZENDEIRO 1

...e no jornal.

FAZENDEIRO 2

Vão mostrar para toda nação...

FAZENDEIRO 1 e 2

...que o agronegócio vem chegando pra arrasar.

Jornalista a um transeunte

JORNALISTA

O INTOPE realizou uma pesquisa que comprovou que o feliz casamento entre a alta tecnologia e o crédito farto é uma das principais locomotivas da economia. Você não concorda que grupos sem terras, invadindo áreas produtivas, são prejudiciais ao progresso de toda população do país?

TRANSEUNTE

Progresso?

CONTRA-CORO

Brasil tava num atraso
Na área da produção
Economia ia mal
Não tinha alimentação
Faltava dignidade para todo cidadão

CORO

Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando agronegócio pra arrasar
Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando pra arrasar
Agronegócio vai mudar

Num programa de rádio

LOCUTOR

Boa tarde, meus queridos ouvintes. Está entrando no ar, mais um programa da minha, da sua, da nossa Rádio Blá, blá, blá. E no programa Progresso Nacional de hoje ouviremos o Senhor Kevin Cleaver, diretor do Departamento de Desenvolvimento Rural do Banco Mundial.

KEVIN CLEAVER

Durante anos investimos maciçamente na agricultura familiar, mas hoje sabemos que o agrobusiness e as grandes propriedades têm igual poder de geração de empregos.

Jornalista da Folha de SP

JORNALISTA

Leiam na Folha de SP de hoje: Reinventar a Reforma Agrária, por Xico Graziano. “A tese histórica que afirmava que sem eliminar o latifúndio não haveria progresso no campo, era verdade. Mas quem realizou a façanha não foi a esquerda, mas o capitalismo”.

CONTRA CORO

Casa, comida, conforto
Muito luxo e riqueza
Ser humano tem valor
Isso é visto com clareza
O país se desenvolve
Acabando com a pobreza.

CORO

Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando agronegócio pra arrasar
Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando pra arrasar
Agronegócio vai mudar

Duas atrizes, cada uma com uma televisão

TV 1

Boa tarde!

TV 2

Boa noite!

TV 1

Vejam, os famosos mais ricos do Brasil.

TV 2

Hoje a seleção goleou o Haiti por 6 a zero.

TV 1

Os agricultores brasileiros são os mais competitivos na produção de açúcar, soja, algodão e laranja. O país já é o maior exportador mundial de carne bovina e de frango.

TV 2

O agronegócio é o maior responsável pelo crescimento do Superávit Primário, do primeiro semestre do ano.

TV 1 e TV 2

Vejam no seu jornal, Plantão Nacional.

CONTRA CORO

E com fortes maquinários
O avanço é notado
O atraso não existe
A enxada é do passado
Camponês está feliz
Com este grande resultado

CORO

Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando agronegócio pra arrasar
Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando pra arrasar
Agronegócio vai mudar

CONTRA CORO

Dentro do agronegócio
Não existe distinção
Grandes oportunidades
Pra empregado e patrão
Era o projeto que faltava
Pra grandeza da nação

CORO

Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando agronegócio pra arrasar
Agronegócio vem chegando pra mudar
Vem chegando pra arrasar
Agronegócio vai mudar

CORO DOS BÓIAS-FRIAS/SOCIEDADE

Depois dessa agitação
Chegamos à conclusão
Os fazendeiros não têm parte
Nessa grande confusão

Os posseiros mentirosos
Para nós estão isolados
Sem o nosso apoio
Eles estão derrotados

De agora em diante
Ficaremos do outro lado.

FAZENDEIRO 1

A primeira batalha foi concluída. Com o apoio da grande imprensa e a presteza do exército, com sua lealdade em defesa da nação.

POSSEIRO 1

A primeira batalha não foi vencida. Em nossos vales o

inimigo avança. Primeiro eles espalharam uma porção de mentiras, dizendo que eram inocentes e que não tiveram nada a ver com a chacina. Depois, que são os principais responsáveis pelo progresso e bem-estar de toda nação. No rastro dos exércitos vêm os feitores do trabalho escravo. Os que derramaram sangue, com violência e mentiras, vêm agora para um novo ataque.

FAZENDEIROS 1 e 2

Rendam-se! Vocês têm duas horas para deixar o local. Caso contrário, nossas tropas entrarão, para garantir o cumprimento da lei.

POSSEIRO 1

Mulheres...

POSSEIROS

...e homens...

POSSEIRO 1

...em frente! Lutaremos até a derrota total do inimigo.

FAZENDEIRO 1

Em frente homens! Lutaremos até a derrota total do inimigo.

CANÇÃO DA PRIMEIRA BATALHA

Nesta primeira batalha
Vitória dos fazendeiros
Com a imprensa mentirosa
Derrotaram os posseiros.

Os posseiros seguem em frente
Certos de sua inocência
É um povo lutador
Um sinal de resistência.

Por estes santos latifúndios

Adaptação da peça “Por estos santos latifúndios”, de Guillermo Maldonado Pérez, realizada pelo grupo Filhos da Mãe... Terra em novembro de 2005. Este texto foi premiado pela Casa das Américas de Cuba, em 1975. No final de 1972 e início de 1973, centenas de ocupações de terras foram realizadas na Colômbia. Estas lutas resultaram na organização da Associação Nacional de Usuários Campesinos – ANUC.

Personagens:

Sargento

Coro de camponeses e camponesas

Índios e índias

Soldado

Menina

Estevam

Nicolas

Laranjeira

Pablo

Maria

Juan

Absalón

Padre

Governador

PRÓLOGO

CORO

Música: “Pai-nosso dos mártires”

Pai-nosso, dos pobres marginalizados!
Pai-nosso, dos mártires, dos torturados!

Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida.

Teu nome é glorificado quando a justiça é nossa medida.
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão.
Maldita toda a violência, que devora a vida pela repressão.
Oh, oh, oh...

(Personagens entram e formam um “quadro”, com ferramentas de trabalho e um cartaz escrito “Pelo fim do latifúndio”, continuam cantando. Nesse momento o soldado observa a movimentação com binóculos)

Queremos fazer tua vontade, és o verdadeiro Deus Libertador.

Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor.

Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões.

O pão que traz a humanidade, que constrói o homem em vez de canhões. Oh, oh, oh...

Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte.

Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte.

Proteja-nos da crueldade, do esquadrão da morte, dos prevaletidos.

Pai-nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos. (2 vezes) Oh, oh, oh...

CENA 1

SARGENTO (*usando um megafone*)

Atenção! O propósito do governo com vocês está inspirado na mais boa vontade. Recomendamos que desocupem essas terras por bem! Não queremos usar a força.

CAMPONESA 1

Entre novembro de 1971 e março de 1972, numa ação conjugada, 16 mil famílias em toda Colômbia, ocuparam 2 mil áreas, totalizando aproximadamente 200 mil hectares.

SARGENTO

Repetimos: não queremos usar a força! De onde tiraram a idéia de que essas terras pertencem à vocês?

ÍNDIA

Sempre foi assim, desde sempre!

CAMPONESA 2

Antes que aqui chegassem os homens de ferro!

ÍNDIA

Fomos habitantes dessa terra, que não era de ninguém, porque era de todos. Não tinha dono a terra, assim como não tinha dono o ar, nem as árvores, nem as montanhas, nem as águas dos rios e nem os vales.

CAMPONESA 2

Até que chegaram eles, e com eles veio a gritaria da guerra, onde nossas flechas ficaram em pedaços contra as armas de ferro dos brancos. Durante séculos sucedeu o galope de animais estranhos e latidos de cães treinados na carniça.

SOLDADO

Está tudo pronto!

SARGENTO

Espere!

SOLDADO

O que estamos esperando?

SARGENTO

Temos que esperar até que venha a comissão. Depois sim, nós os comeremos por nossa conta!

ÍNDIA

Quando eles chegaram, nós os chamamos de “os homens caídos do céu”. Nós os recebemos com presentes, frutos e pássaros como ordenavam nossas leis de hospitalidade.

CAMPONESA 2

Mas, como bandidos, vieram nos usurpar. Começaram por destruir nossas aldeias.

ÍNDIA

Viraram rios de sangue nossos rios. Buscavam somente o ouro, destruindo tudo por onde passavam.

CAMPONESA 3

Nas minas, fomos chicoteados durante séculos.

MENINA

Milhares dos nossos morreram.

ÍNDIA

Com a escassez do ouro, puseram as mãos nas terras que nós semeávamos há séculos.

CAMPONESA 4

A dividiram, puseram limites, a repartiram entre eles e cercaram seus pedaços.

CAMPONESA 5

E a nós, nos escravizaram.

CAMPONESA 2

Porque eles, os da língua, os da cruz e da espada inventaram as leis e os tratados, e esses livros continuam sendo lidos até hoje, por gerações inteiras.

SARGENTO

Desocupem essas terras! Não se deixem levar pelos agitadores! A comissão vai chegar e solucionar os seus problemas. Pensem nos seus filhos, nas suas mulheres, nas suas mães e irmãos.

ÍNDIA

Mas lutamos, apesar da nossa inferioridade na guerra, lutamos! E continuaremos lutando até expulsarmos os invasores que nos subjugam e exploram.

CAMPONESA 2

Por isso, essa é nossa terra! Temos homens mais velhos que nós para testemunhar.

ÍNDIA

Se quiserem, perguntem também às árvores, às montanhas e à terra.

CAMPONESA 2

E isso já faz 500 anos. Desde que eles chegaram com os ovos da civilização e os chocaram entre nós.

ÍNDIA e CAMPONESA 2

E o resultado, não foi nada mais que a fome, a doença e a morte! (*Saem*)

CENA 2

Soldado entra segurando uma menina pelo braço

SOLDADO

Veja, Sargento, encontrei essa menina, ela estava junto com os invasores!

SARGENTO

Sai! (*o soldado se retira*) Qual é o seu nome menina? (*menina não responde*) Perguntei qual o seu nome? (*aperta o rosto da menina entre os dedos*) O gato comeu sua língua? Quem é o líder de vocês? (*silêncio*) Você gosta de doces, menina? Eu tenho aqui umas balas, amarelas, verdes... pegue! De abacaxi, para o guri. De melancia, para sua tia. De maçã, para sua irmã. E a amarela, para a cadela. (*Fica pensativo*) Está vendo, menina? Sou um péssimo poeta, não sei nem fazer versos. Tem alguém entre vocês que sabe fazer versos?

MENINA

Meu tio Miguel.

SARGENTO

Ele é o líder? Foi ele que falou para vocês invadirem essas terras? (*a menina balança negativamente a cabeça*) Então quem é o líder?

MENINA

Eu sei quem é o líder, Senhor.

SARGENTO

Menina obediente. Quem é então?

MENINA

A fome, a doença, a ignorância. Eles são os líderes, Senhor.

SARGENTO

Escuta aqui, menina! Vou dizer uma vez só, sabe aquele homenzinho que te trouxe aqui? Ele é um homem muito cruel. Não deveria dizer isso, é meu companheiro! Rezem a Deus para que eu consiga acalmar ele, ele quer acabar com tudo isso na bala, mas eu não vou deixar. Sou um homem bom. Agora vá! Diga à sua gente que colaborem comigo. Só me digam quem são os líderes e acaba o assunto. Entendeu? Tome! Pegue mais doces.

MENINA

Não quero doces, Senhor. Obrigada!

SARGENTO

Então some daqui, menina! *(a menina mostra a língua por trás das costas do Sargento e sai)*

SOLDADO *(entrando com o rádio. Junto entram pessoas segurando uma faixa, com o dizer “Pela expropriação, sem indenização” e o tambor)*

Sargento Enéias, rádio para o senhor, é o Capitão!

SARGENTO *(pegando o rádio)*

Sargento Enéias na escuta. Prossiga, Capitão!

Uma pessoa faz a rádio: Atenção, Sargento! Mobilize todas as suas forças! Deixem todos preparados para o combate! Novas invasões foram feitas no Vale de Santa Librada, São

Calixto, Santa Joana e São Pedro. Prepare-se! Estes santos latifúndios estão em guerra! A ordem é evitar que o movimento se alastre. Repito: a ordem é evitar que o movimento se alastre!

SARGENTO

Entendido, Capitão!

SOLDADO

Eles continuam lá, trabalhando e cantando.

SARGENTO *(virando-se para o soldado)*

Vamos acabar com essa história de uma vez por todas!

CAMPONESA 4

Naquele mesmo latifúndio de São Marcos, próximos de uma laranjeira *(a laranjeira entra)*, dois diaristas aprendem uma lição.

CENA 3

Entram os dois diaristas

ESTEVAM

Veja, Nicolas! Laranjas doces!

NICOLAS

Mas isso é mesmo o céu! Estava cego que nem via por onde passava! *(Avançam sobre a laranjeira)*

LARANJEIRA

Detenham-se! *(os dois param)* É proibido colher um só fruto dessa árvore!

ESTEVAM

E quem proíbe, velha?! Você?

LARANJEIRA

Pode rir, se isso enche seu bucho, mas minhas laranjas ficarão aqui, entre meus respeitáveis ramos.

NICOLAS

Mas nem que suas laranjas fossem de ouro, velha.

LARANJEIRA

São de Dom Teófilo Undurraga. O dono deste latifúndio. O dono de tudo isto e mais do que a vista alcança: os vales, os animais, a terra, o rio e até as minhas humildes laranjas. Está proibido e não se fala mais nisso!

NICOLAS

O que se passa, velha, é que temos fome, temos muita fome. Te digo que já faz dois dias, não é, Estevam? Que não comemos nada.

ESTEVAM

Três. Hoje faz três dias que não como nada. Só andando e andando, e nada de encher a barriga.

NICOLAS

Ah! Se ao menos você conhecesse a fome, Sr. Laranjeiro.

LARANJEIRA

Conheço a fome em pessoa, jovem. Todos os dias passa aqui. Vejam... *(mostra um casal que vai passando com um caixão)*

CENA 4

Entra o casal com o caixão

PABLO

Veja, Maria! Ali tem um rio, vamos lavar nossos pés, antes de ir até a igreja. Da última vez o padre não deixou a gente entrar, pois tínhamos os pés sujos de barro.

MARIA

Quanto será que vão cobrar pelo enterro e a reza?

PABLO

Pois se cobrar mais caro do que temos, vamos enterrar ela por aí mesmo, em qualquer lugar. Não dizem que quando alguém morre assim, vira um anjinho?

MARIA

Dizem tantas coisas...

NICOLAS

Bom dia! *(o casal responde com acenos de cabeça)*

ESTEVAM

Tem algum povoado por aqui?

PABLO

Ali, logo depois da ladeira fica São Jacinto. Vão pra lá?

NICOLAS

Estamos em busca de trabalho, enquanto não chega o tempo das grandes colheitas: algodão, café. Eu tenho grande experiência em colher algodão...

ESTEVAM

...e eu, café.

PABLO

Difícil conseguir trabalho por aqui. Só nos deixam ter uma

hortinha e umas quantas galinhas. E os arrendatários querem nos expulsar, porque dizem que queremos tomar seu pedaço de terra.

NICOLAS *(apontando para o caixão)*
Era de vocês?

MARIA *(afirma com a cabeça)*
Se chamava Maria.

PABLO
Maria, como a mãe. Se fosse homem se chamaria Pablo, como eu.

MARIA
Se tivesse nascido homem, teria sido como ele: duro para agüentar o sol nas costas.

PABLO
Para arar, roçar, cavar, semear a terra...

MARIA
...a terra do patrão...

PABLO
...pra colher, colocar o fardo nos ombros, carregar até o celeiro...

MARIA
...o celeiro do patrão. Então, melhor que tenha nascido mulher, como nasceu.

PABLO
Teria sido bela também para tantas coisas...

MARIA
...para o sofrimento que é tanto por aqui.

NICOLAS

O sofrimento está por toda parte.

PABLO

Teria sido dura e charmosa como as árvores de Guayacán. Jamais se igualaria às filhas do Compadre Juan, que vivem se entregando ao charco do pecado.

MARIA

Nem como tantas outras, que vão para as cidades.

PABLO

Isso não! Pelo menos enquanto vivesse.

MARIA

Mas não conseguiu viver. Só um pouquinho.

PABLO

Agora andarás no céu, livre de tanto sofrimento, como um anjinho. Maria, existirá terra e céu?

MARIA

Não fale isso que é pecado! *(Dá um tapinha em Pablo)*

PABLO

Pecado! Pecado era o que você fazia quando estava grávida de Maria.

MARIA

Eu não queria tê-la. Para quê? Trabalhamos e trabalhamos, de sol a sol, e todos com a mesma fome. Por isso que, quando estava grávida de Maria, entrei na correnteza do rio.

PABLO

Se enfiou na correnteza do rio, com a água até a cintura para ver se era puxada. Você não deveria ter feito isso, Maria!

MARIA

Mas agora, depois que cresceu um pouco mais, a deixei bem com Deus.

PABLO

Sim, nasceu bem sobre a terra pura.

ESTEVAM

E de que mal morreu? *(Maria olha para Pablo, para que ele responda)*

PABLO

Morreu de fome.

MARIA

É pouco o que Pablo ganha. Sem terra, sem nada...

PABLO *(procurando o cartaz dentro do caixão)*

Um dia o sol vai iluminar do nosso lado, Maria.

MARIA

Você acredita mesmo que um dia o sol vai brilhar do nosso lado, Pablo?

PABLO

Sim, nós o faremos iluminar. Vejam! *(tira o cartaz do caixão e mostra-o)* Até do céu ela nos ajuda!

NICOLAS

E esses papéis, o que são?

PABLO

Os rapazes do acampamento pediram que o escondêssemos no caixãozinho. Para evitar que os soldados os descobrissem.

MARIA

Os soldados nos fizeram abrir o caixão. Ainda bem que estava embaixo da menina.

PABLO *(colocando um cartaz na laranjeira)*

Vamos colocando ao longo do caminho. Eles nos pediram isso. Talvez desperte o interesse de famílias sem-terra, sem-trabalho, sem-moradia. Vamos, Maria! Vamos seguir nosso caminho.

MARIA

Sim, vamos! Parece que vai chover. *(Saem)*

ESTEVAM

Por que será que ela disse que parece que vai chover? O céu está claro, não tem nuvens.

NICOLAS

Tinha lágrimas nos olhos, Estevam. Tinha lágrimas nos olhos...

LARANJEIRA *(interrompendo Nicolas)*

Rápido, meninos! O que está escrito nesse cartaz?

ESTEVAM

Eu não sei ler! Nicolas?

NICOLAS *(apontando para o cartaz)*

Aqui diz: “Terra para quem nela trabalha”

LARANJEIRA

Arranquem isso de mim! E comam todas as laranjas que quiserem.

NICOLAS

Nada disso, velha. Este cartaz vai ficar aí. Venha, Estevam,

coloque o pé aqui que eu te ajudo a subir, vamos pegar algumas laranjas e iremos embora.

Uma voz de fora da cena: Desçam já dessa árvore seu moleques!

NICOLAS

Proteja-se, Estevam! Proteja-se! Pegue as laranjas que estão no chão e coma antes que eles cheguem!

Entram o administrador Juan Longas, e o capanga Absalón, estão armados.

JUAN

Quem foi que lhes deu permissão para pegar laranjas? Já sei, trata-se de um par de vagabundos. Estão com fome? Vão me dizer que sim. Claro, é a mesma balela de sempre. Absalón, tome as laranjas deles! *(Absalón toma as laranjas)* Quer dizer que estão com fome? Pois quando alguém tem fome, que vá trabalhar, porque quem trabalha não come palha.

ABSALÓN

Senhor, aqui tem outro cartaz! Com este, já arrancamos sete.

JUAN

Absalón, meta o facão nessa árvore! Para não passarem mais a cerca, para não colherem suas laranjas, para não terem mais onde pôr estes cartazes de merda *(Absalón começa a cortar a árvore, que vai caindo aos poucos)*. E quem colocou estes cartazes aqui? Agora, só faltava vocês me dizerem que foram os fantasmas.

NICOLAS

Somos diaristas, Senhor! Andamos de um lado para o outro, em busca de trabalho...

JUAN (*interrompe Nicolas*)

Não tem trabalho! Mas eu vou ensinar uma coisa: eu também nasci na lama, mas vocês acreditam que eu, Juan Longas, ia me conformar vivendo no barro? Não ia me conformar. Sou um homem de ambição, por isso venci na vida. Vejam, todo este mar de terras está sob minha responsabilidade e todo este latifúndio de São Marcos está sob a responsabilidade de Juan Longas. Eu sou a mão direita e o homem de confiança de Dom Teófilo Undurraga e, enquanto eu estiver aqui, terão de respeitar essa propriedade. Se enganam os que falam por aí em ocupação de terras. Antes, terão de passar por cima do meu cadáver. (*Dirigindo-se para Absalón*) Absalón, eu não vou mais ver essa laranjeira, não é?

ABSALÓN (*dando um “toque” para a árvore, que sai*)

Não senhor! Já derrubei!

JUAN

Tinha de fazê-lo, pois estava toda cheia de laranjas brilhantes e eles vêm e devoram tudo. Esta praga de gafanhoto humano!

NICOLAS

Mas umas quantas laranjas, não empobrecem nada, Senhor!

JUAN

Não são as laranjas o que me preocupam, Deus o sabe, mas assim se começa, com uma laranja aqui, um passarinho ali, não é verdade, Absalón?

ABSALÓN

Foi assim que comecei. Roubava um centavo aqui, outro ali, e assim foram as galinhas. Já estava com as mãos viciadas, e logo foram as vacas (*Absalón e Juan Longas se entreolham*). Foi assim que me prenderam.

JUAN

E o que acontece quando não se respeitam os bens alheios? Diga-lhes, Absalón.

ABSALÓN *(levando a mão no rosto dos diaristas)*

Cicatrizes, juvenzinhos, cicatrizes!

JUAN

E é dura a prisão, Absalón?

ABSALÓN

Lá se aprende muitas coisas. Se aprende a ficar pior! Foi lá que eu derrubei o primeiro *(passa a mão pelo pescoço, como se estivesse cortando-o)*. Claro! Nesta vida, quando se sabe fazer bem o ofício, sempre se consegue um trabalho.

JUAN

Na cadeia, se aprende a temer a lei. Cedo ou tarde vocês também vão parar na cadeia, se não aprenderem o que estamos ensinando. Por isso menino, pegue! Vou dar umas laranjas de presente e depois vocês sumam daqui! *(Nicolas se aproxima para pegar as laranjas. Juan o segura pelo braço)* Mas antes repita comigo. Diga: “Senhor...” Vamos, menino, repita!

NICOLAS

“Senhor...”

JUAN

“...tenha a bondade de me dar uma laranja.”

ESTEVAM *(intervindo)*

Não repita nada, Nicolas! Melhor irmos embora!

ABSALÓN

Cale a boca, seu moleque!

ESTEVAM

Me deixe quieto, eu já ouvi o bastante!

JUAN

Mas ainda não ouviu o suficiente. E eu vou lhe ensinar de outro modo. Absalón, (*aponta para o Nicolas*) se esse outro menino se mover, lhe dê um tiro (*solta-o*).

ABSALÓN

Não há com o que se preocupar. Dom Teófilo, o patrão, paga!

NICOLAS

Deixe ele em paz, senhor. Nós iremos embora!

JUAN (*andando em direção ao Estevam*)

Vocês não tem fome? Glutões e sanguessugas é o que são! Porque quando alguém tem fome de verdade, faz tudo o que mandam. Dão até o corpo e a alma por um prato de sopa.

ABSALÓN

Eu tenho me deitado com mulheres bonitas por um prato de sopa. Isso sim é que é sopa quente!

JUAN (*pegando Estevam pelo pescoço e fazendo-o ajoelhar*)

Absalón, ponha aqui no chão uma laranja! Bem debaixo do focinho dele (*coloca a laranja*). Absalón, qual o remédio para os gatos aprenderem a não cagar onde não devem?

ABSALÓN

Esfregar merda no seu focinho.

JUAN

É isso mesmo! Então agora, erga o pé e esmague bem essa laranja. (*Absalón obedece*) Isso! Agora coma menino! (*esfrega o*

rosto de Estevam na laranja). Ah, não quer? Já está cheio com tudo o que tem roubado pelo caminho? Vamos, lambuze o focinho! (*Soltando Estevam*) Isso é pra vocês aprenderem. Algum dia ainda vão me agradecer. Agora vamos, Absalón! Temos muita coisa pra fazer! (*Vão saindo, Absalón dando gargalhadas*) Quando estiverem na cadeia, vão se lembrar dos conselhos de Juan Longas. E agora, sumam daqui que eu não quero mais vê-los! (*Saem*)

NICOLAS

Nos fuderam, Estevam!

ESTEVAM

Você não deveria ter obedecido!

NICOLAS

Obedecido? Mas obedecido a quem?

ESTEVAM

Ao administrador.

NICOLAS

E em que eu obedeci?

ESTEVAM

Você repetiu a lição.

NICOLAS

Eu não repeti!

ESTEVAM

Você disse: “Senhor...”

NICOLAS

Mas não disse mais.

ESTEVAM

Por que eu não deixei!

NICOLAS

Estava com fome, Estevam. E com fome, qualquer um faz qualquer coisa. Nos fazem comer merda, se quiserem. E isso é o que sempre sobra aos pobres! Agora não venha me dizer que você não sabe disso.

ESTEVAM

Os homens não podem comer merda!

NICOLAS

E daí?

ESTEVAM

A gente tem que ter dignidade.

NICOLAS

Mas eu tenho dignidade.

ESTEVAM

Onde? *(Nicolas dá um tapa em Estevam)* Um dia você me paga!

NICOLAS

Sabe, Estevam, pensando bem, eu não tenho raiva de você. Mesmo depois de tudo o que passamos por este caminho. Talvez seja pelo que tenha dito à árvore por este caminho tão largo. Pela sede, pela fome, quem sabe. Ou talvez, porque você tenha mesmo razão. A gente tem mesmo que ter essa palavrinha que você sabe. A gente tem que ter dignidade.

ESTEVAM

Eu não brigava pela dignidade!

NICOLAS

E olhando bem, nem eu. Nem sequer sei o que significa dignidade.

ESTEVAM

Dignidade é o que se leva por dentro. Que faz ser diferente de um animal. Podem nos matar, mas sabem que não vamos morrer como um cachorro.

NICOLAS

Por isso, Estevam, eu digo que você tem dignidade.

ESTEVAM

E agora, Nicolas? Para onde vamos?

NICOLAS

Vamos lá pra baixo onde os homens estão lutando por terra. Quem sabe lá encontramos trabalho.

ESTEVAM

Era o mesmo que eu estava pensando. *(Saem)*

CENA 5

SARGENTO

Acaba de chegar a comissão negociadora, formada por ilustres representantes das autoridades. Está é a última chance de vocês. Pensem bem!

Entram um Padre e o Governador (este segundo, irmão de Teófilo Undurraga)

PADRE

Humm! O vôo de helicóptero me causou vertigem!

GOVERNADOR

Como? Então, não é amigo das sensações fortes? Eu sou, é uma pequena inclinação de minha natureza guerreira, por isso estou aqui.

PADRE

Eu estou aqui para contribuir com a consolidação da paz. Compromisso esse que a história me exige. Pois a violência se alastra por todo o país. Existem grupos guerrilheiros por toda parte, os arrendatários não têm seus direitos respeitados. Assim fica difícil manter a paz de espírito, senhor Governador.

GOVERNADOR

A situação ficará sob controle, Padre. Nós já fizemos uma reunião com fazendeiros, ministros e investidores. Os fazendeiros se comprometeram em pagar os impostos e nós, por nossa vez, garantimos a segurança de Estado. Não faremos mais desapropriações e daremos um reforço no crédito do fundo financeiro agropecuário. Os comunistas estão entre eles, padre, e eles não acreditam em Deus. Os lobos ruivos vão comer suas ovelhas, por isso vocês não podem ficar de fora, vocês têm de recolocar Deus em pé. É claro, vocês terão algum investimento para isso. Ele é nossa única salvação e sua voz tem de ser ouvida para que traga alento nos subúrbios da miséria e nos campos. Isso será suficiente. Agora, vamos despachar logo esse assunto! *(Se juntam ao Sargento e ao soldado)*

CORO DOS CAMPONESES

Aí estão os verdadeiros invasores!

PADRE (*cochichando com o Governador*)

Quer falar primeiro, já que é irmão de Dom Teófilo, o proprietário?

GOVERNADOR

Não, por uma questão de conveniência, você é o mais indicado.

PADRE (*pegando o megafone*)

Não estamos aqui para julgá-los. Viemos em missão de paz. Queremos advogar por seus direitos.

CAMPONESA 5

Nossos direitos acabam contra as cercas, que é onde começam os direitos de vocês. Que ordem perfeita: deste lado nós, nos caminhos cheios de pólvora, rodeados de arame, do outro lado vocês, possuidores da terra, com tanta ternura.

PADRE

Veja a minha roupa e a quem represento nessa terra. Não é razão suficiente para que confiem em minhas palavras? A terra é um cenário onde deve ocorrer o drama da vida e o verdadeiro protagonista é a alma, de nós depende: ganhá-la ou perdê-la. A todos nós são encomendadas roupas, do nosso agrado ou não. De nós depende a condenação ou a salvação. De um lado está a terra, com suas mesquinhas e passageiras tentações, do outro está o céu. A violência fecha as portas do céu.

MENINA

Durante anos, acreditamos nessas palavras, mas agora terão que inventar outras, porque nós sabemos que nessas palavras só há engano, nem uma letra sequer de verdade.

SOLDADO

Antes de virem eu já não dizia?! Vamos acabar logo com tudo isso!

PADRE

Eu me retiro! Não falo mais! Esses homens foram cuidadosamente treinados!

GOVERNADOR

Calma! Tenha paciência, meu povo! Eu também nasci no campo, como vocês, sei de sua vida dura, de seu trabalho e os admiro muito por isso. E, em meu governo, minha preocupação diária serão vocês. Só peço colaboração e paciência. Peço que desocupem essas terras, enquanto nós estudamos uma solução que esteja de acordo com suas necessidades.

ESTEVAM

Essas palavras também já conhecemos, já as ouvimos bastante, as ouviram nossos pais, nossos avós, mas vocês estão equivocados, não viemos aqui para pedir que vocês resolvam nossos problemas, porque estes problemas nós mesmos resolveremos e já começamos. Nós não viemos aqui para sermos ensinados, mas para ensinar vocês, não viemos aqui para sermos acusados, mas para acusar vocês. Vocês e suas mentiras são os verdadeiros responsáveis pelo sofrimento de milhares e milhares de homens.

GOVERNADOR

Mas em minhas mãos eu tenho um grande projeto...

CAMPONESA 3 *(interrompendo o Governador)*

Para aumentar seus latifúndios? Os seus e os de Teófilo Undurraga, dono de toda essa terra? Terra conseguida com

sangue e suor dos pobres trabalhadores? Você não tem nada para nos dizer!

GOVERNOR

E o senhor, Padre? Tem algo mais a dizer?

PADRE

Não! Nada mais tenho a dizer.

GOVERNADOR

Então, agora é com você, Sargento!

SARGENTO

Destruam os ranchos! Acabem com as plantações! Derrubem as casas! Atirem pra matar!

CORO DOS CAMPONESES *(duas personagens começam a cantarolar o “oh, oh, oh...” da música inicial, ao mesmo tempo em que vozes camponesas se intercalam)*

CAMPONESA 3

Destruíram nossos ranchos!

CORO

Mas nós voltaremos a levantar!

SOLDADO *(voltando a olhar com o binóculos)*

Veja, Sargento, milhares de homens, mulheres, velhos e crianças estão tomando as ruas.

ÍNDIA

Destruíram nossos cultivos!

CORO

Mas nós voltaremos a semear! (*índia cai*)

SOLDADO

Eles trazem ferramentas: machados, foices, facões e enxadas.

ESTEVAM

A pátria está em mãos estrangeiras!

CORO

E, de suas garras, nós vamos arrancá-la! (*menina cai*)

SOLDADO

Os soldados recuam. Alguns estão se juntando aos rebeldes.

CAMPONESA 1

Esta sempre foi a nossa terra!

CORO

E nada nos fará voltar atrás!

SOLDADO

Os trabalhadores estão pegando em armas! (*um tiro corta o*
“oh, oh, oh...”)

A farsa da justiça burguesa

Texto de Sérgio de Carvalho a partir da proposta do grupo Filhos da Mãe... Terra para a quarta etapa do Teatro Procissão que narrou em quatro estações a história da luta pela terra contada pelo ponto de vista dos trabalhadores, realizado em Brasília em 2005.

Personagens:

Coros de militantes

Juiz

Policial

Médico Legista

Fazendeiro

Coreuta

CORO DE ENTRADA

Todos na marcha
Dá-me a tua mão
Rompe a esplanada
Vem meu irmão

Contra a injustiça na terra
O grande não (3X)

Quem vai na frente empunha a bandeira
Ergue a vontade acima do chão
Atrás quem vem são os teus companheiros
Trazendo a história da luta nas mãos

Sabor do fruto
Riso, descanso
A mesa farta
Um outro amanhã, amanhã, amanhã

Quem dera, malditos!
A vida não fosse
Moeda de troca dos donos da terra
Quem dera a verdade
Não precisasse
Da prova das armas
Dos gritos de morte
Quem dera os dias
Não fossem comidos
Como erva de gado
Poeira de beira
Migalha de pão (2X)

O grande não!

Entra em cena um grupo de atores. Sobem em escadas, em torno das quais enrolam grandes panos que vão formar o corpo de grandes bonecos. Um destes bonecos representa o Juiz. O outro assume várias feições: Policial, Legista, Fazendeiro.

JUIZ

Prestem atenção neste caso
conduzido por mim das alturas
eu, o juiz de direito
de barriga cheia e anel no dedo
ergo a vocês as mãos gordas
para acusar esse sujeito
esse aí –

três batidas

CORO

Tem início outra farsa da justiça
tantas vezes repetida nos tribunais da burguesia

JUIZ

Fechem a janela, calem o vento,
e julguem sem piedade esse acusado
de um crime hediondo: não ter sido solidário.
É o sobrevivente de um tiroteio
um combate, uma chacina
em vez de enfrentar a polícia
tombou no chão morto de medo,
e para escapar do assassinato
ficou mais parado que os mortos
entre os corpos empilhados
fingindo ser cadáver

fugiu à sua verdade
e agora vai ser julgado
(*aparte*) - se deus quiser condenado -
(*voz alta e clara*) por não morrer como herói junto com seus
companheiros.

POLICIAL

Ei, Senhor Juiz,
eu tenho mesmo que falar?

JUIZ

Vejam o sargento da polícia,
que tomou parte na luta
no confronto da curva
nossa primeira testemunha.

POLICIAL

Eu só atirei para o alto
em legítima defesa
para liberar o terreno
um soldado cumpre ordens
são eles que não deviam
vir lutar com paus e pedras
metralhamos pelas costas
em legítima defesa
minhas mãos estão tremendo
porque eu sou adventista
do sétimo dia
em legítima defesa.

Tambores representam tiros

JUIZ

O Senhor fique calado
pois não está em julgamento
a violência no campo
nem o seu comportamento:
a covardia em questão
é exclusivamente desse mau elemento.

POLICIAL

A minha religião não permite
que eu mate de livre vontade
eu detesto dar facadas
em legítima defesa (*ruído*)
então não me acusam de nada?

JUIZ

Diga, senhor sargento,
não é uma coisa feia
uma falta de solidariedade
fingir-se de defunto corpo
e não morrer de verdade
junto com os seus companheiros?

POLICIAL

Eu sinto tanto ódio
pela falta de heroísmo
eu acho que vou chorar. (*Chora, muita água sai de trás dos
bonecos*).

JUIZ

Um lençinho, e tragam o próximo depoente.

CORO

Porque os mortos não levantam,

cabe aos vivos mudar o seu destino
porque os mortos não levantam
cabe aos vivos cuidar dos que estão vivos
Nada ao alcance da vista
mostra o fim da injustiça
Nada ao alcance da vista
mostra a terra repartida *(batidas)*

JUIZ

Ei, mantenham calada essa gente.
Ordem no tribunal! *(dá marteladas com um martelo gigante)*
Senhor médico-legista
estudioso da carne humana

(o Médico utiliza uma grande lupa)

me explique como um elemento
pisoteado por uma tropa
arremessado num caminhão
com plástico nas costas
continua a representar um defunto
e enganar os outros
mesmo ouvindo o disparo
e sentindo o peso de um corpo
jogado sobre o seu?
Esse se diz companheiro
mas não morreu como companheiro.

LEGISTA

Permita-me, ó justo,
vou usar meu instrumento
para mostrar no corpo presente
a dificuldade da ciência,
(voltam-se para o homem, aproximam dele a lupa)

LEGISTA

Veja esta cabeça
sem rachadura e hemorragia
sem os miolos para fora
nem a pele rasgada e buracos abertos
fica difícil ver a alma
escapar do coitado.

JUIZ *(ao réu)*

Merece a vala comum
seu egoísta da vida
vai ficar de novo calado
sem dizer palavra?
Vamos, não é o morto que se levanta? Então fala.

(Silêncio. CORO entoando vocalize, súbito tambor)

CORO

Milhares de assassinatos
de crimes encomendados
prisões, ameaças,
desmandos judiciais
despejos, famílias expulsas
crescem as cercas do trabalho escravo
nos terrenos desmatados
dos mil povos dizimados
nosso nome é negro, nosso nome é índio e branco:
nosso nome é pobre
tão longa a história das perdas
que é preciso que faça sentido.

JUIZ *ao réu*

Vocês só gritam quando muitos
só lutam como manada,

só cantam na revoada,
sozinhos não são nada
recusam o humano heroísmo
do justo individualismo.

CORO

Nos últimos 20 anos,
1671 trabalhadores assassinados
Nada ao alcance da vista
mostra o fim da injustiça
nada ao alcance da vista
mostra a terra repartida.

(Segue vocalize com tambores)

FAZENDEIRO

Não está ouvindo a algazarra
Juiz de meia pataca?

JUIZ

Senhor fazendeiro
meu querido pecuariasta
notável latifundiário
Não te chamei como testemunha
ainda que a terra seja sua.

FAZENDEIRO

Eu não preciso chamado
mas quero logo a sentença
porque lá fora tem muitos
olhos e bocas abertas
de gente viva na marcha
em muitas dobras de estrada

Me dê cá este Martelo.

(arranca o Martelo)

Não faça só isso, amigo,
pegue também o anel do meu dedo
é preciso ritual.

(tomam o anel)

FAZENDEIRO

Mais barato um jagunço
do que um juiz de mãos oleosas,
é mais seca a mensagem
de uma execução sumária.

(atores põem o anel nele)

JUIZ

Aproveita e leva a cabeça
já que somos unha e carne

(trocam a cabeça)

JUIZ E FAZENDEIRO FALAM JUNTOS EM GESTOS SIMULTÂNEOS

É chegada a hora do grande veredicto
onde anda a lealdade
neste mundo maldito
mais escassa que o ouro
das jazidas exauridas
onde anda o heroísmo
nesse mundo em detrito
arruinado como o lucro
dos pastos sem subsídio

(gestos se descencontram)

por não morrer como os outros
e sangrar em sacrifício
por escolher ser um corpo
e no chão ter renascido
sua sentença é certa: culpado
só assim absolvido
Pois é morrendo de vez
que leva a culpa consigo
Será agora inocente – e executado
nunca mais companheiro dos vivos.

CORO

Nada ao alcance da vista
mostra o fim da injustiça
exceto o caminho das nossas mãos
nada ao alcance da vista
mostra a terra repartida
exceto o risco das nossas mãos (bis)

COREUTA

33 por cento da população brasileira vive hoje em situação de miséria sem o direito ao trabalho numa terra que se tornou privilégio de poucos: são 56 milhões de pessoas heroicamente exiladas numa vida de fronteira, que se fazem de vivos para enganar a morte.

Alcapeta

Peça construída coletivamente pelos integrantes do grupo Utopia, primeiro coletivo teatral do MST/MS e grupo integrante da Brigada de Cultura Filhos da Terra. Com essa peça o grupo viajou por todas as cidades do Mato Grosso do Sul, se apresentando em escolas, associações comunitárias, igrejas e praças públicas, fazendo campanha contra a aprovação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) por parte do governo brasileiro.

Personagens:

Juvenal

João Bogo

Alcapeta

Acampamento 17 de abril – Nova Andradina – MS
Regional Vale do Ivinhema
04/06/2002

Cenário: uma praça, uma merda de cavalo e outros apetrechos típicos da região em que for apresentar.

CENA 1

João Bogo entra em cena, senta no banco da praça e começa a leitura em silêncio. De repente chega Juvenal reclamando da vida.

JUVENAL

Ai meu deus num tá nada fácil não, vida de trabaiadô não é fácil não. Tô deis das 4 hora da madrugada tentando vendê uma farinha na cidade e até agora num vendi nenhum quilo. Pessoar num qué comprá porque diz que na cidade e nos mercado tem. Inté parece qui é as pratileira qui porduz. *Juvenal olha para o público, oferece farinha e explica o processo produtivo da mesma, está revoltado, indignado.* Tá vendo?! Ninguém dá valor no porduto da gente e o trabaio que dá pra produzi, essa farinha é de regaçá as berada. Tem que levantá cedinho, com o orvaio moiano o feverero, pega o cavalo, vêiaco feito capeta, ponhá na carroça e lá na roça cumeçá arrancá a mandioca *Faz gestos cômicos de como arranca mandioca, abaixando e subindo.* Dispois, ponhá mandioca na carroça e vai pra casa *Faz gestos cômicos de quem está sentado na carroça, tocando cavalo.* Descê a mandioca da carroça *Faz gestos cômicos de descer a mandioca.* E chamá toda a famía, discascá a mandioca *Faz gestos cômicos de como descascar a mandioca, vai e vem pra frente e pra trás.* Isso é uma desgraça *Vê João Bogo sentado na praça.* I por falá em desgraça, quem será esse aí? *Olha para o cidadão e se aproxima cada vez mais. Olhando para o público.* Cara de cachorro disconsolado, meu Deus do céu, mas quem sabe num compra minha farinha? *E se aproximando mais ainda de João Bogo fala em voz alta, por trás do banco.* Compra farinha! *João Bogo, que não havia percebido a presença de Juvenal, se assusta.*

JOÃO BOGO

O Sr. está ficando doido?!

JUVENAL

Tô, tô doidinho pra vendê farinha procê. Compra farinha?

JOÃO BOGO

Ô cidadão, vamos fazer um negócio?

JUVENAL

Vamu, quarqué negócio nós faiz.

JOÃO BOGO

Vai para o inferno com sua farinha!

JUVENAL *(se espanta)*

Ao público Num falei? Viu? O trabaia dô num tem valor, tem que ir pro inferno, cum porduto e tudo. *João Bogo continua lendo.* Sujeitinho injuento. Ah, dexa pra lá. Vô acendê um fumo caseiro. *Acende o cigarro e começa a pitar na cara de João Bogo, exageradamente, para provocá-lo.*

JOÃO BOGO

Ô cidadão, isso aí faz mal, isso mata!

JUVENAL *(irônico)*

Ah é? Mata? E daí? Quem vai morrê é eu memo.

JOÃO BOGO

É, mas prejudica quem está próximo.

JUVENAL

É verdade, intão faiz um favorzinho, dá uma licencinha pra mim fumá. *Faz gesto com a mão pra João Bogo sair de perto.*

JOÃO BOGO

Ô cidadão, eu cheguei aqui primeiro.

JUVENAL *(com uma ironia afirmativa)*

I eu cheguei em sigundo. Vô fumá!

JOÃO BOGO

Ô cidadão, quer deixar eu fazer minha leitura em paz?!

JUVENAL

I o senhor? Qué dexá eu fumá im paiz? *Começa a fumar novamente e joga fumaça na cara de João Bogo. Ele dá um tapa no cigarro de Juvenal, jogando-o ao chão. Juvenal fica em pé, bravo.* Ô seu fio duma cabrita choca!

JOÃO BOGO *(se assustando)*

Eu avisei que o senhor iria arrumar confusão. O senhor não tem educação? Além de fumar, aposto que ensina até as crianças em casa.

JUVENAL

Craro qui não, eu fumo só iscundido, pras criança num aprendê.

JOÃO BOGO *(fazendo uma cara de quem não concorda com a atitude de Juvenal)*

Da onde o senhor veio?

JUVENAL

Vim di casa!

JOÃO BOGO

Eu sei que o senhor veio de casa.

JUVENAL

Intão num pergunta.

JOÃO BOGO

Estou perguntando a que região o senhor pertence!

JUVENAL

Ah bão, pertenço à região do Brasil.

JOÃO BOGO

Isso eu também sei.

JUVENAL (*irritado*)

Intão num pergunta.

JOÃO BOGO

O senhor nasceu no Mato Grosso do Sul? É Sul Matogrossense?

JUVENAL

Não, não. Quem nasceu no Mato Grosso do Sul é Matogrossussense.

JOÃO BOGO

Sul Matogrossense.

JUVENAL

È Matogrossussense.

JOÃO BOGO

Sul Matogrossense.

JUVENAL

A sigra é MS ou SM?

JOÃO BOGO

MS.

JUVENAL

Intão. É Matogrossussense.

JOÃO BOGO (*balançando a cabeça, como quem diz que é difícil dialogar com o cidadão*)

O cidadão tem, como nós falamos, a mesma língua.

JUVENAL (*bravo*)

Cai fora rapaiz! Fala ca sua, que eu falo ca minha. *Assumindo um tom de desconfiança e gozação.* Mesma língua hein...*Faz um gesto, mostrando a língua com a mão e mexendo com a sobrancelha.*

JOÃO BOGO (*irritado*)

O senhor me respeita moço, faz favor.

JUVENAL (*ironicamente*)

É. Tudo bem, cada um é cada um.

JOÃO BOGO

Quer dá uma de sabido, aposto que nem sabe quem descobriu o Brasil.

JUVENAL

Quem descobriu o Brasil? Rapaiz, ninguém me falô nada não. Mais escuta, é interessante, quem foi que cobriu?

JOÃO BOGO

Ô cidadão, não se trata de cobridor; estou perguntando quem chegou nestas terras primeiro.

JUVENAL

Não sei. Eu não assisti a corrida!

JOÃO BOGO

Moço, a História nos conta que foi Pedro Álvares Cabral, mas todos nós sabemos que foram os índios. Não é verdade?

JUVENAL

Escuta, como é o nome do home que o senhor falou?

JOÃO BOGO

Pedro Álvares Cabral.

JUVENAL

Não, não. O senhor tá enganado. Esse tal de “cabeça de pau” foi o home que trouxe a primeira cabra para o Brasil. É, eu sei, rapaiz! Depois veio o João Vacal, depois o Mané Porcal, depois o Chico Galinhal... O senhor deve ter vindo da família dos Bural!

JOÃO BOGO

O senhor me respeita, por favor.

JUVENAL

Carma! Tô brincando com o senhor.

JOÃO BOGO

Escuta, o senhor já ouviu falar na ALCA?

JUVENAL

Meu deus do céu, de novo esta conversa. Rapaiz, desde muleque que eu escuto falar desta tar de ARCA.

JOÃO BOGO

Não, não. ALCA é uma coisa nova.

JUVENAL

Nova para o senhor, que não sabe de nada. Escuta aqui, ô

seu malacabado, antigamente a minha mãe lia a Briba, e lá estava escrito que Deus chamou um tal de Noélo e falou: Noélo, eu vou acabar com o mundo, o povo tá muito reberde. O povo tava matando, robando e estrupinando, e Deus mandou Noélo construir um navio bem grande, maior do que os pitanico.

JOÃO BOGO

Ô cidadão, o senhor está falando de arca e eu estou falando de outra coisa, eu estou falando de ALCA.

JUVENAL

Estão fazendo outra?

JOÃO BOGO

Não, moço, veja bem, ALCA é um projeto norte-americano, estadunidense: Área de Livre Comércio das Américas. Este projeto irá beneficiar as empresas americanas, multinacionais e transnacionais, e não os povos latino-americanos. Veja bem, os EUA é um país que produz com alta tecnologia, e quem produz muito, precisa de um grande mercado, não é verdade? Com a aprovação deste projeto, os EUA terão um público de mais de 800 milhões de pessoas para vender os seus produtos, sem empecilho nenhum, sem taxa alfandegária, ou seja, sem impostos.

JUVENAL

Rapaiz, me fala aonde eu encontro este mercado. Tô deisde madrugada tentando vendê a minha farinha e ninguém quer comprá.

JOÃO BOGO

Não moço, eu não estou falando de um simples mercado, estou falando de um continente. Veja bem, a economia americana está em crise e, para salvar a economia deles,

precisam de três desgraças e uma virtude, e uma delas está aqui na minha frente!

João Bogo fala isso olhando para Juvenal, que se assusta e fica indignado com a insinuação.

JUVENAL

Eu? Você tá me chamando de desgraça? Desgraça é você, seu filho de uma cabrita choca.

JOÃO BOGO

Calma, senhor! Eu não falei nada disso, o senhor entendeu mal.

JUVENAL

Falô sim. Tá me chamando de mentiroso? Eu ouvi o senhor falá, rapaiz.

JOÃO BOGO

Calma, moço! Eu vou explicar. Veja bem, com a implantação da ALCA, o analfabetismo será uma máquina de fazer dinheiro, as empresas públicas serão todas privatizadas.

JUVENAL

Certo, uai! O senhor é contra um negócio desse? Já vi que o senhor não tem coração mesmo, hein? Tá doido! O povo vai cagá aonde, se não tivé privada. Me fala, moço? Me fala?! O senhor tem umas idéia esquisita, não tem não?

JOÃO BOGO

Não moço, veja bem, privatizar é vender.

JUVENAL

Vender? E quem quer comprar isso?

JOÃO BOGO

Não moço, estou falando da empresa.

JUVENAL

Ah, bom!

JOÃO BOGO

O senhor tem filhos?

JUVENAL

Vixe! Um monte.

JOÃO BOGO

Quantos?

JUVENAL

Até na metade eu contei bem, mas depois eu perdi a conta! Peraí, me deixa vê... Tem a Mariazinha, Mané Pedro, o Tiãozinho, a Zefa, o Tuniquinho.

JOÃO BOGO

O senhor gasta muito com as crianças na escola?

JUVENAL

Gasto um pouco, mas dá para i levando, impurrando com a barriga.

JOÃO BOGO

Pois então, com a implantação da ALCA, todas as pessoas serão obrigadas a pagar uma mensalidade para estudar.

JUVENAL

Mas escuta, a escola não é do governo?

JOÃO BOGO

Sim, mas não podemos esquecer que a institucionalidade da ALCA já vem pronta, é ela quem define tudo e nós que seremos penalizados. E o senhor, que é um latino-americano, não pode deixar que isso aconteça.

JUVENAL

Como é que o senhor falou?

JOÃO BOGO

Eu disse que o senhor é um latino-americano.

JUVENAL *(levantando-se, irritadíssimo)*

Cachorro americano é ocê, rapaiz. Vai tomar no feverero, seu cabeça oca. *Avança, batendo com o chapéu em João Bogo.*

JOÃO BOGO

Calma, não precisa ficar bravo, nós somos descendentes de macaco.

JUVENAL

Ah é, então o senhor não transformô ainda não!

JOÃO BOGO

O senhor me respeita, hein? Faz favor!

JUVENAL

O senhor que começô, ué!

JOÃO BOGO

Bom, moço, esta é apenas uma das desgraças. A outra desgraça é a sede.

JUVENAL

É, a sede é uma desgraça mesmo. Lá no nordeste, o povo vive morrendo de sede, buscando água de jegue.

JOÃO BOGO

Mas no nordeste é um problema político. Não resolvem porque não querem. Mas, como eu estava dizendo, com a implantação da ALCA, os rios serão privatizados.

JUVENAL

Peraí, agora o senhor enlouqueceu. O senhor falou que privatizá é vendê, não é?

JOÃO BOGO

Sim.

JUVENAL

Mas, rapaiz, aonde já se viu vendê rio? Ninguém sabe fabricá, como que vai vendê? Só quem sabe fazê rio é Deus. O senhor já tá é mentindo, não pode um negócio desse.

JOÃO BOGO

Escuta, seu Juvenal, o senhor já viu alguém fabricar terra?

JUVENAL

Não!

JOÃO BOGO

Pois então, seu Juvenal. No entanto a terra está nas mãos de poucos e a água não será diferente. Os rios sendo privatizados é assim que vai funcionar! E o senhor acha que tem outra saída depois que privatizar?

JUVENAL

Ah, rapaiz, lembrei de uma coisa, eu não tô nem aí.

JOÃO BOGO

Não vai me dizer que o senhor encontrou uma saída?

JUVENAL

Mas é claro, eu lembrei que lá em casa tem um poço de primeira qualidade, quanto mais tira água, mais ele sobe, quanto mais tira, mais sobe.

JOÃO BOGO

Veja bem, moço, não é o senhor que vai mandar no poço.

JUVENAL

Não é o senhor, di certo. Eu cavo o poço mais minha véia, agora o senhor vem me dizer que eu não mando? Sai dessa rapaiz!

JOÃO BOGO

É o seguinte: o lençol também pertence à empresa.

JUVENAL

Eu lá quero saber se tem lençol, coberta? Eu quero saber é do meu poço.

JOÃO BOGO

Não, moço, eu estou falando é da mina de água, da fonte.

JUVENAL

O senhor fala de um jeito muito esquisito, fala cacimba, do jeito que eu entendo.

JOÃO BOGO

Pois então, o senhor poderá tirar água do poço, mas para isso terá que pagar, pois toda água por baixo, também é privatizada.

JUVENAL

Mas, rapaiz, eu já falei que foi eu quem cavô o poço mais minha véia, homi de Deus!

JOÃO BOGO

Outra desgraça é a doença!

JUVENAL

É verdade, a doença é uma desgraça.

JOÃO BOGO

Com a implantação da ALCA, todas as pessoas serão obrigadas a ter um plano de saúde

JUVENAL

Pano de saúde? Isso compra por quilo ou por metro?

JOÃO BOGO

Não, moço, veja bem, vou dar um exemplo: com a implantação da ALCA, o senhor terá que começar a pagar o caixão para, quando o senhor morrer, estar garantido que será enterrado. Certo?

JUVENAL

Certo o cacete! O senhor tá me agorando? Vai desejá o mal pro capeta, rapaiz!

JOÃO BOGO

Infelizmente, é assim que vai funcionar.

JUVENAL

Escuta, moço, mas o hospital não é do governo?

JOÃO BOGO

Sim, mas após a saúde ser privatizada, o governo perde a autonomia.

JUVENAL

O senhor tá me deixando preocupado. Se isso tudo for verdade, vai ser uma regaceira só, hein?!

JOÃO BOGO

E tem mais moço, olha só: a biodiversidade. Vamos pegar um exemplo, digamos que os americanos, com a implantação da ALCA, coloquem um laboratório na Amazônia e lá eles descobrem que uma planta cura a AIDS. A partir daí, nenhum outro laboratório pode desenvolver o remédio.

JUVENAL

Por quê?

JOÃO BOGO

Porque a planta será patenteada, ou seja, eles vão fazer o remédio com a nossa matéria-prima e vender para nós mesmos, que somos os legítimos donos, compreendeu, senhor?

JUVENAL

Ah, mais eu tive uma idéia legal, rapaiz. Lá em casa, eu tenho plantas medicinar, eu faço o remédio e carco no bucho.

JOÃO BOGO

Não, preste atenção! As empresas irão patentear a variedade, e não só o pé de planta certo! Com isso, as pessoas estarão proibidas de manipular os remédios. *Pausa.* Parece que quando o senhor chegou aqui, o senhor estava nervoso...

JUVENAL

É verdade, eu tô numa situação dura, não consigo vendê minha produção. Tê deisde madrugada, tentando vendê dez sacos de farinha, mas ninguém qué comprá. Estas dificuldade vão aumentá com a implantação da ALCA.

JOÃO BOGO

Esse é um ponto muito importante para todos nós.

JUVENAL

Eu pranto arroz, feijão, milho, mandioca, pepino e mais um monte de coisa.

JOÃO BOGO

O senhor produz leite?

JUVENAL

Eu não, a vaca sim!

JOÃO BOGO

E o preço tá bom, né?

JUVENAL

Tá. Tá bom do senhor tomá vergonha na cara e nem me perguntá uma coisa dessas.

JOÃO BOGO

Com a implantação da ALCA, vai ficar pior.

JUVENAL

Não fala uma desgraça desta não, moço!

JOÃO BOGO

Quanto o governo dá para o senhor, de subsídio, por ano?

JUVENAL

Subiu em quem, homem?

JOÃO BOGO

Estou perguntando quanto o senhor recebe de incentivo, dinheiro do Governo Federal?

JUVENAL

Ah, bom! Me deixa vê: é mais ou menos merda nenhuma.

JOÃO BOGO

Pois então! Os Estados Unidos têm uma proteção na produção subsidiada, que é a fundo perdido, não precisa devolver o dinheiro.

JUVENAL

Ah! Tá explicado. Governo sem-vergonha, hein, rapaiz?

JOÃO BOGO

Por quê?

JUVENAL

Dinheiro não precisa devolvê, mas o fundo do cara! É doido, rapaiz?! Vô perdê meu fundo nada, moço!

JOÃO BOGO

Não é nada disso, moço, o dinheiro é doado.

JUVENAL

E o fundo é tomado.

JOÃO BOGO

Veja bem: o governo dos EUA dá dinheiro aos seus produtores, e nós não recebemos nada por isso. Com este incentivo, a produção deles é melhor e mais barata, e com a implantação da ALCA o mercado será o mesmo. É como se fosse a briga do tubarão com a sardinha, quem o senhor acha que ganha?

JUVENAL

A sardinha.

JOÃO BOGO

A sardinha?

JUVENAL

É, se ela corrê primeiro, né?

JOÃO BOGO

E o pior de tudo isso, é saber que quem dá este dinheiro para eles, somos nós, não é verdade? Através de impostos, já ouviu falar da dívida externa, não é?

JUVENAL

Ah, estes dias eu vi na televisão, é uma tal de dívida eterna, eles diz que é mais ou menos assim: paga, repaga, tripaga, e nunca paga.

JOÃO BOGO

Outro grande problema que a ALCA traz, é os transgênicos. O senhor já ouviu falar?

JUVENAL

Meu Deus do céu, que tanta desgraça! A cuma é? Transa o quê, homem?

JOÃO BOGO

Transgênicos.

JUVENAL

Isso não é besteira não, moço?

JOÃO BOGO

Não. Veja bem, transgênicos são sementes geneticamente modificadas, criadas em laboratório. Por exemplo, o senhor sabe como fazer enxerto, não sabe?

JUVENAL

É assim ó: você pega o limão e enxerta na laranja.

JOÃO BOGO

Isso é de família pra família, não é?

JUVENAL

Rapaiz, deixa eu te contá, estes dias eu me empolguei e fui tentá cruzá a melancia co a jabuticaba. Mais não deu não. Depois tentei cruzá o abacaxi com a maçã, mais a maçã é muito injuada, acho que o abacaxi tava espinhando ela.

JOÃO BOGO

Pois então, como eu estava dizendo das sementes transgênicas: em 1983 aconteceu a primeira experiência transgênica. Veja bem, os cientistas pegaram o gene de um pé de fumo e um gene de um vaga-lume. O senhor sabe o que é gene?

JUVENAL

Sei, gene é de muê cana, não é?

JOÃO BOGO

Não moço, nada a ver. Vamos simplificar, o senhor sabe o que é DNA, não sabe?

JUVENAL

O senhor agora me chamê de burro e ainda deu a quaireira. Quem não sabe o que é DNA, rapaiz? Eu tenho um irmão que mora em uma casa do DNA.

JOÃO BOGO

Não moço, o senhor está equivocado.

JUVENAL

Qui, quivocado, nada! Agora qué sabê mais do que eu?

JOÃO BOGO

Não, é que o senhor está falando de BNH.

JUVENAL

Ô rapaiz, é mesmo. Descurpa, é que eu me atrapalhei. É tanta coisa, que me deixa doido.

JOÃO BOGO

Como eu estava dizendo, em 1983 os cientistas pegaram o DNA de um vaga-lume com o DNA de um pé de fumo, ou seja, pegaram o gene do vaga-lume, com o gene do pé de fumo e juntaram os dois, e a noite o pé de fumo ilumina.

JUVENAL *(assustado, olhando sério para João Bogo)*

Como é que é o negócio aí?

JOÃO BOGO

É, parece inacreditável, mas é verdade.

Juvenal cai numa gargalhada demasiada, erguendo as pernas, balançando a cabeça, como se estivesse duvidando de João Bogo.

JUVENAL

Um pé de fumo com luz.

JOÃO BOGO *(irritado com o comportamento de Juvenal)*

O senhor acha que eu estou mentindo? Estou tentando ajudar e o senhor fica com palhaçada. Eu tenho mais o que fazer.

JUVENAL

Não. Calma moço, eu tô brincando, mas é legar, rapaiz.

JOÃO BOGO

Legal? Brincar de Deus é legal?

JUVENAL

É legar, aonde mora este cientista?

JOÃO BOGO

Sei lá. Deve morar nos EUA.

JUVENAL

Eu vou lá, vou vendê o meu jegue e vou falá com este tar de cientista.

JOÃO BOGO

Pra quê?

JUVENAL

Pra eu fazê um negócio pra mim.

JOÃO BOGO

Fazer o quê?

JUVENAL

Vou pedi pra ele cruzá o fumo com o meu isqueiro.

JOÃO BOGO

Pra quê?

JUVENAL

Pro fumo já vim aceso!

Juvenal ri muito com sua própria piada.

JOÃO BOGO

O senhor está brincando, e rindo da própria desgraça. O objetivo destas empresas é o monopólio, eles querem ser os donos das sementes que são, sem dúvida nenhuma, patrimônio da humanidade. Para o senhor ter uma idéia, estas sementes transgênicas não se reproduzem, ou seja, o senhor planta, mas não pode guardar as sementes para o próximo plantio.

JUVENAL

A cuma?

JOÃO BOGO

As sementes transgênicas são sementes patenteadas, as empresas têm exclusividade, total domínio. Para o senhor ter uma idéia, eles já fizeram uma experiência com a semente de milho.

JUVENAL

Que experiência?

JOÃO BOGO

Eles colocaram um vírus, por nome Terminator, na semente de milho. Este vírus bloqueia a germinação da semente. Assim, o produtor tem que devolver toda a semente produzida para a empresa. Lá, eles colocam um produto para desbloquear a germinação, e se o produtor quiser plantar novamente, tem que comprar a semente outra vez.

JUVENAL

E o governo não vai fazê nada?

JOÃO BOGO

O governo não tem total poder sobre isso.

JUVENAL

E quem tem, então?

JOÃO BOGO

As empresas multinacionais, entre elas, a mais poderosa, que é a Monsanto.

JUVENAL

Mão santa nada, mão do capeta, rapaiz.

JOÃO BOGO

E o pior é que isso pode causar um desequilíbrio ecológico, ou seja, as plantas transgênicas podem eliminar as plantas naturais, nenhum cientista garante o que pode acontecer no futuro da humanidade. E o pior é que nós estamos comendo estes produtos, em nosso dia a dia. A lei obriga que todos os produtos que contiverem acima de um por cento de transgênicos, têm que ser rotulados, mas as empresas não obedecem.

JUVENAL

Santa carupita!

JOÃO BOGO

E outra coisa, estes produtos atrapalham as nossas exportações. Porque os compradores, ou importadores, não querem ser cobaias de ninguém. A China e o Japão são os maiores compradores de soja do Brasil e já avisaram que não irão permitir a entrada de produtos transgênicos em seus países, mas quem e como vamos garantir que as nossas sementes não estão contaminadas? Os EUA produzem noventa por cento das sementes transgênicas, outro grande produtor é a Argentina, e grande parte da população estadunidense sofre de alergia, que pode ser um dos efeitos colaterais, pode sofrer uma transformação absurda.

JUVENAL

Ai, meu Deus! Agora eu me preocupei.

JOÃO BOGO

O que foi?

JUVENAL

O senhor falô que pode sê que as coisa transforme, não foi?

JOÃO BOGO

Sim, até que provem o contrário.

JUVENAL

Já pensô, eu carpindo lá na roça, cortando, muito tranqüilo, de repente, o pé de mio oia pra mim cos zóio abutecado, faz “UAU” e me come? Minha nossa senhora!

JOÃO BOGO

É realmente preocupante, e assustador! Bom, depois de toda esta conversa, eu gostaria que o senhor passasse esta informação à frente. Sabe por quê? Nós estamos com o propósito de realizar um plebiscito oficial contra a ALCA, no dia três de outubro, no mesmo dia da eleição, mas para isso temos que ir conscientizando as pessoas, não é verdade?

JUVENAL

É, mas eu não sei falá do jeito que o senhor fala, não.

JOÃO BOGO

Não importa, o importante é falar o que isso vai significar para nós.

JUVENAL

Ah moço, eu tive uma idéia. O povo não gosta de i em reunião...

JOÃO BOGO (*interrompendo*)

Tá vendo? Que bom. Sempre há uma maneira.

JUVENAL

...eu vou chamá o povo lá em casa e dizê que vai tê uma festa de regaçá as berada. Aí vem tudo mundo, e eu faço a reunião.

JOÃO BOGO

E depois que acabar a reunião?

JUVENAL

Aí eu caio no capuerão.

JOÃO BOGO

Seu Juvenal, obrigado pela atenção do senhor. Mas eu preciso ir embora.

JUVENAL

Brigado uma pinóia. O senhor vai comprá minha farinha.

JOÃO BOGO

Não, eu não posso comprar.

JUVENAL

Ah, seu mão de vaca. Me inrolô todo este tempo, e não vai comprá nada?

JOÃO BOGO

Mas aonde está sua farinha?

JUVENAL

Tá lá na carroça, eu deixei o meu cavalo amarrado lá num pé de mio.

JOÃO BOGO

Então foi embora.

JUVENAL

Meu Deus do céu, aonde eu tava com a cabeça? Amarrá o cavalo num pé de mio?

João Bogo sai. Juvenal fica conversando sozinho, de repente entra a ALCA, uma pessoa muita bem trajada, com roupa social (terno e gravata ou um vestido, blazer) e com uma máscara de domínio atrás, na nuca, ex. do Tio Sam, do Bush, etc. Entra com as mãos para cima como se fosse um político pedindo voto, mexe com o público.

ALCAPETA *(cumprimentando Juvenal)*

Olá moço, eu represento a ALCA, que é um projeto de desenvolvimento da América Latina para ajudar os países menos favorecidos.

JUVENAL

Rapaiz, que coincidência! Nós tava falando no senhor agora mesmo. Eu vô falá a verdade: o moço que tava prosiano comigo falou muuuuito mar do senhor. Tem uma língua do tamanho da “globo”.

ALCAPETA

Do tamanho do quê?

JUVENAL

Da globo, da terra!

ALCAPETA

Ah, bom! Sabe que o senhor é um homem muito inteligente?

JUVENAL

Acabô cum o sinhô, mas tô vendo que o senhor é gente boa. E não é só eu que acho isto, não. Qué vê só? *Ao público* Ele é um moço muito bunito, de presença, é ou não é, pessoar?

ALCAPETA

Muitíssimo obrigado. Somente este projeto pode agradecê-lo, pois não tenho palavras para isto.

JUVENAL

O povo gostô do senhor demais, purquê só di oiá na cara do senhor percebi toda beleza que o senhor tem na arma.

ALCAPETA

Eu ouvi você falar em vender farinha, eu compro tudo. Aliás, com a ALCA, o mercado pra venda vai ficar ótimo. O senhor vai poder vender sua farinha pra quem quiser e onde quiser. Afinal, é livre mercado! Vamos lá, eu vou comprar sua farinha.

ALCAPETA coloca a mão nas costas do camponês e vão caminhando.

JUVENAL

Agora eu tirei o pé da lama... *Pisa numa merda de cavalo ...e coloquei na merda.*

Saem.

Referência bibliográfica

Relação de trabalhos acadêmicos, artigos e entrevistas sobre a experiência da Brigada Patativa do Assaré e do Coletivo de Cultura do MST:

BETTI, Maria Sílvia . : **A força da mobilização** . Reportagem (Belo Horizonte), v. 80, p. 104-109, 2006.

BOAL, Augusto. **No palco, soluções para a vida real**. Entrevista concedida a Nestor Cozetti. São Paulo: Jornal Brasil de Fato, ano 3, nº 141, novembro de 2005.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**. São Paulo: Inkra/ Pronera/Iterra – Caderno de Formação nº 34, 2000.

COLETIVO da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz. **Teatro popular, território e movimento**. São Paulo: Jornal Sem Terra, ano XXIV, nº 258, dezembro de 2005.

COLETIVO Nacional de Cultura do MST. **Caderno das Artes nº 01: Teatro**. São Paulo: MST, 2005.

_____. **Agitprop e MST**: considerações sobre a práxis da agitação e propaganda. Brasília: 2005, mimeo.

_____. **Teatro e Reforma Agrária**: a inserção do Teatro do Oprimido no MST. Brasília, 2005, mimeo.

_____. **Ensaio sobre Arte e Cultura na Formação**. Rede Cultural da Terra – caderno das artes. São Paulo: Anca, 2005.

ESTEVA, Douglas. **Trajetória de uma estética política do**

teatro. Texto publicado na página www.mst.org.br no dia 02 de dezembro de 2005.

_____. **Cultura, política e participação popular.** São Paulo, 2006, Livro Interativo da Teia, Editora Cultura em Ação, 2007.

FARIA, Glauco; SOARES, Nicolau. **Um outro MST.** São Paulo: Revista Fórum, nº 27, junho de 2005.

GOMES, Cristiane. **Sem-terra ocupam palco do Arena.** São Paulo: Jornal Brasil de Fato, ano 3, nº 145, dezembro de 2005.

JORNAL SEM TERRA. **Teatro para além dos palcos.** Ano XXV, nº 271, abril de 2007.

MITTELMAN, Tania. **A arte no Coletivo de Cultura do MST (1996-2006).** Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFF – Curso de Pós-Graduação em História, 2006.

NÓBREGA, Márcia. **Peça pra falar, palco pra ocupar: encontros entre o MST e o teatro.** Brasília: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2006. Monografia de conclusão de curso de graduação.

RICIÉRI, Daniele; GARCIA, Maria Cecília. **O exemplo da ação teatral no MST.** São Paulo: Jornal O Sarrafo, nº 8, dezembro de 2005.

SILVA, Alessandra. **Arte e cultura na transformação do**

indivíduo. *In* Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: ano XXVI, nº 275, agosto de 2007.

SILVA, Lidiane Aparecida da. **Teatro no MST:** a construção de um instrumento de formação e transformação. São Paulo: Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, 2005. Dissertação apresentada como requisito para conclusão do curso de pós-graduação *latu-sensu* em educação e desenvolvimento do campo.

SILVA, Maria Aparecida da. **O papel do teatro na organização dos jovens do Assentamento Carlos Lamarca (SP).** Veranópolis: Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (Iterra) e Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), 2004. Monografia de conclusão de curso de ensino médio com especialização em comunicação popular.

VIA CAMPESINA, Coletivo de Comunicação, Cultura e Juventude da. **Agitação e propaganda no processo de transformação social.** São Paulo, 2007.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. **Sem Terra identificam suas lutas em experiências teatrais do MST.** Texto publicado na página www.mst.org.br no dia 27 de julho de 2006.

_____. **Conflito agrário brasileiro:** três formas de representação e intervenção. Brasília, 2006, mimeo.

_____. **Conexões em cena:** a luta pela terra em dois momentos do teatro brasileiro. Brasília, 2006, mimeo.

O combate à ideologia dominante faz parte dos nossos processos de luta contra a dominação. Para além dos desenvolvidos nas lutas mais imediatas de enfrentamento do latifúndio e do agronegócio que se traduzem na força da organização, o MST já desenvolve há alguns anos a luta mais sistematizada na frente cultural. Este livro dá conta da experiência de luta na frente teatral, da organização das brigadas de teatro e das suas pautas específicas, escrevendo mais um capítulo da luta do MST na trincheira ideológica.



Ministério
da Cultura

